

Universidades Lusíada

Moreira, Ricardo Alexandre Rodrigues, 1996-

Estratégias de recrutamento na criminalidade organizada : uma análise ao Clã Los Charlines

<http://hdl.handle.net/11067/8368>

Metadados

Data de Publicação

2025

Resumo

Esta investigação centra-se na análise da perceção cinematográfica das estratégias de recrutamento empregadas pelo clã Los Charlines, um dos grupos mais notórios do narcotráfico na Galiza. Inserido no contexto da criminalidade organizada, o clã consolidou-se ao longo das últimas décadas como um agente fundamental na introdução e distribuição de drogas na Península Ibérica, operando com redes internacionais. O foco específico deste estudo é explorar a perceção cinematográfica de como o clã Los C...

This research focuses on analysing the cinematic perception of the recruitment strategies employed by the "Los Charlines" clan, one of the most notorious drug trafficking groups in Galicia. Operating within the context of organised crime, the clan has established itself over the last few decades as a key player in introducing and distributing drugs across the Iberian Peninsula, working through international networks. The specific focus of this study is to explore the cinematic portrayal of how ...

Palavras Chave

Crime organizado, Criminosos - Recrutamento, Tráfico de drogas - Espanha - Galiza (Região), Clãs da Galiza (Programa de televisão)

Tipo

masterThesis

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULL-FD] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2026-10-30T01:05:02Z com informação proveniente do Repositório



UNIVERSIDADE LUSÍADA

FACULDADE DE DIREITO

Mestrado em Segurança e Justiça

**Estratégias de recrutamento na criminalidade
organizada: uma análise ao Clã Los Charlines**

Realizado por:

Ricardo Alexandre Rodrigues Moreira

Orientado por:

Professor Doutor Sérgio Ricardo Costa Chagas Felgueiras

Constituição do Júri:

Presidente:	Professor Doutor José Alberto Rodríguez Lorenzo González
Orientador:	Professor Doutor Sérgio Ricardo Costa Chagas Felgueiras
Arguente:	Professor Doutor Pedro Miguel da Silva Pereira

Dissertação aprovada em: 16 de dezembro de 2025

Lisboa

2025



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A D E L I S B O A

Faculdade de Direito

Mestrado em Segurança e Justiça

Estratégias de recrutamento na criminalidade organizada: uma análise ao Clã Los Charlines

Ricardo Alexandre Rodrigues Moreira

Dissertação de Mestrado

Lisboa

Agosto 2025



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A

FACULDADE DE DIREITO

MESTRADO EM SEGURANÇA E JUSTIÇA

Estratégias de recrutamento na criminalidade organizada: uma análise ao Clã Los Charlines

Ricardo Alexandre Rodrigues Moreira

Lisboa

Agosto 2025

Ricardo Alexandre Rodrigues Moreira

Estratégias de recrutamento na criminalidade organizada: uma análise ao Clã Los Charlines

Dissertação apresentada à Faculdade de Direito da Universidade Lusíada para a obtenção do grau de Mestre em Segurança e Justiça.

Orientador: Professor Doutor Sérgio Ricardo Costa Chagas Felgueiras

Lisboa

Agosto 2025

FICHA TÉCNICA

Autor Ricardo Alexandre Rodrigues Moreira
Orientador Professor Doutor Sérgio Ricardo Costa Chagas Felgueiras
Título Estratégias de recrutamento na criminalidade organizada: uma análise ao Clã Los Charlines
Local Lisboa
Ano 2025

CASA DO CONHECIMENTO DA UNIVERSIDADE LUSÍADA - CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

MOREIRA, Ricardo Alexandre Rodrigues, 1996-

Estratégias de recrutamento na criminalidade organizada : uma análise ao Clã Los Charlines / Ricardo Alexandre Rodrigues Moreira ; orientado por Sérgio Ricardo Costa Chagas Felgueiras. - Lisboa : [s.n.], 2025. - Dissertação de Mestrado em Segurança e Justiça, Faculdade de Direito da Universidade Lusíada.

I - FELGUEIRAS, Sérgio Ricardo Costa Chagas, 1971-

LCSH

1. Crime organizado
2. Criminosos - Recrutamento
3. Tráfico de drogas - Espanha - Galiza (Região)
4. Clãs da Galiza (Programa de televisão)
5. Universidade Lusíada. Faculdade de Direito - Teses
6. Teses - Portugal - Lisboa

1. Organized crime
2. Criminals - Recruiting
3. Drug traffic - Spain - Galicia (Region)
4. Gangs of Galicia (Television program)
5. Universidade Lusíada. Faculdade de Direito - Dissertations
6. Dissertations, academic - Portugal - Lisbon

LCC

1. HV6441.M67 2025

AVISO LEGAL

O conteúdo desta dissertação reflete as perspetivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela. Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

DEDICATÓRIA

Ao Joaquim e à Fernanda, por todo o amor incondicional que sempre me deram. Vocês são tudo na minha vida e sem vocês eu não teria chegado sequer a um quarto do caminho percorrido.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à minha família, pelo amor e apoio constantes ao longo deste percurso. Um agradecimento especial à Sónia, mais que uma mãe para mim, por todas as vezes que me chamou à atenção e me incentivou a ser melhor.

Aos que me são mais próximos, pela presença diária, pelo apoio incondicional e por nunca me deixarem desistir.

Aos meus camaradas da Força Aérea, pela motivação e pelo incentivo de regressar aos estudos e a procurar sempre evoluir.

Ao meu orientador, Sr. Professor Superintendente Sérgio Felgueiras, pela orientação, disponibilidade e valiosos conselhos, que foram essenciais para a concretização deste trabalho.

Por cada um de vós, continuarei a lutar por melhorar sempre.

APRESENTAÇÃO

Estratégias de recrutamento na criminalidade organizada: Uma análise ao Clã Los Charlines

Ricardo Alexandre Rodrigues Moreira

Esta investigação centra-se na análise da perceção cinematográfica das estratégias de recrutamento empregadas pelo clã Los Charlines, um dos grupos mais notórios do narcotráfico na Galiza. Inserido no contexto da criminalidade organizada, o clã consolidou-se ao longo das últimas décadas como um agente fundamental na introdução e distribuição de drogas na Península Ibérica, operando com redes internacionais.

O foco específico deste estudo é explorar a perceção cinematográfica de como o clã Los Charlines atrai, seleciona e integra novos membros, considerando fatores como a influência social e as dinâmicas de poder internas e externas ao grupo. Serão analisadas fontes bibliográficas e episódios documentados na série “Clãs da Galiza”, da Netflix, uma dramatização com base em factos reais que oferece uma visão da cultura e das práticas de contrabando na região.

A investigação procura compreender a perceção cinematográfica sobre as técnicas de aliciamento utilizadas, a hierarquia interna, e o papel do contexto socioeconómico local nas escolhas e trajetórias dos envolvidos. Este estudo pretende contribuir para uma melhor compreensão sobre os mecanismos de recrutamento em organizações criminosas e o seu impacto social, com ênfase no contexto cultural e histórico da Galiza.

Palavras-chave: Clã Los Charlines, Crime organizado, Dinâmicas familiares, Narcotráfico, Perceção cinematográfica, Recrutamento.

PRESENTATION

Recruitment strategies in organised crime: An analysis of the Los Charlines Clan

Ricardo Alexandre Rodrigues Moreira

This research focuses on analysing the cinematic perception of the recruitment strategies employed by the "Los Charlines" clan, one of the most notorious drug trafficking groups in Galicia. Operating within the context of organised crime, the clan has established itself over the last few decades as a key player in introducing and distributing drugs across the Iberian Peninsula, working through international networks.

The specific focus of this study is to explore the cinematic portrayal of how the "Los Charlines" clan attracts, selects, and integrates new members, considering factors such as social influence and both internal and external power dynamics. Bibliographic sources and documented episodes from the Netflix series "Clãs da Galiza" a dramatization based on actual events that offer a glimpse into the region's culture and smuggling practices, will be analysed.

This research seeks to understand the cinematic perception of the enticement techniques used, the internal hierarchy, and the role of the local socioeconomic context in the choices and trajectories of those involved. It aims to contribute to a better understanding of recruitment mechanisms in criminal organisations and their social impact, emphasising the cultural and historical context of Galicia.

Keywords: Los Charlines Clan, Organised crime, Family Dynamics, Drug trafficking, Cinematic perception, Recruitment.

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

UNODC - Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime

IPO - International Permanent Observatory

EMCCDA - European Monitoring Centre for Drugs and Drug Addiction

SUMÁRIO

Apresentação	viii
Presentation	ix
Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos	x
Introdução.....	1
1- Contextualização do tema	4
2- Método	6
2.1- Abordagem metodológica	6
2.2- Corpus	8
2.3- Técnicas de análise de conteúdo.....	10
3- Perceção cinematográfica da criminalidade organizada	12
3.1- Perceção cinematográfica.....	18
3.2- Criminalidade organizada	20
3.3- Narcotráfico	25
3.4- Estruturas e funcionamento das organizações criminosas.....	31
3.5- Recrutamento	36
4- O Clã Los Charlines.....	42
4.1- Origem e expansão do Clã Los Charlines no contexto socioeconómico da Galiza 43	
4.2- Hierarquia e dinâmicas internas do Clã Los Charlines	47
4.3- A influência social e económica do Clã na Galiza	50
4.4- Métodos e estratégias de recrutamento	53
4.5- Série “Clãs da Galiza” e a representação do recrutamento do crime organizado 57	
Conclusão.....	61
Referências	66
Apêndices.....	74

INTRODUÇÃO

Por crime organizado entende-se a existência de grupos estruturados que se envolvem em atividades ilegais com fins lucrativos, os quais se infiltra em setores legítimos da sociedade (Albanese, J. 2014).

Conforme nos refere Weber (1947), embora o crime organizado possa abranger uma ampla gama de condutas ilícitas, o que distingue as infrações cometidas individualmente daquelas realizadas por coletivos é precisamente o elemento da organização. Ora, este conceito refere-se à existência de uma estrutura coordenada, composta por indivíduos que colaboram entre si com o propósito de alcançar objetivos ou metas comuns.

Neste sentido, de acordo com von Lampe (2016), a criminalidade organizada constitui um fenómeno complexo, multifacetado e profundamente enraizado em determinados contextos sociais, económicos e culturais.

Já o Código de Processo Penal, no seu art.º 1.º, alínea m) define criminalidade altamente organizada como “as condutas que integrarem crimes de associação criminosa, tráfico de órgãos humanos, tráfico de pessoas, tráfico de armas, tráfico de estupefacientes ou de substâncias psicotrópicas, corrupção, tráfico de influência, participação económica em negócio ou branqueamento”.

Assim, estamos perante um conceito complexo, sem uma definição precisa, mas relativamente ao qual não existem dúvidas de que apresenta fortes consequências sociais.

É que, para além da sua manifesta dimensão criminosa, as entidades que se dedicam ao crime organizado desenvolvem estratégias sofisticadas de adaptação e reprodução que as tornam não apenas resilientes à repressão estatal, mas – como referimos – que também são capazes de se infiltrar em estruturas legítimas da sociedade e, desta forma, ficam de alguma forma camufladas, dificultando o trabalho das autoridades.

Uma das principais ferramentas de manutenção e expansão destas organizações é o recrutamento, processo pelo qual indivíduos são integrados

nas suas fileiras, muitas vezes através de mecanismos que combinam coação, sedução simbólica e oportunidades económicas.

Em face do exposto, no presente estudo propomo-nos investigar as estratégias de recrutamento utilizadas pelas entidades que se dedicam à criminalidade organizada, analisando o Clã Los Charlines – uma das mais notáveis redes de narcotráfico originárias da Galiza.

O referido grupo, com origem no contrabando tradicional galego, evoluiu para uma estrutura criminosa transnacional, com fortes ligações ao narcotráfico latino-americano e europeu.

Cremos que a escolha do Clã Los Charlines como objeto de análise permitirá compreender de que forma as realidades socioeconómicas periféricas, marcadas por carências estruturais, podem fornecer terreno fértil para o crescimento e consolidação de redes criminosas altamente organizadas.

A investigação estrutura-se em quatro partes principais.

No primeiro capítulo procedemos a uma contextualização do tema, que permita um enquadramento geral da questão que iremos abordar.

Segue-se uma descrição metodológica na segunda parte, onde se detalha a abordagem qualitativa adotada, bem como os critérios de seleção do *corpus* de análise, nomeadamente episódios específicos da série documental “Clãs da Galiza”, que representa de forma dramatizada e documental o percurso e as práticas de grupos criminosos como Los Charlines, retratados na série como “Os Padín”.

Desta forma, procurar-se-á refletir criticamente sobre a visão geral relativamente às organizações criminosas e o impacto dessa representação coletiva na perceção pública dos seus modos de operação, incluindo o recrutamento, através da perceção cinematográfica da série televisiva.

Na terceira parte avançaremos com especial foco na forma como a criminalidade organizada tem sido percecionada e representada nos meios de comunicação e no imaginário coletivo, em particular através do cinema e da televisão.

Através da análise de conteúdo, procura-se extrair padrões narrativos, representações simbólicas e elementos discursivos que permitam inferir estratégias de recrutamento no seio do clã.

No quarto e último capítulo, dedicado em específico ao Clã Los Charlines, analisa-se a sua origem e expansão, a sua estrutura interna, os mecanismos de controlo e influência territorial, bem como os métodos específicos utilizados para o recrutamento de novos membros. A referida análise será ainda complementada pela observação crítica da forma como esses processos são representados na série “Clãs da Galiza”, permitindo confrontar a realidade empírica com a sua dramatização mediática.

Após a explanação geral, na conclusão sintetizam-se os principais resultados da investigação, refletindo-se sobre as implicações sociais e criminológicas das estratégias de recrutamento na criminalidade organizada.

1- CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

Foi há 15 anos atrás, em 2010, que o Diretor Executivo do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC), António Maria Costa, emitiu um alerta à comunidade internacional relativamente à crescente ameaça representada pelo crime organizado à segurança dos Estados e ao desenvolvimento e bem-estar das sociedades em todo o mundo, por via do qual afirmou que nos últimos 25 anos, a governação global não acompanhou a globalização económica. Assim, enquanto o comércio, as finanças, as viagens e as comunicações trouxeram crescimento, também abriram espaço para o crime organizado prosperar. Este diversificou-se, tornou-se transnacional e de escala macroeconómica, movendo mercadorias ilícitas entre continentes. Hoje, representa uma séria ameaça à segurança, sobretudo em países pobres ou em conflito, alimentada pela corrupção, infiltrando-se na política, travando assim o seu desenvolvimento. A gravidade levou o Conselho de Segurança da ONU a tratar do tema em vários contextos (Afeganistão, República Democrática do Congo, América Central, Somália, África Ocidental, entre outros), incluindo tráfico de armas, drogas, pessoas e recursos naturais. Apesar da mobilização de exércitos e marinhas contra cartéis e piratas, a ameaça persiste. (UNODC, 2010).

Conforme se verifica pela análise de António Maria Costa, a criminalidade organizada consubstancia um fenómeno complexo e persistente no panorama da segurança e da justiça criminal contemporânea.

Neste sentido, Varese, F. (2013) salienta-nos que a criminalidade organizada é caracterizada por estruturas hierarquizadas, assentes numa lógica empresarial bem estruturada, sendo as mesmas marcadas pela durabilidade no tempo e ainda pelo envolvimento em atividades ilícitas altamente lucrativas, como sejam o tráfico de drogas, contrabando, branqueamento de capitais, entre outras.

Devido ao estabelecimento de claras estruturas hierárquicas nas organizações criminosas, existem claros ganhos de eficiência, controlo e ainda de sustentabilidade, consubstanciando, do outro lado da moeda, claros desafios

para as agências de segurança pública e dificuldades em responsabilizar a liderança (Zayats & Shai, 2024).

Assim, independentemente da área onde atue, a verdade é que a criminalidade organizada tem demonstrado, ao longo do tempo, uma grande capacidade de adaptação às transformações políticas, económicas e tecnológicas da sociedade.

De acordo com Calderoni *et al* (2021), um dos pilares centrais para a sustentabilidade e expansão da criminalidade organizada é a sua capacidade de recrutamento.

Por conseguinte, é fundamental conseguirmos compreender as estratégias utilizadas por estas organizações para captarem novos membros e, desta forma, conseguirem prolongar a sua atividade, no tempo.

É neste contexto que centramos a presente investigação no caso do Clã Los Charlines.

O Clã Los Charlines representa um caso paradigmático de evolução de um grupo familiar inicialmente dedicado ao contrabando de alimentos e tabaco para uma rede criminosa altamente estruturada, envolvida no tráfico internacional de estupefacientes, com ramificações em diversos países.

A escolha deste Clã como objeto da nossa análise deve-se a múltiplos fatores.

Em primeiro lugar, trata-se de uma organização com um percurso histórico suficientemente documentado, que permite um olhar abrangente sobre os processos de consolidação, adaptação e recrutamento.

Em segundo lugar, a sua natureza familiar e territorial permite-nos estudar o papel das redes de contactos, dos vínculos de confiança e da coesão cultural e comunitária como elementos facilitadores da integração de novos membros.

Por último, o caso em apreço inscreve-se numa geografia do crime específica, marcada por uma economia informal, por uma relação ambígua entre as comunidades locais e as redes criminosas, e ainda por uma histórica dificuldade

por parte das autoridades em desarticular estruturas de poder subterrâneas profundamente enraizadas.

2- MÉTODO

Conforme nos salienta Gerring (2011), a construção de uma investigação sólida no domínio das ciências sociais e humanas exige um enquadramento metodológico rigoroso e justificado.

A metodologia constitui o alicerce epistemológico e técnico que orienta o processo de recolha, seleção e análise dos dados, determinando a coerência entre os objetivos propostos e os resultados alcançados (Daruhadi e Sopiati, 2024). Neste estudo, cujo foco incide sobre a perceção cinematográfica das estratégias de recrutamento no seio da criminalidade organizada, com especial destaque para o clã Los Charlines, optou-se por uma abordagem qualitativa, assente em técnicas de análise de conteúdo aplicadas a representações audiovisuais ficcionadas baseadas em factos reais.

O objetivo central é compreender como o fenómeno do recrutamento é representado na série Clãs da Galiza (Netflix, 2024), analisando os seus elementos simbólicos, narrativos e discursivos à luz das teorias da criminologia, da sociologia visual e dos estudos culturais.

2.1- ABORDAGEM METODOLÓGICA

A opção por uma abordagem qualitativa prende-se com a natureza exploratória e interpretativa do problema de investigação (Lewis, 2015). Ao invés de procurar quantificar fenómenos ou estabelecer relações causais lineares, o presente estudo pretende compreender a construção simbólica e discursiva de um fenómeno social, o recrutamento em organizações criminosas, tal como é representado numa narrativa audiovisual de inspiração realista.

Como defende Norman Denzin, “a investigação qualitativa implica uma abordagem interpretativa e naturalista ao mundo. Isto significa que os investigadores qualitativos estudam os fenómenos nos seus contextos naturais,

procurando compreendê-los ou interpretá-los em função dos significados que as pessoas lhes atribuem” (Denzin, 2018, p.43).

Trata-se, assim, de uma abordagem que privilegia a interpretação dos significados e a desconstrução dos códigos culturais, em detrimento da quantificação de variáveis observáveis (Camic, Rhodes & Yardley, 2003).

Ao optar por uma metodologia qualitativa, esta dissertação recusa uma conceção positivista da realidade social, assumindo que os fenómenos culturais não são entidades objetivas passíveis de serem medidas, mas produções simbólicas construídas discursivamente.

Esta perspetiva é particularmente pertinente no estudo de séries televisivas, uma vez que estas operam num campo simbólico onde o real e o ficcional se entrelaçam de forma densa (Chicharro-Merayo, Gil-Gascón & Baptista, 2023).

Esta escolha metodológica é reforçada pelo carácter interdisciplinar da temática, que exige o cruzamento de saberes oriundos da criminologia, sociologia da comunicação, semiótica e estudos culturais (Ferrell, 2013).

O objeto de estudo, uma série da Netflix baseada em factos reais, impõe um modelo interpretativo capaz de captar a natureza híbrida da representação mediática, onde factos e ficção, realismo e dramatização se entrelaçam na produção de sentidos sobre a criminalidade. Como sublinha Hall “membros da mesma cultura devem partilhar conjuntos de conceitos, imagens e ideias que lhes permitam pensar e sentir o mundo e, assim, interpretá-lo de formas, em grande medida, semelhantes” (Hall, 1997, p. 4).

O enquadramento teórico do estudo apoia-se na criminologia cultural e nos estudos de *media*, privilegiando uma leitura que articula representações audiovisuais, perceções sociais do crime e estruturas discursivas de poder. A criminologia cultural, conforme proposta por Ferrell *et al.* (2008), oferece um quadro analítico que permite examinar o crime não apenas como uma transgressão legal, mas como um fenómeno cultural carregado de significado.

Por sua vez, os estudos de *media* fornecem as ferramentas para decifrar os códigos narrativos, visuais e sonoros através dos quais se constrói a figura do criminoso, do clã e da violência legitimada (Hirschfield & Simón, 2010).

Neste sentido, adotou-se uma estratégia metodológica hermenêutica, centrada na interpretação dos conteúdos audiovisuais e dos seus elementos narrativos, dado o seu maior impacto na perceção das questões em análise (Gibbons *et al.*, 1986).

A análise tem como foco as estratégias de aliciamento, as dinâmicas de hierarquia, os processos de legitimação interna dos grupos criminosos, e a forma como estes são dramatizados na série analisada.

A metodologia qualitativa permite não apenas descrever, mas também interpretar os significados que emergem da representação do crime e da sua organização interna.

A opção metodológica assenta na capacidade de aprofundar a compreensão de um fenómeno específico num determinado contexto social e cultural. Yin (2005) sublinha que o estudo de caso se impõe sempre que se procuram responder a perguntas de “como” e “porquê” sobre fenómenos atuais em contexto real, especialmente quando o investigador dispõe de escassa capacidade de intervenção nos acontecimentos.

O objeto de análise, a série Clãs da Galiza (Netflix, 2024), é particularmente relevante porque torna ficcional acontecimentos históricos associados a um clã criminoso real, os Los Charlines, retratado como “Os Padín”, permitindo articular os dados culturais com realidades empíricas e discursos públicos contemporâneos.

2.2- CORPUS

Para aprofundarmos em que consiste o *corpus* do presente estudo, cumpre em primeiro lugar esclarecer o que é um *corpus*.

Ora, de acordo com Vala (2007) a documentação escolhida para ser submetida ao instrumento de análise constitui o *corpus* do mesmo.

Assim para cada evento, o *corpus* inclui os documentos relacionados ao seu contexto e ao curso de ação adotado (IPO on Security during Major Events, 2007).

Conforme já se referiu, o *corpus* desta investigação é constituído pela série televisiva Clãs da Galiza, lançada pela Netflix em 2024 – composta por sete episódios de aproximadamente 40 a 50 minutos cada –, onde será demonstrada uma transcrição dos episódios da série, tendo em conta categorias específicas.

Esta série, inspirada em factos verídicos, retrata a atividade de um grupo criminoso denominado “Os Padín”, um clã galego sediado em Cambados, envolvido no tráfico de estupefacientes. A representação deste grupo tem como base a origem, a história, a expansão e o modo de funcionamento do clã Los Charlines, que constitui o objeto central da presente dissertação.

A escolha deste *corpus* justifica-se por três razões principais: a relevância temática, a sua proximidade empírica com a realidade criminal galega e a sua acessibilidade enquanto objeto de análise visual.

A série foi selecionada com base em critérios de pertinência temática, densidade narrativa e representatividade mediática. Em primeiro lugar, trata-se de uma obra ficcional inspirada em factos reais, o que permite uma análise que articula elementos de verosimilhança histórica com estratégias narrativas de construção simbólica. Em segundo lugar, a série foi amplamente difundida através de uma plataforma global, o que lhe confere uma capacidade significativa de moldar imaginários públicos transnacionais sobre o crime organizado. Por fim, o seu conteúdo dramatiza de forma extensa as dinâmicas internas dos clãs, os processos de recrutamento, as estruturas de poder, a relação com o território e as reações sociais, tornando-se assim um objeto privilegiado para análise de conteúdo. Como defende Rose (2016, p. 14), “as imagens são usadas de múltiplas formas por diferentes pessoas e por variadas razões, e esses usos são determinantes para os significados que transportam.”

O *corpus* foi delimitado aos episódios integrais da primeira, e única, temporada da série, com observação sistemática de cenas relevantes para a investigação, nomeadamente aquelas que representam práticas de recrutamento, liderança hierárquica, construção simbólica da autoridade e articulação com estruturas legais e políticas.

A composição do *corpus* permite, nas palavras de Kilby & Lennon (2021), conjugar análise textual, visual e discursiva, numa lógica triangulada que amplia a robustez interpretativa .

Embora se trate de uma obra de ficção dramática, o carácter híbrido da série, que combina dramatização e documentação, permite tratar o *corpus* como um reflexo da perceção pública e mediática da criminalidade organizada. A série não é vista como uma descrição literal da realidade, mas como um campo discursivo onde se constroem representações sociais sobre o crime e os seus agentes (Dowler, Fleming & Muzzatti, 2006).

2.3- TÉCNICAS DE ANÁLISE DE CONTEÚDO

A técnica de análise escolhida foi a análise de conteúdo temática, tal como definida por Bardin (2009), que permite a sistematização e interpretação de mensagens visuais e textuais com base em categorias previamente definidas ou emergentes. Trata-se de uma técnica amplamente utilizada na investigação qualitativa, com aplicação reconhecida na análise de produtos culturais e mediáticos. De acordo com a autora, “a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrecho” (Bardin, 2009, p. 37).

“A análise de conteúdo é um método muito empírico, dependente do tipo “fala” a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo.” (Bardin, 2009, p. 46).

Esta técnica permite identificar regularidades temáticas, padrões discursivos e estruturas de sentido nas representações mediáticas da criminalidade organizada.

A aplicação da análise de conteúdo à série Clãs da Galiza será orientada por categorias principais como: (1) representações de recrutamento criminoso e ligações criminosas corruptas; (2) hierarquia e autoridade simbólica; (3) estetização da violência na representação cinematográfica; (4) territorialidade e identidade cultural mafiosa; (5) articulação entre legalidade e criminalidade; (6) romantização do crime na representação cinematográfica; (7) fatores psicológicos, (8) lucro, poder e influência, e (9) *modus operandi*. Estas categorias foram teoricamente derivadas com base nos contributos de autores como Rafter (2006), Jewkes (2015), Ferrell et al. (2008) e Paoli (2003), e serão aplicadas de forma sistemática a cenas selecionadas dos episódios da série.

Estas categorias serão interpretadas à luz de conceitos-chave da literatura criminológica e sociológica, com o objetivo de compreender como são construídos os significados associados à integração em grupos criminosos.

O processo de análise será desenvolvido em três etapas: (1) pré-análise, com seleção e categorização inicial das cenas relevantes; (2) exploração do material, com codificação dos elementos narrativos, visuais e sonoros; e (3) tratamento e interpretação dos resultados, com cruzamento dos dados com o enquadramento teórico. Esta metodologia permite aprofundar a compreensão dos significados simbólicos construídos na série, bem como os seus efeitos possíveis na construção da perceção pública do crime organizado.

Além da análise verbal (diálogos, narração), será feita também análise visual e simbólica, considerando aspetos como *mise-en-scène*, enquadramento, linguagem corporal, vestuário, e som, reconhecendo a natureza multimodal do texto audiovisual. Como defende Van Leeuwen (2005, p. 122) “as características linguísticas dos atos de fala combinam-se com outros elementos não linguísticos e contextuais para produzir atos comunicativos multimodais.”

Complementarmente, será considerada a perspetiva da análise crítica do discurso (ACD), especialmente nos momentos em que a narrativa explicita relações de poder, legitima ações criminosas ou constrói antinomias entre o “nós” e os “outros”.

A combinação da análise de conteúdo com a ACD permitirá, por conseguinte, aceder a diferentes níveis de significação do *corpus*, revelando tanto as estruturas narrativas de superfície quanto os mecanismos ideológicos subjacentes. Esta abordagem integrativa justifica-se pela complexidade do objeto de estudo e pela necessidade de articular as dimensões estéticas, políticas e culturais da representação mediática do crime organizado.

Esta abordagem permitirá ainda extrair dados significativos sobre as representações sociais do recrutamento criminal e sobre os mecanismos narrativos utilizados para conferir realismo e coerência à trama. Importa, contudo, reconhecer as limitações inerentes ao método, nomeadamente o risco de subjetividade na interpretação dos dados e a influência das escolhas editoriais da produção televisiva.

3- PERCEÇÃO CINEMATOGRAFICA DA CRIMINALIDADE ORGANIZADA

A representação da criminalidade organizada nos *media*, em particular no cinema e nas séries televisivas, constitui um campo de análise privilegiado para compreender os modos de como a sociedade constrói, consome e reproduz imaginários sobre o crime, a violência e os seus protagonistas.

A percepção cinematográfica não é apenas um reflexo da realidade social, mas também um dispositivo ativo de construção simbólica, no qual se inscrevem discursos ideológicos, estéticos e políticos. Esta dimensão torna-se particularmente relevante no estudo da criminalidade organizada, onde as fronteiras entre realidade e ficção são frequentemente diluídas, e onde o criminoso é simultaneamente condenado e glorificado influenciando a percepção pública e, em muitos casos, a formulação de políticas criminais.

O cinema, ao dramatizar eventos criminais e ao estilizar as figuras dos criminosos, cria arquétipos que moldam o entendimento social sobre as dinâmicas internas destas organizações. Como argumenta Rafter (2006, p. 3), “os filmes criminais refletem as nossas ideias sobre questões sociais, económicas e políticas fundamentais e, simultaneamente, moldam a forma como pensamos essas mesmas questões”.

Desde os primórdios da sétima arte, a criminalidade organizada tem sido um dos temas centrais das produções cinematográficas.

Nos Estados Unidos, a chamada “*gangster film*” consolidou-se como um subgénero que reforça a dicotomia entre a legalidade e a ilegalidade, entre a ascensão e a queda do criminoso, refletindo assim preocupações sociais e políticas do seu tempo (Jewkes, 2015).

Filmes como “*Scarface*” (De Palma, 1983; Hawks, 1932) e “*The Godfather*” (Coppola, 1972) estabeleceram um modelo narrativo que enfatiza a estrutura hierárquica das organizações criminosas, bem como os seus códigos de lealdade e honra.

Como refere Paoli (2003, p. 3), “alguns destes, sobretudo *The Godfather* de Mario Puzo (1969) e a adaptação cinematográfica de Francis Ford Coppola (1972), têm sido tão bem-sucedidos que moldaram profundamente a perceção geral da máfia”.

O impacto da representação cinematográfica da criminalidade organizada não se limita à construção de estereótipos, mas influencia diretamente a perceção pública e até as estratégias de combate ao crime. Segundo Cohen, o fenómeno do *moral panic* é frequentemente alimentado pelos media, incluindo o cinema, levando à amplificação do medo do crime e à justificação de políticas mais repressivas. O mesmo esclarece que “mesmo que não se envolvam deliberadamente em campanhas de denúncia ou no sensacionalismo de escândalos, a mera reportagem de certos ‘factos’ pode ser suficiente para gerar preocupação, ansiedade, indignação ou pânico.” (Cohen, 1972, p.10)

No contexto europeu, a criminalidade organizada tem sido representada de forma diferenciada, refletindo especificidades culturais e históricas.

O cinema italiano, por exemplo, oferece uma abordagem mais realista e crua do fenómeno, como exemplificado em *Gomorra* (Garrone, 2008), uma adaptação da obra de Roberto Saviano de 2008, que desconstrói a imagem romantizada da máfia e expõe as suas estruturas de exploração e violência. Como observa Paoli,

“o modelo dominante não é o crime organizado, mas o ‘crime desorganizado’” (Paoli, 2003, p. 225)

No contexto ibérico, a representação do crime organizado tem vindo a ganhar destaque, sobretudo com produções audiovisuais que exploram o narcotráfico na Galiza, como a série Clãs da Galiza (Netflix, 2024), ou ainda outras séries que abordam o crime organizado em geral, como a série Maré Negra (Prime Video/RTP, 2022), Auga Seca (RTP/HBO, 2020), Motel Valkírias (RTP/HBO, 2023) e Apaches (Netflix/Antena 3, 2017) ou ainda séries clássicas como The Godfather (Paramount Pictures, 1972), The Sopranos (HBO, 1999–2007) ou Narcos (Netflix, 2015–2017).

Este tipo de produções, embora inspiradas em eventos reais, seguem a tendência global de dramatização e ficcionalização do crime, apresentando narrativas que, segundo Albanese (2015), misturam factos históricos com elementos ficcionais para criar um efeito de autenticidade, fazendo com que “as pessoas tenham dificuldade em distinguir a realidade da ficção, especialmente no que diz respeito ao crime organizado.” (Albanese, 2015, p. 2).

A representação do crime organizado nas produções audiovisuais desempenha um papel fulcral na construção e problematização do imaginário social em torno da criminalidade, da justiça e das dinâmicas de poder.

Ao longo das últimas décadas, as obras cinematográficas e televisivas, que se tornaram grandes clássicos, como The Godfather, Sopranos ou Narcos, não apenas dramatizaram o funcionamento interno das organizações criminosas como também apresentam uma lente crítica através da qual se pode analisar a tensão entre legalidade e ilegitimidade, ordem e caos. Estas narrativas frequentemente recorrem a dispositivos estéticos e narrativos que humanizam os protagonistas criminosos, conferindo-lhes densidade psicológica e complexidade moral, o que desafia as visões maniqueístas tradicionais da figura do “criminoso”.

Assim, como nos referem Baranauskas e Drakulich (2018), estas representações não apenas entretêm, mas educam e moldam perceções culturais, criando no imaginário coletivo uma realidade sobre os mesmos.

Em face do exposto, a retratação do tema do crime organizado nas produções audiovisuais acaba por alimentar preocupações sociopolíticas mais amplas, como a corrupção institucional, a desigualdade económica e os limites da justiça estatal.

Através da *mise-en-scène*, do diálogo e da construção de narrativas complexas, os *media* audiovisuais não só exploram os mecanismos operacionais das redes criminosas como também questionam a permeabilidade das fronteiras entre o legal e o ilegal, o público e o privado. Neste contexto, o crime organizado serve de metáfora para estruturas sistémicas de opressão e para a fragilidade das instituições democráticas, funcionando como um espelho – ainda que distorcido – das ansiedades contemporâneas (Donovan & Klahm, 2015).

Por conseguinte, a representação audiovisual do crime organizado deve ser analisada não apenas como entretenimento, mas como um dispositivo discursivo potente que participa na articulação simbólica dos grandes dilemas sociais do nosso tempo.

A mediatização do crime organizado gera, assim, impactos significativos na perceção pública e nas políticas de segurança.

Conforme aponta Jewkes (2015, p. 1), “A imagem do crime que a maioria de nós tem, está fortemente distorcida por um conjunto de preconceitos, inclinações e falsas pressuposições”. No caso específico da Galiza, a série Clãs da Galiza pode contribuir para uma compreensão mais ampla das dinâmicas do narcotráfico, mas também corre o risco de perpetuar mitos sobre o funcionamento real destas organizações.

Esta hibridez narrativa contribui para uma perceção ambígua: por um lado, denuncia as práticas do narcotráfico; por outro, constrói personagens carismáticas, envoltas num certo romantismo do fora-da-lei.

De acordo com Romer, Jamieson & Aday (2003), a representação televisiva da criminalidade (seja por via de noticiários ou séries) pode aumentar os receios dos cidadãos e chamar à atenção para a existência de crimes que os mesmos não pensariam que existiam.

Desta forma, a mediatização do crime organizado exerce um papel crucial na construção social da percepção pública, através da percepção cinematográfica, acerca deste fenómeno, moldando tanto as opiniões coletivas como as respostas institucionais.

Através de uma cobertura intensiva e muitas vezes sensacionalista, os meios de comunicação amplificam a visibilidade das atividades criminosas, levando a uma maior sensibilização e preocupação social (Di Ronco & Lavorgna, 2018). Contudo, esta exposição mediática não se limita à mera denúncia das práticas ilícitas, dado que adota frequentemente uma narrativa híbrida que equilibra a condenação dos atos criminosos com a representação de figuras do crime organizado, como personagens complexas e interessantes. Ao destacar os elementos de violência, corrupção e impacto social negativo, a comunicação social cumpre um papel informativo e crítico, no entanto, ao humanizar os criminosos, apresentando-os como indivíduos com motivações, dilemas e até carisma, constrói-se um certo romantismo em torno do "fora-da-lei".

De facto, não é raro vermos pessoas a identificarem e até a "torcer" pelo sucesso criminoso de personagens "criminosas" como Tony Soprano ou Pablo Escobar.

Ora, esta idealização pode gerar um fascínio público que, paradoxalmente, normaliza ou até glorifica comportamentos ilegais, dificultando a mobilização social para a prevenção efetiva e para a formulação de políticas públicas mais equilibradas e eficazes. Desta forma, a mediatização torna-se um fenómeno ambivalente, cuja análise exige uma abordagem crítica que considere tanto os seus impactos positivos quanto os seus riscos sociais.

Esta dualidade narrativa influencia significativamente as políticas de segurança, que, pressionadas pela opinião pública, podem oscilar entre estratégias repressivas severas e abordagens mais focadas em compreender as dinâmicas sociais subjacentes ao fenómeno do crime organizado.

Do ponto de vista teórico, estas representações podem ser enquadradas à luz da criminologia cultural, um campo que investiga como o crime é experienciado através da cultura. Para Ferrell *et al.* "a criminologia cultural examina de que

modo as forças culturais se entrelaçam com a prática criminal e os mecanismos de controlo”. (Ferrell et al., 2008, p. 2).

No caso da série Clãs da Galiza, esta abordagem permite perceber como o recrutamento de novos membros, a gestão da lealdade e o exercício da autoridade são não apenas dramatizados, mas culturalmente codificados segundo um regime visual que dialoga com o real.

Neste sentido, logo no primeiro episódio da série verificamos a forma como Daniel é apresentado. Ele não é apenas um criminoso violento, é um homem de negócios. A série mostra-o a gerir os negócios da família de uma forma calculista e pragmática, o que estabelece imediatamente o arquétipo de “autoridade moderna” que ele exerce. Por outro lado, em termos hierárquicos, a forma como a família se reúne, a obediência dos seus homens a Daniel e o respeito que ele exige e recebe, tudo é mostrado de forma subtil, mas clara, para estabelecer a estrutura de poder.

Também no segundo episódio é possível verificar como, no seio da organização a lealdade é recompensada e, em contraponto, como a desconfiança é punida.

Ora, ao analisar a perceção cinematográfica da criminalidade organizada, torna-se essencial confrontar estas representações com a realidade empírica, evitando que a ficção se sobreponha a uma análise criminal e social rigorosa.

Importa também refletir sobre o papel da perceção pública alimentada por estes produtos culturais.

Segundo Jewkes (2015), os meios de comunicação social selecionam determinados acontecimentos e transformam-nos em narrativas que conferem significados, propõem soluções, vinculam comportamentos a grupos específicos e delineiam a nossa perceção do mundo”.

No caso em análise, a exposição da série em plataformas internacionais como a Netflix globaliza a representação de um fenómeno local, inserindo-o numa narrativa transnacional de criminalidade. Esta transposição entre escalas – do local para o global – não é neutra, pois envolve a adaptação de símbolos

culturais para públicos mais amplos, por vezes em detrimento da sua complexidade histórica e social.

Esta dissertação procurará, portanto, avaliar até que ponto a dramatização televisiva do clã Los Charlines reflete os processos de recrutamento e as dinâmicas internas da criminalidade organizada, ou se se insere numa tradição cinematográfica que privilegia a estética do crime em detrimento da sua complexidade sociopolítica.

Por conseguinte, a perceção cinematográfica da criminalidade organizada deve ser analisada de forma crítica e multidimensional, reconhecendo a sua potência simbólica, mas também os riscos de simplificação, romantização ou banalização do crime.

A série Clãs da Galiza constitui, neste contexto, um objeto de estudo valioso, pois encena não apenas os mecanismos internos de uma organização criminosa, mas também as formas pelas quais o crime é estetizado, narrativizado e consumido enquanto produto cultural. Esta análise, como será aprofundada nos subcapítulos seguintes, permite compreender melhor o modo como a ficção dialoga com o real, e como esse diálogo influencia tanto a perceção pública quanto o discurso académico sobre o crime.

3.1- PERCEÇÃO CINEMATOGRÁFICA

Em termos históricos gerais, Paoli e Beken (2014) consideram que a compreensão do crime organizado tem oscilado entre duas noções distintas: a) um conjunto de organizações estáveis, ilegais *per se* ou cujos membros se envolvem sistematicamente em crimes; e b) um conjunto de atividades criminosas graves, realizadas principalmente para ganho monetário. A acrescentar ao exposto, os referidos autores consideram também a crescente ênfase colocada na natureza transnacional do crime organizado a partir do início da década de 1990.

Ora, sendo certo que grande parte da população não é propriamente aficionada por história, em termos gerais, de acordo com Oliver (2011), apresenta grande

valor pedagógico lecionar um curso de história da justiça criminal através da utilização de grandes filmes.

Neste sentido, Oliver (2011) salienta a forma como Hollywood retrata frequentemente a história e inclui a história da justiça criminal, apresentando um exemplo através do filme *Amistad* (Steven Spielberg, 1997).

A percepção cinematográfica refere-se ao modo como os espetadores interpretam e experienciam os conteúdos audiovisuais, influenciados por aspetos técnicos, narrativos e culturais que moldam a receção da mensagem fílmica. Bordwell (2008) defende que o cinema não se limita a reproduzir o real, mas, através de opções formais, como por exemplo a composição bidimensional, bloqueio tridimensional e de uma “gramática visual” que organiza planos, diálogos e pistas visuais por processos inferenciais, o realizador orienta o olhar do espectador e constrói significados. Técnicas como o *continuity editing* (cortes impercetíveis que garantem fluidez narrativa) reforçam esta construção, moldando a percepção e a receção da obra. A percepção de um filme não é um processo passivo, mas sim uma interação dinâmica entre o texto cinematográfico e o espectador, sendo influenciada por fatores como a montagem, o enquadramento, a iluminação, a sonorização e os códigos culturais subjacentes.

No âmbito da psicologia da percepção, James Gibson introduziu a teoria do enfoque ecológico da percepção visual (*ecological approach to visual perception*) ao defender que a percepção não consiste num registo passivo de estímulos, mas num processo ativo de captação de informação a partir do arranjo da luminosidade ambiente. De acordo com o mesmo, “a percepção direta é a atividade de obter informação através do arranjo luminoso ambiente, processo que envolve a exploração ativa do meio, nomeadamente através do olhar e da deslocação”. (Gibson, 2015, p. XXIII) Aplicando este modelo ao cinema, torna-se claro que a percepção cinematográfica depende não apenas da composição visual da cena, mas igualmente do envolvimento ativo do espectador, dos seus movimentos de olhar, das expectativas culturais e do historial pessoal, tornando a experiência cinematográfica profundamente subjetiva e moldada pelo contexto emocional e social de cada indivíduo.

A questão da percepção cinematográfica está também intrinsecamente ligada ao conceito de *suspension of disbelief*, introduzido por Samuel Coleridge, em 1817, no contexto da literatura e posteriormente aplicado ao cinema. Para que um filme seja eficaz na sua narrativa, o espetador deve aceitar temporariamente os elementos ficcionais apresentados como verosímeis, suspendendo a sua descrença em relação à artificialidade da obra (Roberts, 2014). No cinema, esta suspensão da descrença é facilitada pelo realismo estilizado da imagem e pela coerência interna da narrativa, permitindo que o espetador se envolva emocionalmente com a ficção.

Por fim, a percepção cinematográfica está também fortemente ligada à teoria do *gaze* (olhar), desenvolvida por Laura Mulvey (1975). Segundo a mesma, a forma como a câmara enquadra personagens e eventos pode reforçar dinâmicas de poder e perspetivas ideológicas, condicionando a forma como os espectadores percecionam género, identidade e narrativa. Esta abordagem é particularmente relevante para a análise de como os filmes constroem significados culturais e sociais através da composição visual e do posicionamento da câmara.

A percepção cinematográfica da criminalidade organizada constitui um campo de análise fundamental para a compreensão dos modos como o crime é representado, apropriado e transformado em discurso cultural. O cinema e, mais recentemente, as séries televisivas desempenham um papel estruturante na construção simbólica do imaginário do crime, não apenas refletindo determinadas realidades sociais, mas também produzindo sentidos, arquétipos e moralidades que influenciam o modo como os públicos compreendem, julgam e, por vezes, romantizam a figura do criminoso.

3.2- CRIMINALIDADE ORGANIZADA

A criminalidade organizada é um fenómeno complexo que se distingue do crime comum pelo seu carácter estruturado, transnacional e pela capacidade de adaptação às mudanças sociopolíticas e económicas. A definição deste conceito tem sido amplamente debatida na literatura académica, mas a maioria dos autores concorda que a criminalidade organizada é “uma empresa contínua que opera de forma racional e centrada na obtenção de lucros através de atividades

ilícitas” (Paoli, 2003, p. 223) e distingue-se do crime comum pelo uso sistemático da violência, da corrupção e da intimidação para defender e expandir a sua atuação.

Como aponta Diego Gambetta, “os *mafiosi* cobram, por vezes, preços extorsivos, tal como qualquer monopolista é tentado a fazer” (Gambetta, 1993, p. 5), esta é uma visão de que as organizações criminosas procuram incansavelmente pela maximização do lucro. Ao contrário do crime esporádico, estas redes estruturam-se de forma a garantir eficiência e longevidade, beneficiando de um modelo de gestão que, em muitos casos, se assemelha ao das grandes corporações empresariais

Historicamente, a ideia de criminalidade organizada esteve associada a estruturas hierárquicas rígidas. A estrutura da criminalidade organizada pode assumir formas muito diversas consoante o contexto social e geográfico em que se insere. Ainda que se tenda a conceber a Máfia siciliana e a Yakuza japonesa como organizações dotadas de uma cadeia de comando centralizada e de regras estritamente hierarquizadas, Diego Gambetta esclarece que, no caso da Máfia siciliana, o modelo mais adequado é o de uma federação de famílias autónomas, cujo principal vínculo reside numa reputação partilhada como fornecedoras de serviços de proteção. (Gambetta, 1993)

Como sublinha Paoli, “longe de serem empresas económicas com vista à maximização de lucros, as associações mafiosas são entidades funcionalmente difusas, que reclamam o exercício de um domínio político sobre as suas áreas de assentamento” (Paoli, 2003, p. 143). Por outro lado, organizações criminosas contemporâneas, como os cartéis de droga da América Latina ou as redes de tráfico humano na Europa de Leste, tendem a adotar modelos mais descentralizados e flexíveis, em que os diferentes núcleos operacionais funcionam de forma relativamente autónoma, mas mantendo uma ligação com a organização-mãe. Esta descentralização aumenta a resiliência face à repressão estatal, já que a fragmentação do poder dificulta a desarticulação completa do grupo.

A definição jurídico-criminal também varia entre países e organismos internacionais. As Nações Unidas, através da Convenção de Palermo (2000), definem organização criminosa como um grupo estruturado de três ou mais pessoas, existente há algum tempo, que atua de forma concertada com o objetivo de cometer crimes graves para obtenção de benefícios económicos ou materiais. Esta definição tem o mérito de captar a natureza cooperativa e reiterada da atuação criminosa, mas é criticada por alguns autores por ser demasiado ampla e pouco operacionalizável do ponto de vista empírico.

No contexto europeu, as formas de criminalidade organizada diferem em função das tradições jurídicas, das dinâmicas socioeconómicas e das culturas locais. A Península Ibérica, e particularmente a Galiza, oferece um exemplo paradigmático de criminalidade organizada de base territorial e familiar, marcada por uma forte inserção na economia informal e por uma articulação eficaz com redes internacionais de tráfico, sobretudo de droga e contrabando. O Clã Los Charlines representa uma estrutura típica desta configuração, combinando elementos tradicionais de coesão interna — como laços de sangue, lealdade comunitária e rituais de silêncio — com estratégias modernas de circulação de capitais, diversificação de atividades e mimetização empresarial.

O sucesso da criminalidade organizada depende não apenas da estrutura interna, mas também da sua capacidade de infiltração em setores estratégicos da sociedade. O financiamento das suas atividades ilícitas recorre frequentemente à lavagem de dinheiro através de empresas legítimas, investimentos imobiliários e utilização de paraísos fiscais.

A interligação entre a criminalidade organizada e a economia global tem sido um dos temas centrais da investigação criminológica contemporânea. O tráfico de drogas, a falsificação de produtos, o tráfico de seres humanos e o cibercrime são algumas das atividades mais lucrativas para estas organizações, gerando receitas que podem rivalizar com as de grandes multinacionais. Esta interdependência entre o crime e a economia dificulta a distinção clara entre setores legais e ilegais, tornando a luta contra a criminalidade organizada um desafio contínuo para os Estados e organismos internacionais.

O impacto da criminalidade organizada na sociedade vai além das consequências diretas das suas atividades ilegais. Estas redes não apenas geram violência e instabilidade social, mas também contribuem para a degradação das instituições democráticas, enfraquecendo o Estado de Direito. Segundo Paoli (2003, p. 223), “O crime organizado envolve uma empresa contínua que opera de forma racional e está centrada na obtenção de lucros através de atividades ilícitas”. Neste sentido, a luta contra estas organizações não pode ser apenas repressiva, devendo incluir estratégias preventivas que abordem as causas estruturais que permitem a sua existência.

Desde os anos 1980, o crescimento do Clã Los Charlines na Galiza tem ocorrido num cenário marcado por uma presença do Estado muitas vezes limitada, instável ou tendenciosa, permitindo o estabelecimento de um ecossistema criminal em que as instituições locais, os pescadores, os empresários e os responsáveis políticos e judiciais mantêm relações ambíguas com o grupo, ora de convivência, ora de conflito. Para explicar este fenómeno, Gambetta sustenta que a máfia se fundamenta na exploração da fragilidade dos laços de confiança social e institucional, posicionando-se como um provedor extralegal de proteção, assegurando a execução de contratos, a resolução de litígios e a dissuasão da concorrência, e assim preenchendo as lacunas deixadas pelas autoridades formais. (Gambetta, 1993)

A criminalidade organizada distingue-se do crime comum pela sua racionalidade instrumental, pela estruturação de papéis funcionais e pela capacidade de se institucionalizar no território. Não é apenas um fenómeno de acumulação ilícita de capital, mas também de produção de ordem própria, regulação informal e influência simbólica.

A análise da criminalidade organizada exige, portanto, uma abordagem multidisciplinar que integre conhecimentos da criminologia, sociologia, economia e ciência política. A forma como estas redes operam, a sua resiliência e a sua capacidade de adaptação aos novos desafios tornam a sua compreensão fundamental para a formulação de políticas públicas eficazes. Assim, a investigação académica sobre este fenómeno desempenha um papel essencial

no desenvolvimento de estratégias de intervenção que visem mitigar o seu impacto e fortalecer as estruturas do Estado.

O recurso à violência, embora presente, não é o elemento definidor. Pelo contrário, nas organizações mais consolidadas, a violência tende a ser regulada, seletiva e invisível. É usada como último recurso, ou como forma de sinalizar quebras de lealdade e restabelecer a ordem interna. A sua eficácia reside mais na ameaça implícita do que na prática explícita. Esta lógica é evidente nas séries contemporâneas, como Clãs da Galiza, onde a autoridade do líder se manifesta não por gritos ou armas, mas pelo silêncio, pelo olhar e pela ritualização dos gestos. Esta estética dramatúrgica traduz fielmente uma realidade empírica: a eficácia simbólica da autoridade criminosa.

A criminalidade organizada é, ainda, um fenómeno de poder cultural. Para além da sua dimensão económica e coerciva, as organizações criminosas constroem narrativas, símbolos e imaginários que lhes conferem legitimidade e pertença. No caso dos Charlines, a sua inserção no tecido galego não é apenas resultado do medo, mas também da perceção de utilidade social, de proximidade cultural e de continuidade com práticas de contrabando socialmente toleradas.

A representação mediática destes grupos contribui, por sua vez, para reforçar ou contestar a sua posição simbólica. A série Clãs da Galiza dramatiza, mas não inventa, o carisma dos líderes, a estrutura interna do clã, os códigos de conduta e os dilemas morais dos seus membros. A ficcionalização do real, neste caso, é uma ferramenta de acesso a uma realidade opaca e fechada, mas também um campo de disputa sobre o significado social do crime. A perceção da criminalidade organizada como instituição cultural, e não apenas como violação da norma, é um dos contributos centrais das abordagens contemporâneas à temática.

A análise da criminalidade organizada exige, assim, uma abordagem interdisciplinar e multi-escalar, que articule o nível micro das interações quotidianas, o nível meso das estruturas organizativas e o nível macro das transformações económicas e políticas globais. O caso do Clã Los Charlines ilustra a necessidade de compreender o crime não como anomalia ou patologia,

mas como prática integrada em sistemas sociais complexos, onde as fronteiras entre o legal e o ilegal, o lícito e o ilícito, o público e o privado, se tornam progressivamente difusas.

3.3- NARCOTRÁFICO

De acordo com Ilfeld (2022), a palavra “narcótico” tem origem no grego “narkō”, que significa “tornar dormente”, e foi utilizada historicamente para descrever substâncias que induzem o sono ou a dormência, como referido por Hipócrates, médico da Grécia Antiga, e por Aristóteles, filósofo e naturalista.

Por seu turno, Goldberg (1999) enuncia que as drogas estupefacientes não são uma categoria precisa de substâncias químicas, mas sim uma classificação legal baseada nos seus compostos químicos e no seu estatuto legal.

Isto posto, não há dúvidas de que o narcotráfico é um dos fenómenos mais complexos e persistentes da criminalidade organizada contemporânea. A sua estrutura transnacional, a articulação com outras formas de economia ilícita e a capacidade de infiltração em mercados, instituições e comunidades locais fazem dele não apenas um problema criminal, mas um fenómeno sociopolítico de primeira ordem. A expansão do tráfico de drogas desde meados do século XX, alimentado por uma procura crescente nos países ocidentais e por políticas repressivas ineficazes, contribuiu para a consolidação de redes altamente sofisticadas, com capacidade logística e financeira para rivalizar com atores estatais.

A definição do narcotráfico ultrapassa a mera circulação de substâncias ilícitas, porquanto, implica todo um conjunto de práticas e relações que vão desde a produção até à distribuição, passando por mecanismos de transporte, armazenamento, comercialização, proteção territorial, branqueamento de capitais e gestão de riscos. Os seus agentes não são simples delinquentes, mas gestores do risco, intermediários financeiros, estratégias políticos e empreendedores ilegais.

Conforme nos refere a Euronews (2024), citando um relatório da Europol – o qual revela que “86 % das redes criminosas conseguem infiltrar negócios legítimos para lavar dinheiro e operar impunemente na economia europeia” –, estas redes organizadas agem como verdadeiros intermediários financeiros e gestores de risco e utilizam empresas legais como fachada para atividades ilícitas, desde importação de bananas até centros desportivos. No caso citado, o narcotraficante é “dono de centros esportivos em Marbella, centros comerciais em Granada e diversos bares e restaurantes” (Euronews, 2024).

Isto posto, verificamos que a América Latina constitui, desde a segunda metade do século XX, o principal polo de produção de cocaína e derivados, com a Colômbia, o Peru e a Bolívia a desempenharem papéis centrais. Com o reforço da repressão interna nestes países, as rotas de exportação foram-se diversificando, e a Península Ibérica tornou-se, por razões geográficas, históricas e logísticas, uma das principais portas de entrada da droga na Europa. O caso galego é particularmente relevante neste contexto. A sua costa recortada, a tradição marítima, a debilidade estrutural do Estado e a existência de redes de contrabando previamente estabelecidas proporcionaram condições ideais para a instalação de corredores de tráfico internacional.

No contexto europeu, a Península Ibérica – com destaque para a Galiza e o sul de Portugal – tem assumido um papel de relevo como ponto de entrada de cocaína e haxixe provenientes da América do Sul e do norte de África, respetivamente. Esta realidade tornou regiões como a Galiza em pontos nevrálgicos de redes transnacionais de narcotráfico, onde os grupos de crime organizado local operam em articulação com estruturas criminosas globais. O clã Los Charlines, como será analisado posteriormente nesta dissertação, insere-se no contexto mais alargado do narcotráfico na Península Ibérica, sendo um dos exemplos mais emblemáticos da ligação entre redes de tráfico e estruturas familiares de poder criminoso.

A transição do contrabando de tabaco para o tráfico de droga na Galiza processou-se de forma progressiva. Grupos locais, como o Clã Los Charlines, com experiência acumulada em rotas clandestinas e contactos estabelecidos com autoridades portuárias e alfandegárias, aproveitaram o novo mercado e

ajustaram-se à nova lógica de risco. A entrada da cocaína sul-americana através da Galiza não foi um fenómeno isolado, mas sim o resultado de uma cadeia de eventos facilitada por alianças transatlânticas, redes familiares e o uso intensivo de recursos legais para disfarçar operações ilícitas.

Embora a literatura académica espanhola e europeia registe a relevância das rotas ibéricas no tráfico de cocaína, os dados agregados pelo EMCDDA evidenciam o papel de Espanha como um todo nas entradas desta substância na Europa.

Em 2017, as apreensões de cocaína em Espanha ascenderam a 36 888 kg (cerca de 37 t), posicionando-a como o segundo país da UE com maior quantidade apreendida, logo atrás da Bélgica (45 t); em conjunto, Bélgica e Espanha representaram 61 % do total de apreensões no espaço UE+2 (Estados-Membros da UE, Turquia e Noruega) (EMCDDA, 2019). O relatório sublinha ainda que a maior parte da cocaína chega por via marítima, sobretudo em contentores, partindo de zonas de trânsito na África Ocidental, norte de África e Caribe.

Em Espanha, de acordo com o EMCDDA de 2022, as apreensões de cocaína mantêm-se em patamares elevados, refletindo a persistência de rotas consolidadas de trânsito marítimo e a sofisticação crescente das redes de distribuição, onde a pureza do produto aponta para um mercado cada vez mais industrializado. Após as perturbações iniciais da pandemia de COVID-19, registou-se uma rápida retomada das tendências pré-pandemia, evidenciando a resiliência dos grupos envolvidos. Este quadro reforça o papel estratégico de Espanha como ponto de controlo e reexpedição de contentores, sublinhando a necessidade de intensificar as operações de interceção marítima e de reforçar a cooperação transfronteiriça no combate ao tráfico.

No plano mediático, o narcotráfico tem sido frequentemente representado de forma dualista: por um lado, como uma ameaça social destrutiva; por outro, como um fenómeno dotado de glamour, protagonizado por figuras carismáticas e estrategicamente construídas como anti-heróis. A romantização de líderes do narcotráfico tem sido recorrente na cultura popular e nos meios de comunicação,

contribuindo para uma percepção pública fragmentada e ambígua. Como sublinha Paoli (2003), “devido a estas representações contraditórias, muito se confunde no debate público, que oscila perigosamente entre o mito autocomplacente e o ceticismo radical” (Paoli, 2003, p. 3).

Ora, a série Clãs da Galiza retrata de forma precisa muitos destes aspetos.

A história acompanha a evolução do grupo, desde o contrabando até ao envolvimento direto no narcotráfico, evidenciando as negociações com fornecedores da América do Sul e a forma como ajustam as suas rotas face à atuação das autoridades. As cenas que mostram o transporte marítimo de droga, os encontros discretos com representantes colombianos e as estratégias de lavagem de dinheiro revelam um grau de organização que contraria a ideia do criminoso amador. Ademais, o verdadeiro poder do clã é ilustrado não só pela violência, mas principalmente pela sua capacidade de planear a longo prazo, infiltrar-se em estruturas existentes e exercer controlo territorial através de dinâmicas económicas e simbólicas.

A representação audiovisual do narcotráfico, contudo, não se limita à dramatização das suas operações. Ela envolve também a construção de uma gramática visual específica, onde os espaços, armazéns abandonados, portos obscuros, zonas rurais isoladas, se tornam personagens silenciosas da narrativa. O uso da iluminação, do som e da montagem contribui para uma estética do clandestino, onde a ilegalidade se inscreve nos corpos, nos gestos e nas paisagens. Esta gramática visual é analisada por Elsaesser e Hagener que afirmam que nunca vivenciamos um filme apenas através da visão. A experiência cinematográfica envolve todo o nosso corpo, guiado pela nossa bagagem pessoal, histórica e por um entendimento sensorial moldado culturalmente. Vemos, interpretamos e sentimos os filmes de forma integral, com o corpo inteiro envolvido no ato de perceber (Elsaesser, 2010).

A representação mediática do narcotráfico, ao enfatizar o poder, a riqueza e a audácia dos traficantes, pode gerar impactos significativos na percepção pública e até na legitimação simbólica destas figuras.

Como salienta Orsini (2017) – e como também já fomos aflorando –, a cobertura mediática do tráfico de droga utiliza frequentemente enquadramentos específicos, como a ênfase na violência, na criminalidade e nas vitórias da polícia, que moldam a perceção pública, através da perceção cinematográfica, tanto dos traficantes como dos consumidores. Estes enquadramentos podem estigmatizar o consumo de drogas, retratar os traficantes como poderosos ou audaciosos e simplificar questões complexas em binarismos morais, o que pode levar à legitimação simbólica ou à demonização de certas figuras.

Esta construção narrativa ocorre tanto na imprensa como no cinema e na televisão, sendo a série Clãs da Galiza um exemplo contemporâneo da dramatização deste fenómeno. Embora baseada em factos reais, a dramatização pode reforçar estereótipos, ao passo que suaviza ou estetiza os mecanismos de violência, exploração e corrupção que sustentam estas redes.

As implicações sociais do narcotráfico ultrapassam a dimensão económica.

Como salientam Rojas & Lévy (2025), o tráfico de droga desestabiliza as comunidades ao aumentar a violência, corroer a confiança e enfraquecer as instituições sociais. A título de exemplo, na Colômbia rural, a interligação entre proprietários e traficantes criou uma nova elite propensa à violência e ao conflito social, alterando fundamentalmente as dinâmicas de poder locais e fomentando a insegurança.

Por outro, na Costa Rica, o tráfico de droga prejudicou o desenvolvimento dos jovens e os negócios legítimos, ao mesmo tempo que, paradoxalmente, proporcionou alguns bens sociais e emprego, ilustrando complexas compensações sociais (Vo, 2018).

Ora, as comunidades onde estas redes se enraízam sofrem transformações profundas: o surgimento de economias paralelas, a substituição das estruturas públicas por redes informais de poder, a desconfiança mútua, a banalização da violência e a erosão da coesão social. A presença do narcotráfico altera os modos de vida, as expectativas de futuro e as referências culturais. Jovens que veem no tráfico uma via de ascensão social rápida tornam-se vulneráveis à sedução do poder e à lógica do risco recompensado.

Na Galiza, o narcotráfico foi, durante muito tempo, tolerado e até romantizado. A figura do contrabandista evoluiu para a do narcotraficante, mas manteve o seu capital simbólico de resistência, astúcia e proteção da comunidade. Esta representação cultural é reforçada pelos meios de comunicação e pela produção ficcional, onde os traficantes são retratados como figuras ambíguas — ora criminosos brutais, ora beneméritos locais. A série Clãs da Galiza não escapa a esta tensão. Apesar da sua intenção crítica, constrói personagens carismáticas, profundamente enraizadas no seu meio, que suscitam empatia e admiração, mesmo quando as suas ações são moralmente condenáveis.

A estética do narcotráfico representada na série articula elementos recorrentes nas narrativas transnacionais do fenómeno, tais como a tensão permanente, o código de silêncio, o respeito pela hierarquia, a gestão simbólica da morte e a geração de capital social e económico, conferindo-lhe um carácter quase ritualístico. A figura do “Pátron” assume múltiplas funções de autoridade, agindo simultaneamente como líder operacional, juiz, progenitor, educador e provedor de recursos. Esta dramatização está em consonância com a perspetiva de Katz (1988), segundo a qual o crime violento configura-se como uma performance moral, pela qual os intervenientes procuram afirmar-se face a experiências de humilhação e exclusão social, encontrando na intensidade emotiva e simbólica da ação uma forma de reconhecimento e de construção identitária.

A economia do narcotráfico, apesar de subterrânea, interfere com os sistemas financeiros formais.

Como salienta Kumar (2023), a economia clandestina das drogas opera fora da supervisão legal e regulamentar, levando à criação de sistemas financeiros paralelos que competem e minam as instituições formais. Desta forma, estes sistemas paralelos facilitam as transações ilegais, o branqueamento de capitais e a evasão fiscal, o que corrói a integridade e a eficácia dos sistemas financeiros oficiais. Por outro lado, Gutmann (1977) enuncia que a utilização de dinheiro e de cativos não rastreáveis no tráfico de droga complica ainda mais a deteção e a regulamentação, uma vez que estas transações são deliberadamente mantidas fora dos registos para evitar o escrutínio e a tributação.

Assim, o branqueamento de capitais, a corrupção institucional, a manipulação de contratos públicos e a influência sobre o poder político local fazem parte da cadeia operacional. Estas práticas desafiam as capacidades de controlo do Estado e põem em causa a separação entre legalidade e ilegalidade.

A narrativa da série ilustra esta dissolução, ao mostrar como empresários, advogados e até polícias fazem parte da rede de proteção do clã.

A atuação dos clãs galegos, como os Charlines, integra-se, assim, numa lógica global de circulação de capital ilícito, onde a localização periférica e a cultura local não são obstáculos, mas recursos estratégicos. A capacidade de navegar entre mundos, o legal e o ilegal, o local e o global, o tradicional e o moderno, é o que confere eficácia e resiliência a estas organizações.

O narcotráfico não é um fenómeno marginal, mas sim estrutural, inscrito nos circuitos globais de comércio, finanças e cultura (Mackenzie, S., 2020).

3.4- ESTRUTURAS E FUNCIONAMENTO DAS ORGANIZAÇÕES CRIMINOSAS

A compreensão das estruturas e do funcionamento das organizações criminosas é essencial para qualquer abordagem crítica e sistemática ao fenómeno da criminalidade organizada.

Estas estruturas, embora operem fora da legalidade, não são desprovidas de lógica interna, racionalidade funcional ou mecanismos próprios de organização e adaptação (Bichler, Malm & Cooper, 2017). Pelo contrário, são frequentemente marcadas por níveis elevados de coesão interna, especialização funcional, flexibilidade hierárquica e sofisticação estratégica. Como nos referem Breuer e Varese (2022), a análise das suas formas organizativas permite aceder a uma racionalidade alternativa, distinta das estruturas formais do Estado, mas igualmente eficaz na obtenção de resultados financeiros, territoriais e simbólicos.

De facto, ao longo do tempo as estruturas têm evoluído na sua complexificação (Smith & Papachristos, 2016), pelo que, como salienta Bouchard (2020), o modelo mais recente e adaptável ao contexto globalizado, é o modelo em rede.

Neste, a organização opera como uma constelação de células autónomas, ligadas por interesses comuns, mas com níveis variáveis de lealdade e controlo (Madsen, 2018).

Esta estrutura globalizada em rede permite maior resiliência em contextos de repressão policial, pois a desconexão de uma célula não compromete necessariamente o funcionamento do todo, pelo que, a coexistência de ambos os modelos, em configurações híbridas, são frequentemente visíveis em contextos locais onde a tradição coexiste com a modernidade operacional, como é o caso da Galiza.

A estrutura típica de uma organização criminosa tende a assentar numa lógica piramidal, com uma liderança centralizada e uma base composta por membros com funções operacionais e logísticas (Zayats & Shai, 2024).

Um dos elementos nucleares para a operacionalidade destas organizações é a consolidação de códigos internos de conduta e de redes informais de controlo social, sem os quais a coesão e a confiança mútua rapidamente se dissipariam. Como explica Gambetta “a evidência de que a proteção é a atividade central de uma máfia bem ordenada tornou-se cada vez mais forte para ser resistida” (Gambetta, 1993, p. 5).

Esta afirmação sublinha que não basta a mera ameaça de violência para garantir a obediência; é antes a reputação do grupo como fornecedor de proteção fiável que serve de alicerce ao seu poder sancionatório.

A reputação atua como uma moeda de troca: aqueles que infringem as regras arriscam ver comprometida a proteção que lhes é concedida, sofrendo não só sanções físicas imediatas, mas também ostracismo social e perda de estatuto dentro da rede. Desta forma, a disciplina interna emerge como mecanismo essencial para assegurar a estabilidade e a continuidade do grupo, estando reforçada por dinâmicas que combinam coerção simbólica, pressão comunitária e retaliação explícita.

A acrescentar ao exposto, Calderoni (2012) salienta que outro aspeto crucial para o funcionamento eficaz destas organizações é a gestão do sigilo.

A divisão das operações e a limitação da informação a que cada membro tem acesso são estratégias frequentemente utilizadas para evitar que detenções individuais comprometam a estrutura como um todo. A confiança pessoal, muitas vezes alicerçada em laços familiares, culturais ou geográficos, funciona como critério principal de recrutamento e de progressão dentro da hierarquia, substituindo as estruturas formais de controlo próprias das organizações legais (Paoli, 2003).

Do ponto de vista funcional, estas organizações operam em setores diversificados da economia paralela e ilícita, mas também infiltram setores legítimos com o objetivo de lavar dinheiro, garantir poder de influência e legitimar os seus lucros. Esta penetração nos mercados formais permite não só gerar rendimento adicional, mas também dificultar a ação repressiva do Estado, que se vê confrontado com uma fronteira difusa entre legalidade e ilegalidade.

Além disso, muitas organizações criminosas asseguram um papel de regulação social em contextos de ausência ou fragilidade estatal. Esta capacidade de substituição parcial das funções do Estado explica, em parte, a legitimação social de que estas redes gozam em algumas comunidades, fenómeno que se observa historicamente em zonas da Galiza, da Sicília ou da Calábria.

A série Clãs da Galiza ilustra com precisão muitos destes elementos.

De facto, o Clã dos Padín, da série Clãs da Galiza, exemplifica uma estrutura criminosa que articula o modelo hierárquico tradicional com mecanismos reticulares contemporâneos. A liderança carismática e autoritária de José Padín, baseado em Manuel Charlín Gama, estabelece uma cadeia de comando vertical, onde o filho e aliados próximos desempenham funções específicas e respondem diretamente à figura patriarcal.

A distribuição funcional de tarefas revela-se nítida: o filho assume a logística e a representação interna do clã; um aliado é responsável pela gestão das comunicações; o advogado atua como representante em reuniões externas e noutras circunstâncias. Cada elemento desempenha um papel específico, ainda que sempre subordinado à autoridade central do patriarca. A comunicação é indireta, os gestos são codificados, as ordens são transmitidas sem necessidade

de explicitação. Esta ritualização da autoridade traduz uma gramática organizativa baseada na confiança seletiva, na contenção emocional e na performance do poder. A eficácia da organização reside precisamente na sua capacidade de reproduzir a ordem sem recorrer constantemente à força. Com esta estrutura é possível manter o controlo da operação, assegurar a disciplina interna e preservar a confidencialidade.

Simultaneamente, o clã criou ligações operacionais com outros grupos, nomeadamente fornecedores colombianos e intermediários portugueses, num modelo em rede que garantiu a expansão e sobrevivência da organização para além das suas fronteiras locais, além do carácter internacional que, de certa forma, dificulta o trabalho do órgão polícia criminal nacional que faz o combate local a este tipo de organizações.

O recrutamento é outro aspeto central do funcionamento interno. Longe de ser aberto ou indiscriminado, o ingresso numa organização criminosa como os Padín, representando os Charlines, obedece a critérios rigorosos, ainda que não formais. Laços familiares, provas de lealdade prévia, inserção comunitária e capacidade de manter o silêncio são requisitos fundamentais. A série representa esta lógica através da inclusão progressiva de figuras exteriores ao núcleo familiar, cuja aceitação exige, primeiro, a realização de tarefas menores e, depois, o cumprimento de ordens sob risco. Ana, nova advogada dos Padín, é o mais claro caso e exemplo deste tipo de recrutamento.

Como nos salientam Bright, Koskinen & Malm (2019), esta progressão hierárquica, baseada na confiança e na prova de fidelidade, reproduz um modelo corporativo interno que legitima a autoridade e preserva a integridade da estrutura.

Por outro lado, o controlo da informação é também um pilar do funcionamento interno.

A separação das operações, ou seja, garantir que cada membro conhece apenas o necessário para a sua tarefa é uma técnica amplamente utilizada para reduzir o risco de colapso em caso de detenções ou infiltrações. A série dramatiza este

elemento através de episódios em que membros do clã executam ordens sem questionar a origem, o destino ou os objetivos mais amplos da operação.

A título de exemplo, no episódio 4 da série vemos que Daniel e Ana se encontram no porto e conversam sobre o acordo do barco. Ana preparou tudo, sendo que os planos de Daniel estão definidos. Ela, no entanto, está claramente dececionada por Daniel não lhe contar “mais do que ela precisa de saber”.

Ou seja, estamos perante um exemplo direto da compartimentalização.

Assim, Ana – que é uma peça-chave na operação – apenas tem acesso à informação estritamente necessária para sua tarefa.

Ora, a racionalidade instrumental destas organizações é inseparável da sua dimensão simbólica.

A hierarquia interna é legitimada não apenas pela força ou pelo dinheiro, mas por narrativas de honra, sacrifício e pertença. O pai, chefe de família, é mais do que um líder logístico, é um símbolo, um depositário da história do grupo, uma autoridade moral. Esta dimensão é central para a eficácia da organização, pois confere sentido às ações, gera coesão emocional e reduz a possibilidade de dissidência.

As organizações criminosas operam, assim, com um duplo regime de funcionamento: o técnico e o simbólico. No plano técnico, são eficazes porque distribuem funções, controlam recursos, gerem riscos e adaptam-se ao ambiente. No plano simbólico, são eficazes porque produzem sentido, constroem pertença e geram legitimidade interna. Esta dualidade é uma das razões da sua persistência, mesmo face a intensas campanhas de repressão. A sua estrutura permite funcionar em ambientes hostis, com baixo nível de literacia jurídica, forte presença policial e mediatização pública.

Este funcionamento é frequentemente invisível ao olhar externo, precisamente porque se sustenta em mecanismos informais, códigos implícitos e relações interpessoais de longa duração (Bichler, Malm & Cooper, 2017). A sua eficácia assenta na opacidade e na confiança seletiva, o que dificulta a sua

desarticulação por parte das autoridades. A compreensão da sua estrutura e funcionamento, por conseguinte, exige uma abordagem que vá para além das categorias jurídicas e abrace os instrumentos da análise organizacional, da antropologia simbólica e da sociologia do crime.

3.5- RECRUTAMENTO

Como nos referem Calderoni *et al.* (2020), o recrutamento de membros constitui um dos pilares mais críticos e menos visíveis da criminalidade organizada.

É através do processo de recrutamento que as organizações criminosas se reproduzem, expandem e adaptam à mudança (Gottfredson & Hirschi 1990).

O recrutamento não é apenas um processo funcional, mas um fenómeno complexo que conjuga fatores estruturais, culturais, simbólicos e emocionais (Sampson & Laub, 1993).

A sua opacidade não resulta apenas da clandestinidade inerente às atividades ilegais, mas da informalidade estratégica com que é conduzido, da fluidez das redes de confiança em que assenta e da plasticidade com que se molda a contextos sociais específicos. Mais do que uma simples adesão funcional, a integração de novos elementos representa, frequentemente, um ritual de passagem que assegura a lealdade, o silêncio e a eficiência na execução das tarefas atribuídas. A forma como este processo decorre está intimamente ligada à natureza da organização, à sua estrutura interna, ao contexto socioeconómico e às características dos indivíduos-alvo.

Nas organizações criminosas, o recrutamento deixa de obedecer a processos normativos e critérios objetivamente verificáveis, como nas empresas formais, para basear-se na prova de lealdade, na disposição para assumir riscos e na capacidade de manter segredo. Como relata Mário Santo Di Matteo, citado por Paoli (2003, p. 118), “é agora prática muito alargada dentro da Cosa Nostra (...) rodear-se de homens de confiança que não estão afiliados e, portanto, permanecem fora do círculo de contactos dos homens da Cosa Nostra.” Além

disso, “são normalmente pessoas ‘limpas’ que desempenham funções de cobertura para os seus referentes na Cosa Nostra” (Paoli, 2003, p. 118)

Esta seletividade explica por que razão os processos de aliciamento não seguem necessariamente padrões massificados, mas antes estratégias personalizadas e contingentes.

O recrutamento é, assim, um processo de incorporação simbólica e moral que ultrapassa a mera funcionalidade. O novo membro é submetido a um processo de socialização criminosa progressiva, em que vai sendo introduzido nos valores, rituais e estruturas da organização. Tal como descreve Becker (1963) no contexto do desvio social, é através da interação com os outros membros que o indivíduo aprende o que se espera dele, quais os limites da sua atuação e como se deve comportar em situações de risco. No caso da criminalidade organizada, este processo é intensificado por mecanismos de vigilância interna, provas de lealdade e rituais de iniciação. Sendo que neste tipo de atividades “a pessoa aprende a desfazer-se de mercadoria roubada sem correr o risco de ser apanhada. Cada grupo de desviantes possui um vasto repertório de conhecimentos sobre esses assuntos, e o novo recruta aprende-os rapidamente.” (Becker, 1963, p. 39)

É fundamental compreender que o recrutamento se realiza sempre num determinado contexto social, histórico e económico. A vulnerabilidade estrutural, traduzida em pobreza, exclusão, desemprego ou ausência de alternativas legítimas de ascensão, constitui o solo fértil para a incorporação de novos membros. Como defende Hagedorn (2008), os grupos criminosos não se limitam a preencher vazios deixados pelo Estado; eles constroem alternativas morais, simbólicas e económicas à ordem estabelecida. Nestes contextos, o recrutamento surge como uma forma de “inclusão pela margem”, onde o reconhecimento e a pertença se tornam mais valiosos do que a legalidade.

Em contextos periféricos, economicamente fragilizados, o recrutamento tende a ocorrer de forma orgânica, através da socialização precoce em ambientes criminais ou do contacto com figuras que gozam de estatuto informal dentro da comunidade. Esta inserção gradual permite que o novo membro interiorize os

códigos do grupo, desenvolvendo um sentimento de pertença e, muitas vezes, de lealdade afetiva.

Um aspeto muitas vezes negligenciado na literatura é a dimensão emocional e psicológica do recrutamento. Esta abordagem aproxima-se das estratégias de recrutamento observadas em seitas, grupos extremistas e movimentos paramilitares.

A instrumentalização do género no recrutamento também merece atenção. Fiandaca (2007) explica que, em tipologias comportamentais extra-associativas, as mulheres, pelo simples facto de serem mulheres, levantam menos suspeitas do que os homens nas atividades ilícitas e, por isso, conseguem evadir com maior facilidade as investigações policiais e judiciais. Isto mostra como a estrutura de género é explorada estrategicamente para ocultar operações e assegurar a continuidade das redes criminosas.

Mas nem em todos os casos este desenvolvimento existe, “por exemplo, os códigos culturais das máfias italianas consolidadas evidenciam um forte cunho machista (...) no entanto, dado que a ‘Ndrangheta calabresa é estruturada de forma mais horizontal do que a Cosa Nostra siciliana e assenta em *famiglie di sangue*, as mulheres tendem a desempenhar papéis práticos nas atividades criminosas precisamente porque a *cosca* coincide com a família natural” (Fiandaca, 2007, p. 2). Significa isto que, embora a maioria das máfias italianas esteja ancorada em valores tradicionalmente patriarcais, que tendem a excluir ou subalternizar as mulheres, essa lógica não se aplica de forma uniforme a todas elas. No caso específico da ‘Ndrangheta, da Calábria, a sua estrutura organizacional – mais horizontal e baseada em laços familiares de sangue – faz com que a unidade básica da organização criminosa (*cosca*) coincida muitas vezes com a família biológica. Por essa razão, as mulheres, enquanto membros naturais dessas famílias, acabam por desempenhar funções práticas no seio das atividades criminosas, ou seja, não se trata de uma abertura ideológica ao papel da mulher, mas sim de uma consequência direta do modo como a organização está estruturada: quando a máfia se confunde com a família, as mulheres tornam-se agentes funcionais dentro do sistema, ainda que esse sistema continue a ser, no plano simbólico e cultural, profundamente machista.

O caso da série Clãs da Galiza, com base no Clã Los Charlines, ilustra com clareza estas dinâmicas.

Inicialmente centrado na família direta de José Padín, representando Manuel Charlín Gama, o clã expandiu a sua base de apoio através do recrutamento de membros da comunidade local, nomeadamente pescadores, antigos contrabandistas, intermediários logísticos e pequenos empresários. A série mostra como a inserção na rede criminoso ocorre de forma gradual, quase natural, muitas vezes sem que o novo colaborador se aperceba da extensão da sua participação no sistema ilegal. Esta ambiguidade é estratégica: permite testar a lealdade e criar uma dependência simbólica e económica que dificulta a rutura futura.

Como salientam Kemp *et al.* (2020), o processo de recrutamento pode ser descrito em fases interligadas.

A primeira corresponde à identificação e seleção de candidatos, onde são valorizadas características como o anonimato social, a ausência de antecedentes de traição ou colaboração com autoridades, e a existência de necessidades económicas que facilitem a fidelização. A segunda fase envolve a socialização informal, onde o candidato é introduzido ao universo simbólico do grupo, muitas vezes através da observação de comportamentos, da escuta de conversas e da participação marginal em tarefas menores. Só numa terceira fase, após provas de confiança, é que se dá a integração plena, que pode ou não ser acompanhada de rituais simbólicos (García, 2006).

Estes rituais variam de grupo para grupo, mas partilham elementos comuns: a verbalização de lealdade, a aceitação de uma hierarquia, a promessa de silêncio, e a renúncia a outras formas de pertença (como a colaboração com o Estado ou outros grupos rivais).

Em grupos como a *Cosa Nostra*, a ritualização da entrada é codificada e formal, com juramentos, símbolos e testemunhas (Merlino, 2014).

No caso dos clãs galegos, a ritualização é mais contida, mas igualmente eficaz. Como se observa em Clãs da Galiza, a simples aceitação de uma tarefa

arriscada ou a manutenção do silêncio perante uma ameaça já constituem formas tácitas de entrada simbólica.

A par da dimensão simbólica, o recrutamento cumpre também uma função estratégica. As organizações criminosas necessitam de renovar os seus quadros, substituir membros detidos ou mortos, expandir-se para novos mercados ou consolidar posições em territórios hostis. O recrutamento funcional, que visa encontrar indivíduos com competências técnicas específicas, é comum em fases de crescimento. Técnicos de comunicação, operadores marítimos, contadores e advogados, como o caso prático de Ana na série Clãs da Galiza, são integrados não pelo vínculo simbólico, mas pela sua utilidade operacional. Contudo, mesmo nestes casos, o controlo da lealdade permanece uma exigência. Como referem Levi e Maguire (2004), "a racionalidade do recrutamento criminoso combina cálculo e emoção, utilidade e simbolismo" (p. 125).

Importa ainda considerar a dimensão emocional do recrutamento.

A entrada num grupo criminoso não é apenas uma escolha racional, mas um processo que envolve afetos, vínculos e subjetividades (Berger, 2019).

A lealdade não é apenas exigida, ela é construída através de relações de cumplicidade, partilha de riscos, construção de narrativas de grupo e reforço mútuo de identidades marginais. Estes processos são eficazes porque transformam o grupo numa estrutura de sentido, onde os membros se reconhecem e se protegem.

A série Clãs da Galiza representa esta dimensão emocional com grande subtilidade, mostrando como os protagonistas se referem ao grupo como "família", "os nossos", ou "quem está connosco".

Uma questão central nas investigações mais recentes é a dos mecanismos de fidelização pós-recrutamento. Após a entrada, a organização investe na manutenção do compromisso do novo membro, através de três estratégias principais: (1) a criação de dependência económica; (2) a partilha de segredos comprometedores (que impedem a rutura sem consequências); e (3) a vigilância

cruzada. Este último mecanismo é particularmente eficaz: cada membro vigia os outros, criando um ambiente de tensão e autorregulação. Estes métodos substituem os instrumentos de controlo formal presentes nas instituições legais.

Por fim, é relevante referir que o recrutamento se processa também através de formas simbólicas visíveis na cultura popular. Filmes, séries, músicas e narrativas orais constroem imagens romantizadas ou legitimadoras da pertença a grupos criminosos, sendo estes meios muitas vezes utilizados pelos grupos para disseminarem a sua mensagem e, desta forma, cativarem futuros novos membros (Décary-Héту & Morselli, 2011).

A série Clãs da Galiza participa nesse processo, ainda que com pretensões críticas, ao apresentar os líderes como estratégias complexos, os subordinados como leais até ao sacrifício, e os novos membros como vítimas da exclusão social.

Estas imagens moldam a perceção pública e podem influenciar a decisão de adesão de indivíduos em situações de vulnerabilidade (Phillips & Ríos (2020).

A análise do recrutamento não deve cingir-se à sua dimensão operacional, mas considerar os contextos sociais, simbólicos e psicológicos que o tornam eficaz. As estratégias utilizadas variam entre o aliciamento subtil e a coação direta, entre a sedução da promessa de poder e o condicionamento pela ameaça ou pela dependência. Trata-se, em última instância, de um processo multifacetado, onde o racional, o emocional e o simbólico se entrelaçam na construção de lealdades duradouras.

O estudo do recrutamento permite, assim, compreender a forma como as organizações criminosas se expandem sem perder coesão, como renovam os seus quadros sem desagregar a sua identidade e como asseguram a continuidade da sua estrutura interna, mesmo sob intensa repressão.

Trata-se de uma área que exige maior atenção académica, nomeadamente no que diz respeito à sua relação com o território, os afetos e as representações culturais.

4- O CLÃ LOS CHARLINES

O Clã Los Charlines emergiu como uma das organizações criminosas mais proeminentes da Galiza (Diário de Notícias, 2022), desempenhando um papel central no panorama do narcotráfico europeu.

Este capítulo visa dissecar a génese, evolução, operações e representações culturais associadas a este clã, estabelecendo paralelismos com a sua dramatização na série Clãs da Galiza.

A análise do fenómeno da criminalidade organizada em contexto ibérico não pode prescindir do estudo aprofundado do Clã Los Charlines, cuja trajetória criminosa se destaca não apenas pela longevidade e impacto económico, mas também pela sua capacidade de adaptação, enraizamento comunitário e domínio simbólico do território galego. Esta organização, de origem familiar, estabeleceu-se como uma das estruturas mais representativas do narcotráfico no noroeste peninsular, operando com elevada sofisticação logística e mantendo, ao longo de várias décadas, uma presença transversal nas esferas ilegais e legais da economia local.

A especificidade deste clã reside na sua configuração híbrida: por um lado, preserva os elementos tradicionais da criminalidade de base familiar, como a verticalidade hierárquica, o controlo patriarcal e os códigos de silêncio, por outro lado, manifesta traços de modernização organizacional, nomeadamente na diversificação das atividades ilícitas, na articulação com redes transnacionais e na infiltração estratégica de setores económicos formais. Esta dualidade, que combina raízes locais e alcance global, faz dos Los Charlines um caso paradigmático no contexto europeu de criminalidade organizada, exigindo uma abordagem que conjugue análise sociológica, criminológica e cultural.

A atuação dos Charlines evidencia precisamente essa racionalidade estratégica, em que cada decisão, desde o recrutamento até à escolha das rotas marítimas, é informada por um conhecimento aprofundado do território, por redes de influência e por mecanismos de controlo simbólico e afetivo sobre as comunidades. O seu *modus operandi* não pode ser compreendido apenas à luz

da repressão penal, mas deve ser interpretado como um fenómeno de organização social, onde a fronteira entre legalidade e ilegalidade é frequentemente ambígua e permeável.

A popularização do caso dos Charlines ganhou novo fôlego com a difusão da série Clãs da Galiza (Netflix, 2024), que dramatiza, com inspiração real, a ascensão e a consolidação do clã no contexto galego. Este produto cultural, embora ficcionado, permite analisar como os media contemporâneos constroem e difundem imagens do crime organizado, influenciando o modo como o público compreende fenómenos complexos como o recrutamento, a lealdade criminal ou o impacto económico da atividade ilícita.

A presente secção tem, assim, como objetivo central examinar, de forma aprofundada e sistemática, o percurso, as estruturas internas, as estratégias de recrutamento e a representação mediática do Clã Los Charlines, considerando não apenas os dados históricos e jurídicos disponíveis, mas também os contributos da análise cultural e da sociologia visual. A abordagem será desenvolvida através de cinco subcapítulos, que procuram oferecer uma visão integrada do fenómeno, articulando teoria e representação, empírica e narrativa, com base numa revisão rigorosa da literatura e na observação crítica da série televisiva enquanto artefacto cultural contemporâneo.

4.1- ORIGEM E EXPANSÃO DO CLÃ LOS CHARLINES NO CONTEXTO SOCIOECONÓMICO DA GALIZA

A emergência do Clã Los Charlines enquanto estrutura de criminalidade organizada deve ser enquadrada numa abordagem multidimensional, que articula fatores históricos, socioeconómicos, culturais e políticos, assim como as especificidades territoriais da Galiza enquanto espaço periférico, vulnerável e, simultaneamente, funcional ao crime transnacional. A análise desta genealogia criminal requer um olhar crítico sobre a forma como comunidades historicamente marginalizadas constroem economias paralelas de sobrevivência, onde o ilícito assume não apenas uma dimensão funcional, mas simbólica, identitária e política.

O período imediatamente posterior ao fim da ditadura franquista marcou uma inflexão na organização económica e social da Galiza. Registou-se uma retração do Estado nas suas funções sociais, acompanhada por um processo tardio e incompleto de industrialização regional. A zona das Rias Baixas, onde se localizava a base operacional do clã, apresentava indicadores estruturais de atraso económico, incluindo níveis elevados de desemprego, abandono escolar, fraca mobilidade social e ausência de infraestruturas públicas. Esta realidade, somada à orografia complexa do território, à fragmentação fundiária e à desvalorização da agricultura e pesca tradicionais, gerou um espaço social propício ao desenvolvimento de redes informais de comércio e tráfico.

No caso galego, o contrabando de bens essenciais nos anos 60 e 70, nomeadamente açúcar, café, carne e tabaco, constituiu uma válvula de escape para muitas famílias que encontravam na clandestinidade uma forma de dignificar a sobrevivência económica. A figura do contrabandista local, longe de ser vista como um delinquente, era frequentemente romantizada como um herói popular que burlava a injustiça fiscal do Estado central.

O Clã Los Charlines emerge, precisamente, dessa tradição clandestina consolidada, assumindo progressivamente uma postura mais estruturada, empresarial e internacionalizada. Manuel Charlín Gama, patriarca e estratega, soube capitalizar o saber empírico das rotas marítimas, aliando-o a uma visão pragmática do negócio ilícito, que incluía diversificação de mercados, alianças transnacionais e reinvestimento de lucros em setores legais. A década de 1980 revelou-se um ponto de rutura, quando a procura europeia de cocaína disparou e os intermediários sul-americanos procuravam pontos de entrada menos visíveis que os grandes portos comerciais. A costa galega, recortada e de difícil vigilância, tornou-se o corredor ideal.

Neste processo de transição de uma economia informal para uma criminalidade organizada, os Charlines replicam modelos já analisados pela literatura criminológica no estudo da máfia siciliana, da Yakuza japonesa ou dos cartéis mexicanos. Para Paoli (2003) as associações mafiosas operam como entidades funcionais difusas que estabelecem um poder paralelo ao do Estado, ao criarem as suas próprias regras internas, exercerem domínio político e assegurarem

ordem e proteção nos territórios sob o seu controlo. Os Charlines, tal como os Corleone ficcionados ou os Corleonesi reais, constroem uma reputação sustentada na previsibilidade da punição interna, na consistência dos laços familiares e no controlo territorial.

A série Clãs da Galiza (Netflix, 2024) capta esta lógica através de uma *mise-en-scène* densa e sugestiva, onde o silêncio, o olhar e o controlo do espaço são tão relevantes como a ação.

A título ilustrativo, no episódio inaugural apresenta-se uma situação de elevado impacto dramático que funciona como elemento estruturante da narrativa: o pai de Ana, Jorge Gonzalez, guia de passeios de barco, despede-se da filha, prometendo-lhe um reencontro próximo. Todavia, tal promessa não chega a concretizar-se, uma vez que Gonzalez é assassinado pelos seus próprios clientes, que se revelam ser sicários.

Esta cena inicial, além de marcar a rutura irreversível na vida da protagonista, simboliza a fragilidade do indivíduo comum perante as dinâmicas violentas do crime organizado, constituindo-se como motor da evolução da personagem e catalisador do enredo. Mas fica desde logo no ar: por que alguém iria querer matá-lo?

Por outro lado, ao longo da trama vão ser mostrados descarregamentos de contrabando.

Ora, a narrativa visual, aqui, não se limita a documentar uma operação: sugere que o contrabando faz parte do quotidiano, é norma não escrita, é herança coletiva. A câmara percorre lentamente os rostos dos presentes, todos cúmplices, todos coniventes e, sobretudo, todos dependentes do sucesso daquela economia paralela.

Este elemento de convivência social é central para compreender o sucesso e a resiliência do Clã Los Charlines, representados pelos Padín, na série Clãs da Galiza.

A legitimidade simbólica do grupo não provém apenas do medo ou da intimidação, mas também do seu papel como agente redistributivo. Ao empregar locais, comprar bens em comércios da região, financiar festas populares ou pagar tratamentos médicos a vizinhos, o clã inscreve-se na malha comunitária como instituição funcional.

O sucesso logístico dos Charlines deve também ser atribuído à conjugação entre conhecimentos empíricos e dispositivos tecnológicos. A frota de barcos rápidos, muitas vezes adaptados a partir de embarcações de pesca, utilizava sistemas de navegação avançados e operava segundo horários que evitavam radares costeiros. Estas práticas revelam um grau de sofisticação superior ao que normalmente se associa à criminalidade rural. Reuter (1983) destaca que “as organizações eficazes do crime transnacional são aquelas que sabem inovar na clandestinidade, apropriando-se de saberes técnicos do mundo legal para fins ilegais” (p. 92).

A arquitetura organizacional do clã é também um fator crucial. Estruturado em torno da família nuclear, o grupo funcionava segundo uma hierarquia estável, com delegação de funções, controlo da informação e rituais de confiança baseados em laços sanguíneos. Esta estrutura, de tipo patriarcal e centrada na figura do líder carismático, permitia um controlo eficaz dos fluxos económicos e operacionais, dificultando a infiltração policial.

Por sua vez, o discurso audiovisual da série acentua o mito do patriarca com traços quase bíblicos. A personagem inspirada em Charlín Gama é apresentada como estratega visionário, mas também como figura de tirania doméstica, num equilíbrio entre admiração e repulsa. A construção simbólica do poder assenta, assim, na ambivalência: o homem que protege é também o que pune, o que oferece é também o que exige. Esta duplicidade é particularmente visível na forma como os filhos são retratados: hesitantes, subordinados, cúmplices por laço de sangue e medo. A narrativa audiovisual reforça, assim, o que Fiandaca considera ser “a família de sangue como base da família mafiosa, a estrutura familiar como fundamento da organização mafiosa” (Fiandaca, 2007, p. 26).

A expansão do clã, por fim, deve ser lida como um fenómeno que ultrapassa a mera lógica criminal. Através da compra de imóveis, investimentos em empresas legais, doações a associações locais e contatos com atores políticos regionais, os Los Charlines conseguiram integrar-se nas estruturas da legalidade sem abandonar a sua vocação ilícita

No contexto galego, essa presença invisível foi durante décadas negligenciada por parte das autoridades, seja por conivência, seja por falta de meios e compreensão do fenómeno. O que começou como contrabando artesanal tornou-se, sem grande alarde, numa rede transnacional de narcotráfico, com capacidade de movimentar toneladas de cocaína e milhões de euros em fluxos financeiros ilícitos. Esta evolução, narrada de forma intensa e estilizada na série Clãs da Galiza, encontra eco na realidade empírica, sendo por isso uma ferramenta útil, ainda que incompleta, para compreender as camadas de complexidade que envolvem o surgimento e consolidação de organizações como os Los Charlines.

4.2- HIERARQUIA E DINÂMICAS INTERNAS DO CLÃ LOS CHARLINES

A estrutura interna do Clã Los Charlines constitui uma das chaves explicativas da sua longevidade, resiliência e eficácia operacional no universo da criminalidade organizada.

A hierarquia familiar, a distribuição funcional de tarefas, o controlo rigoroso da informação e o uso sistemático de mecanismos de lealdade e punição delinearam uma organização que, apesar da sua informalidade jurídica, opera com um grau de complexidade comparável ao de corporações transnacionais. Ao contrário de representações simplistas que associam o crime organizado a desordem ou violência caótica, os Los Charlines exemplificam uma forma de racionalidade criminal, onde a ordem interna é sustentada por um conjunto de regras tácitas, rituais de iniciação e redes de confiança assentes na proximidade familiar e comunitária.

A literatura especializada tem vindo a demonstrar que uma das características fundamentais das organizações mafiosas reside na sua estrutura piramidal ou segmentada, articulada por vínculos de lealdade pessoal e distribuição

funcionalizada de tarefas. Paoli (2003, p. 155) refere que “a violência constitui um dos recursos rotineiros utilizados pelos ‘homens de honra’ e pelas famílias mafiosas (...) o exercício regulado da coerção física é o próprio elemento constitutivo da comunidade política.” No caso do clã galego, a centralidade de Manuel Charlín Gama como figura patriarcal era incontestável, sendo ele o vértice de uma pirâmide assente nos seus filhos, irmãos e homens de confiança, que asseguravam os vários níveis de operação, desde a logística portuária ao transporte, passando pela lavagem de dinheiro e negociação internacional com outros grupos criminosos.

A estrutura interna dos Los Charlines apresentava uma notável redundância funcional, característica das organizações resilientes. Isto significa que, mesmo na ausência temporária de um líder por motivo de detenção, a cadeia de comando mantinha-se ativa através da distribuição vertical de funções e da preparação de substituições táticas. A solidez da hierarquia dos Charlines não dependia apenas da figura carismática do patriarca, mas também da rede de confiança e da cultura organizacional transmitida entre gerações.

A série Clãs da Galiza (Netflix, 2024) dramatiza esta lógica hierárquica através de um conjunto de cenas onde a obediência se manifesta não por palavras, mas por olhares, gestos e silêncios.

Esta forma de gestão baseada em símbolos, mais do que em regras escritas, confere à organização um grau de coesão interna que não depende da presença constante da figura dominante.

Conforme argumenta Gambetta (1993), a obediência no seio das organizações mafiosas não se baseia apenas no receio da punição física, mas sim na preservação da reputação como fornecedor de proteção. É essa reputação que força os membros a internalizarem as normas do grupo, censurando desvios não através de violência direta, mas por meio da pressão da comunidade organizacional e do risco de perderem o acesso ao serviço de proteção. No seio do Clã Los Charlines, essa lealdade era reforçada pelo carácter familiar da estrutura. A proximidade biológica entre os membros da organização garantia

uma menor probabilidade de traição, maior eficiência comunicacional e um sentido de pertença que ia além da mera funcionalidade operacional.

Outro elemento importante da dinâmica interna dos Charlines é a gestão do segredo. A separação da informação, ou seja, a estratégia de limitar o conhecimento de cada membro à sua função específica, permitia proteger a estrutura em caso de infiltração ou detenção de elementos periféricos. Shelley (2014) observa que “uma das grandes forças das organizações criminosas reside na sua capacidade de distribuir a informação de forma estratégica, garantindo que ninguém conhece o todo e que o risco é disperso por camadas” (p. 139). A série dramatiza este aspeto através de momentos em que os executores logísticos desconhecem a origem ou destino da carga, obedecendo cegamente a ordens transmitidas de forma fragmentada, por vezes por intermediários que evitam contacto direto com os líderes.

A articulação entre lealdade interna e desconfiança externa também se manifesta na exclusividade do recrutamento. Os membros exteriores ao núcleo familiar só eram integrados mediante provas de confiança, favores anteriores ou laços indiretos com a rede de lealdade já existente. Este processo de filtragem seletiva é comum nas estruturas mafiosas ela deve ser efetiva, pois “contrariamente ao que muitos acreditaram durante tanto tempo, a família de sangue como base da família mafiosa e a estrutura familiar como fundamento da organização mafiosa revelaram-se um instrumento extraordinário para a salvaguarda e expansão da ‘Ndrangheta’”. (Fiandaca, 2007, p. 26).

A gestão da autoridade interna era reforçada por um sistema de recompensas e punições eficaz. O desvio às ordens superiores podia implicar sanções simbólicas, como a exclusão temporária de reuniões, ou mesmo físicas, dependendo da gravidade. A série sugere, sem o mostrar diretamente, que certos desaparecimentos ou punições severas são aplicadas aos que quebram o pacto de silêncio, reforçando a aura de medo que rodeia o clã.

A distribuição interna de tarefas revela também uma sofisticação crescente ao longo do tempo. Enquanto nos primórdios as funções se confundiam com laços de sangue, os filhos transportavam, o pai comandava, com a expansão da

organização verifica-se uma maior profissionalização das funções: motoristas, intermediários financeiros, técnicos de comunicações e especialistas em evasão fiscal tornam-se figuras indispensáveis. Esta especialização progressiva evidencia o amadurecimento do clã enquanto entidade empresarial ilícita. Paoli (2003) aponta que “as organizações criminosas que atingem este grau de complexidade aproximam-se, na sua lógica funcional, das corporações legais, diferindo apenas na fonte e na natureza do seu rendimento” (p. 77).

A série aborda estas transformações de forma subtil, através da introdução de personagens novas ao longo dos episódios, com competências técnicas distintas. Este alargamento do círculo funcional é sempre acompanhado de uma tensão narrativa entre o tradicionalismo do núcleo familiar e a necessidade de abrir a estrutura à competência externa. Essa tensão, dramatizada por conflitos geracionais, ecoa os dilemas reais enfrentados por organizações criminosas que tentam preservar os seus códigos ancestrais enquanto se adaptam às exigências do mercado global do crime.

4.3- A INFLUÊNCIA SOCIAL E ECONÓMICA DO CLÃ NA GALIZA

A presença do Clã Los Charlines no território galego ultrapassou, desde cedo, os limites operacionais do narcotráfico e do contrabando, penetrando progressivamente nas estruturas económicas, sociais e culturais da região. Este processo de enraizamento não se limitou a estratégias de ocultação ou de lavagem de dinheiro, mas envolveu uma verdadeira integração funcional do clã no tecido comunitário, moldando comportamentos, legitimando discursos e criando dependências estruturais que sobreviveram a diversas operações policiais e à mediatização da sua atividade criminosa. Neste sentido, a análise da influência social e económica do Clã Los Charlines permite compreender não apenas os mecanismos de perpetuação do crime organizado, mas também a forma como este se infiltra nas dinâmicas locais e adquire legitimidade simbólica e pragmática.

De acordo com Dumont & García (2025), a eficácia das organizações criminosas depende, em larga medida, da sua capacidade de operar na zona cinzenta entre o legal e o ilegal. Paoli defende que as mesmas “apresentando-se como

organizações políticas alternativas ao Estado, as associações mafiosas ofereciam serviços de proteção, mediação e integração social." (Paoli, 2003, p. 182) Esta capacidade de substituição parcial da autoridade pública é particularmente visível em regiões economicamente deprimidas, como é o caso da Galiza rural, onde o acesso a emprego estável, crédito informal, justiça célere ou apoio comunitário se encontra comprometido pelas fragilidades do sistema estatal.

Ao longo dos anos o Clã Los Charlines começou a investir os lucros das suas operações ilícitas em negócios legais, tais como uma depuradora de marisco na Ilha de Arousa (Pontevedra), vários apartamentos, arrecadações e garagens em Vilanova de Arousa (elDiario.Es, 2023).

Os referidos investimentos não tinham apenas como finalidade a lavagem de capitais, mas visavam igualmente construir uma fachada de respeitabilidade e influência, integrando-se nos circuitos legítimos da economia local.

A estratégia dos Charlines consistia, em grande medida, na criação de vínculos de dependência económica com a comunidade. Ao oferecer empregos em empresas controladas pelo clã, facilitar empréstimos em dinheiro a taxas não usurárias, patrocinar eventos locais e apoiar instituições de caridade, o grupo passava a ser percecionado como um ator económico benéfico e, em certos contextos, preferível à administração pública.

Esta lógica de redistribuição seletiva reforçava a sua posição como "autoridade paralela", sobretudo em zonas de maior carência.

A série Clãs da Galiza (Netflix, 2024) retrata esta inserção económica e social de forma subtil, através de cenas que evidenciam como a população local se encontra ligada ao clã, nomeadamente através do controlo de setores comerciais conquistados em concursos públicos. Um exemplo disso surge na cena do tribunal, em que Berta e Laura conseguem assegurar a exploração do bar do porto de Cambados. Tal desfecho decorre da conversa entre Ana e Daniel, a qual leva Daniel a desistir da pretensão de assumir essa exploração.

Do ponto de vista económico, o impacto dos investimentos dos Charlines não pode ser subestimado.

Segundo dados reunidos no decorrer de investigações jornalísticas e judiciais, estima-se que o clã tenha movimentado, nas décadas de maior atividade, dezenas de milhões de euros, muitos dos quais canalizados para o setor imobiliário, aquisição de terrenos rústicos e negócios de fachada (Publico.es, 2010). A opacidade do sistema de registo predial e a fragilidade dos mecanismos de controlo financeiro tornaram possível esta integração sem grande resistência.

A presença do clã em setores económicos chave, como a construção civil e o transporte marítimo, permitia não só a mobilização eficiente de recursos, mas também o controlo indireto de cadeias logísticas regionais (elPaís, 2023). Esta lógica de “captura da infraestrutura” é coerente com a análise de Paoli (2003, p. 155), “através da ameaça ou do uso efetivo da violência, as associações mafiosas procuram impor as suas regras a terceiros, reivindicando o direito de ameaçar, neutralizar ou mesmo eliminar fisicamente quem ponha em causa as suas posições de poder.”

A série em análise ilustra esse domínio com planos subtis de armazéns, empresas com logótipos familiares, negócios com funcionários que respondem apenas ao nome do patriarca.

Estas imagens constroem visualmente a ideia de um império criminal dissimulado na economia local, onde tudo está, de algum modo, ligado à autoridade invisível do clã.

O silêncio dos vizinhos, a ausência de denúncias e a cumplicidade dos agentes económicos locais mostram como a máfia tira partido da falta de confiança social. Gambetta (1993) defende que a máfia prospera na ausência de confiança ao oferecer proteção através da aplicação de contratos, da resolução de litígios e da dissuasão da concorrência. O receio de perder esse serviço leva os seus beneficiários a cumprir as regras não apenas por medo da violência, mas sobretudo para não ficar desprotegidos.

Importa também considerar o papel dos meios de comunicação social e da mediatização na construção da imagem pública dos Charlines. A cobertura televisiva, embora muitas vezes crítica, contribuiu paradoxalmente para a notoriedade e mitificação do grupo, transformando os seus membros em figuras públicas, conhecidas e até, por vezes, admiradas. A série Clãs da Galiza, ao dramatizar estas realidades, reforça simultaneamente a crítica e o fascínio, tornando o clã objeto de consumo cultural, o que pode contribuir para a sua banalização ou mesmo para a perpetuação da sua influência simbólica.

A análise da influência económica e social do Clã Los Charlines revela, assim, um padrão de atuação profundamente estratégico, onde o capital obtido por vias ilícitas é convertido em poder económico formal, influência social e legitimidade comunitária. Esta trajetória, embora visivelmente criminosa, é interpretada por muitos como uma forma de "justiça compensatória" perante o falhanço das instituições formais. O clã torna-se, por conseguinte, mais do que uma rede criminosa: torna-se um ator social, capaz de moldar comportamentos, condicionar decisões e redefinir o próprio conceito de legalidade na comunidade onde opera.

4.4- MÉTODOS E ESTRATÉGIAS DE RECRUTAMENTO

O recrutamento constitui um eixo estruturante de qualquer organização criminosa duradoura, especialmente naquelas que, como o Clã Los Charlines, combinam uma base familiar tradicional com uma estrutura funcional expansiva e adaptável.

A forma como são selecionados, aliciados, testados e integrados os novos membros não apenas asseguram a sobrevivência operacional da organização, como também permite a reprodução simbólica dos seus valores, normas e códigos de conduta. O estudo dos métodos de recrutamento dos Charlines permite, por conseguinte, aceder ao modo como esta organização constrói, preserva e transmite o seu capital social interno, garantindo lealdade e eficácia em contextos de risco elevado e forte vigilância institucional.

À semelhança de outras organizações mafiosas de base familiar, os Los Charlines privilegiaram, na fase inicial da sua consolidação, o recrutamento

endógeno. Isto é, a integração de elementos oriundos do mesmo núcleo familiar ou de círculos sociais muito próximos, como vizinhos, amigos de infância, ou aliados históricos. Esta escolha está diretamente relacionada com a necessidade de maximizar a confiança e minimizar os riscos de traição, fuga de informação ou infiltração por parte das autoridades

A estrutura familiar do clã permitia que as primeiras fases da socialização criminal ocorressem de forma implícita, sem necessidade de rituais formais ou testes externos. A partilha de espaços domésticos com líderes operacionais, o testemunho quotidiano das práticas logísticas do contrabando, e a naturalização da linguagem do sigilo e da desconfiança faziam parte da rotina de muitos jovens recrutados.

Com o crescimento da estrutura e a intensificação da atividade transnacional, os Charlines viram-se obrigados a ampliar o seu raio de recrutamento, integrando indivíduos fora da rede familiar direta. Nesses casos, o acesso à organização dependia de provas sucessivas de fiabilidade, lealdade e discrição, sendo frequente a realização de tarefas menores, como transportes locais, vigilância ou funções logísticas, como etapa preliminar antes de assumir funções de maior responsabilidade. Este tipo de progressão hierárquica, baseado na meritocracia relacional e não em competências técnicas isoladas, é amplamente documentado nas análises do crime organizado europeu.

De acordo com Paoli (2003, p. 46), a integração de novos membros numa organização mafiosa realiza-se de forma faseada, sendo estes gradualmente iniciados nos mecanismos de confidencialidade necessários antes de terem acesso às informações sensíveis do grupo.

A série dramatiza esta lógica através de personagens secundários – como o caso da personagem Marco – que, após demonstrarem fiabilidade em pequenas missões, são integrados em operações mais complexas.

Outra dimensão importante a considerar no processo de recrutamento diz respeito à exploração das vulnerabilidades emocionais e socioeconómicas dos indivíduos-alvo. Em zonas marcadas pelo desemprego estrutural,

desinvestimento educativo e marginalização social, o crime organizado surge, muitas vezes, como a única alternativa viável de mobilidade e reconhecimento.

O recrutamento feminino, embora menos visível, também desempenhou um papel relevante.

Fiandaca (2007) salienta que as mulheres, nas máfias tradicionais, operam como mediadoras simbólicas, transmissoras culturais e, por vezes, gestoras de redes de apoio logístico. A invisibilidade das mulheres no interior dos Charlines não deve ser interpretada como ausência, mas como tática de proteção. A série sugere essa presença oculta através de personagens femininas que, embora silenciosas, controlam fluxos de informação e coordenam rotinas familiares com impacto direto nas operações do grupo. Esta realidade reforça a ideia de que a eficácia do recrutamento não se limita ao plano visível da organização, mas se estende às estruturas de base, domésticas e afetivas.

O processo de recrutamento de Ana González, advogada recém-chegada a Cambados, ilustra a sofisticação das estratégias do clã Padín na captação de profissionais externos. Ao contrário de jovens como Marco ou Moncho, aliciados através de laços de proximidade emocional e promessas de mobilidade social, a integração de Ana surge pela via da cooptação institucional. Daniel Padín aproxima-se inicialmente em contexto de infrações menores, utilizando a sua vulnerabilidade profissional, enquanto recém-instalada e ainda em afirmação na comunidade, como oportunidade para a atrair para a esfera do grupo

O recurso a Ana não é apenas funcional, mas estratégico: trata-se da infiltração de uma figura jurídica no universo do clã, garantindo proteção, legitimidade e capacidade de intermediação junto do sistema judicial. Esta tática revela a dimensão adaptativa do crime organizado, que não se limita ao recrutamento de membros operacionais, mas expande a sua influência ao campo legal, explorando zonas de intersecção entre legalidade e criminalidade.

A série sugere ainda que a aparente inocência e idealismo de Ana são deliberadamente manipulados por Daniel, que a caracteriza como “honesta e sem preconceitos”, numa tentativa de transformar qualidades éticas em instrumentos úteis à proteção das atividades ilícitas. Este processo de

aliciamento demonstra como o clã recorre a narrativas de confiança e sedução simbólica, aproximando-se das análises de Fiandaca (2007) sobre a utilização de figuras externas como mediadores culturais e logísticos.

Assim, o recrutamento de Ana evidencia o duplo vetor identificado no episódio: por um lado, a fidelização assente em lealdade pessoal e vínculos comunitários, por outro, a cooptação de profissionais estratégicos, cuja incorporação amplia o alcance e a resiliência da rede criminosa.

Conforme nos referem Comunale *et al.* (2020), os fatores sociais e económicos são os fatores mais usualmente reportados relacionados com o recrutamento por grupos de crime organizado, enquanto os fatores psicológicos são marginais. Ademais, as organizações criminosas necessitam de recrutar novos indivíduos para manter o poder e o controlo sobre os territórios em que estão estabelecidas, sendo, por isso, necessário que, ao longo do tempo, as entidades públicas estabeleçam políticas diferentes para combater o recrutamento por parte de grupos de crime organizado (Campedelli *et al.*, 2020).

Um aspeto adicional que merece atenção reforçada é, como já se salientou, o impacto das representações mediáticas na dinâmica de recrutamento.

A romantização de figuras do narcotráfico, alimentada por séries televisivas e notícias sensacionalistas, contribui para a criação de um imaginário de poder, ascensão social e masculinidade tóxica que pode reforçar a atratividade simbólica das organizações criminosas junto de públicos vulneráveis.

A série Clãs da Galiza, apesar da sua tentativa de dramatização crítica, participa, inevitavelmente, nesse processo de construção de ícones criminosos carismáticos.

O risco reside na estetização do crime, que pode encobrir a violência estrutural e as vítimas invisíveis do narcotráfico.

Este aspeto pode conduzir a alguma ambivalência, com alguns espectadores a poderem sentir admiração pelas personagens principais – como nos casos já

citados de *The Sopranos* ou *Narcos* –, revelando o potencial impacto que representações ficcionais podem ter na normalização do fenómeno criminoso.

Isto posto, no caso concreto dos Charlines, o recrutamento operava, portanto, numa lógica multifacetada, onde se conjugavam: (1) laços familiares e comunitários, (2) estratégias seletivas de confiança, (3) exploração de fragilidades sociais, (4) controlo emocional e afetivo, e (5) instrumentalização simbólica de representações públicas. Esta complexidade demonstra que o sucesso de uma organização criminosa não depende apenas da sua força militar ou capacidade logística, mas da sua competência em atrair, formar e integrar novos membros num sistema coeso, resistente e com sentido de missão partilhado.

4.5- SÉRIE “CLÃS DA GALIZA” E A REPRESENTAÇÃO DO RECRUTAMENTO DO CRIME ORGANIZADO

A dramatização do fenómeno do recrutamento no seio da criminalidade organizada, tal como apresentada na série *Clãs da Galiza* (Netflix, 2024), oferece um objeto privilegiado de análise para a compreensão da articulação entre ficção, discurso mediático e perceção pública do crime. Esta produção audiovisual, inspirada em factos reais, representa não apenas uma narrativa de ascensão e declínio de um clã criminoso, mas constitui igualmente uma ferramenta simbólica de construção do imaginário coletivo em torno da figura do narcotraficante, das lógicas de aliciamento e da cultura do crime na Galiza. A série, ao representar as formas como os jovens são aliciados e integrados na rede criminosa, participa ativamente na produção de significados sobre o crime organizado e o seu funcionamento interno.

A representação do recrutamento nos episódios mostra-se através de jovens como Marco ou Moncho, que procuram integrar-se no clã a partir de laços de proximidade familiar e comunitária. O processo não se limita à promessa de ganhos materiais, mas traduz-se também numa procura de reconhecimento e pertença. Esta integração é reforçada por gestos simbólicos de coesão — a oferta de dinheiro, a partilha de refeições ou os olhares de aprovação — que funcionam como sinais de lealdade. A narrativa evidencia, assim, como o crime

é naturalizado enquanto via de mobilidade social, substituindo os mecanismos formais da legalidade por códigos internos de confiança e submissão.

A estética da série colabora ativamente na mitificação destas dinâmicas, utilizando planos cerrados, iluminação contrastada e banda sonora grave para conferir densidade dramática aos momentos de iniciação. Como sublinham Elsaesser e Hagener “a ideia do corpo como invólucro sensorial, como membrana preceptiva e interface material-mental, em relação à imagem cinematográfica e à percepção audiovisual, é assim mais do que um dispositivo heurístico e uma metáfora estética” (Elsaesser, (2010, p. 11). Esta perspetiva reforça a noção de gramática visual como experiência multissensorial, onde forma e conteúdo se entrelaçam para envolver o espetador na simbólica do recrutamento, mesmo quando este ocorre por meios violentos ou coercivos.

Ao retratar o recrutamento como um processo quase inevitável, a série evidencia o papel determinante das atrações emocionais e sensoriais na adesão ao crime. Katz (1988) defende que a “sedução do crime” resulta não de cálculos racionais, mas das experiências emocionais e do reconhecimento que a transgressão proporciona, ultrapassando qualquer hesitação inicial. Assim, mesmo quando as personagens demonstram reservas morais, acabam por ceder à intensidade da experiência criminosa, que se apresenta como alternativa às limitações impostas pelo contexto social.

A série também dialoga com a tradição do chamado “cinema do crime”, marcado por uma ambivalência entre a condenação ética do criminoso e a sua exaltação estética. Rafter (2006) identifica essa tensão em grande parte da filmografia ocidental, onde os filmes de género criminal expõem as falhas da sociedade enquanto, simultaneamente, envolvem o público na perspetiva de um protagonista que, ao longo da narrativa, restabelece a ordem no final.

Em Clãs da Galiza, a ambivalência da liderança de José Padín manifesta-se de forma clara: ainda que encarcerado, continua a dirigir operações e a impor-se como figura central do clã, revelando uma visão pragmática onde o poder e o dinheiro se confundem com liberdade. Ao mesmo tempo, oscila entre a violência e a intimidação — como no episódio em que humilha Ana — e a aparência de

figura protetora, que assegura vigilância sobre os seus próximos sob o pretexto de proteção. Esta duplicidade reforça a imagem de um patriarca que exerce autoridade absoluta através de uma combinação de medo, manipulação e lealdade.

A construção do imaginário do recrutamento na série insere-se num contexto galego historicamente marcado pela tolerância, quando não pela legitimação, do contrabando, primeiro de tabaco e mais tarde de estupefacientes, como prática social enraizada. A representação do clã como “produto do meio” reflete esse *ethos* local, revelando-o não como elemento externo ou meramente disruptivo, mas como consequência natural das dinâmicas comunitárias. Este enquadramento sociocultural encontra correspondência na perspetiva de Hall e Jefferson (1976), os quais sustentam que as subculturas juvenis se configuram frequentemente como respostas criativas a condições estruturais de exclusão, na medida em que os jovens redefinem práticas e valores perante limitações institucionais. A série concreta essa noção ao recorrer à linguagem cinematográfica e à organização narrativa para ilustrar o envolvimento criminoso não apenas como uma decisão racional, mas como uma estratégia adaptativa num meio em que a provisão extralegal de recursos e proteção constitui um mecanismo de sobrevivência.

A crítica mediática à série tem sido ambivalente. Alguns comentadores elogiaram a fidelidade histórica, a sobriedade estética e a crítica implícita ao abandono do Estado. Outros, porém, sublinharam o risco de *glamourização* dos traficantes e a superficialidade na abordagem às vítimas indiretas do narcotráfico. Esta ambivalência é particularmente relevante do ponto de vista académico, pois revela que a representação do recrutamento não é neutra: ela pode tanto reforçar estigmas como produzir empatia, tanto gerar compreensão como incentivar a naturalização do fenómeno.

Do ponto de vista discursivo, a série também contribui para a reconfiguração do léxico público sobre o crime organizado. Palavras como “família”, “lealdade”, “honra” e “código” são empregues com frequência nos diálogos e nas legendas, em detrimento de termos mais técnicos como “organização criminosa”, “rede de tráfico” ou “associação ilícita”. Assim, o que é nomeado como “família” adquire

imediatamente uma carga simbólica que neutraliza, em parte, a sua criminalidade efetiva.

Importa ainda sublinhar que, embora a série não tenha como objetivo ser uma obra científica, ela possui uma função pedagógica no espaço público. O modo como representa o recrutamento, tanto nas suas causas como nos seus mecanismos, influencia perceções, políticas públicas e até decisões judiciais. Jewkes tal como estipulado no início da sua bibliografia, defende que a mesma “reflete a relação simbiótica entre duas das características mais permeáveis da vida tardo moderna” (Jewkes, 2015, p. II).

Neste sentido, Clãs da Galiza é simultaneamente produto e produtora de imaginários sociais sobre o recrutamento no crime organizado.

A análise da série, enquanto representação dramatizada, mas enraizada em dados empíricos e narrativas locais, permite compreender não apenas os mecanismos internos do clã, mas sobretudo a forma como a sociedade os interpreta, os consome e os reproduz. Esta perspetiva cultural é indispensável para qualquer abordagem contemporânea ao fenómeno da criminalidade organizada, sobretudo numa era onde as fronteiras entre o real e o ficcional são cada vez mais porosas e interdependentes.

CONCLUSÃO

As redes criminosas organizadas constituem estruturas complexas e hierarquizadas que operam à margem da legalidade com o objetivo central de obter lucro através de atividades ilícitas.

Estamos perante organizações que se distinguem da criminalidade comum pela sua elevada capacidade de organização, pela continuidade temporal das suas ações e, sobretudo, pela criação de redes estáveis de cooperação entre membros. Estas organizações atuam em múltiplas frentes – seja tráfico de drogas, contrabando, lavagem de dinheiro, extorsão, entre outras – e tendem a, de forma simultânea ou pelo menos subsequente, infiltrar-se em setores legais como forma de camuflar ou facilitar as suas operações ilícitas. A sua atuação é marcada por uma lógica empresarial, ainda que inserida no submundo da ilegalidade, o que lhes confere uma grande capacidade de adaptação ao contexto social, político e económico em que se inserem.

Estes tipos de redes operam muitas vezes em geografias periféricas ou em territórios onde o Estado exerce um controlo limitado ou menos forte (como sucedeu na Galiza), mas também conseguem infiltrar-se em ambientes urbanos e em sistemas institucionais mais desenvolvidos, recorrendo à corrupção e à intimidação como estratégias de neutralização da autoridade.

A sobrevivência das redes de crime organizado depende de vários fatores-chave: a solidez das suas estruturas internas (normalmente baseadas em relações de confiança, lealdade e controlo rígido), a diversificação das suas atividades, a sua capacidade de adaptação aos mecanismos de repressão estatal e, sobretudo, a sua eficácia na substituição de membros e na renovação geracional – aspeto que torna o recrutamento um processo vital para a continuidade da organização.

Esta capacidade de regeneração sustentada é frequentemente subestimada, mas constitui o cerne da resiliência das redes criminosas organizadas ao longo do tempo.

Neste sentido, esperamos que o presente estudo tenha contribuído para um entendimento mais aprofundado dos mecanismos de reprodução interna das organizações criminosas e para o desenvolvimento de estratégias de intervenção mais eficazes por parte das autoridades e da sociedade civil. É que o recrutamento apresenta um papel central como estratégia de sobrevivência, crescimento e legitimação simbólica destas organizações.

O recrutamento nas redes criminosas organizadas é um processo estratégico e seletivo, o qual é concebido para garantir a perpetuação da estrutura, a sua segurança interna e a eficácia das suas operações.

Longe de ser um processo aleatório, o recrutamento é cuidadosamente desenhado em função das necessidades da organização, das características do território onde atua e do grau de risco associado às atividades desempenhadas. Conforme verificámos, de modo geral, o processo de recrutamento privilegia laços de confiança, sendo comum que os novos membros sejam selecionados a partir de círculos familiares, de vizinhança ou de amizade. Por outro lado, importa ainda sublinhar que o recrutamento é muitas vezes gradual e progressivo. Os candidatos não são imediatamente integrados nas esferas centrais da organização, mas vão sendo testados em tarefas de menor risco e responsabilidade, como forma de provar a sua lealdade, competência e silêncio. Só após este período de “prova” é que podem aceder a funções mais estratégicas, refletindo um modelo quase meritocrático de ascensão dentro da estrutura criminosa.

Ou seja, os membros vão passando por um certo período de “teste”, por forma a ser comprovada a confiança.

É este o caso da personagem Marco, na série Clãs da Galiza, a qual somente após ser testada pelo clã vai então assumindo cada vez mais responsabilidades na organização.

Esta preferência por vínculos fortes reforça os mecanismos de lealdade e dificulta a infiltração de elementos contrários à organização, funcionando como um filtro de segurança interna. A confiança que vai sendo construída a pouco e pouco reduz o risco de delação e facilita o controlo comportamental dos recrutas.

No caso de organizações com forte enraizamento territorial e familiar, como o Clã Los Charlines, o recrutamento tende ainda a assumir características endogâmicas, com os membros a serem maioritariamente oriundos do mesmo núcleo familiar ou da mesma comunidade. Esta dimensão familiar não apenas garante uma maior coesão interna, como também permite criar um sistema de valores e lealdades partilhadas que se prolonga no tempo. O clã, neste sentido, funciona como uma estrutura quase “tribal”, onde a pertença é simultaneamente funcional e identitária. Paralelamente, o recrutamento pode operar através de mecanismos de sedução social e económica, particularmente eficazes em contextos de exclusão, desemprego ou vulnerabilidade juvenil. Com a existência de promessas de ascensão social rápida, rendimento económico elevado e pertença a um grupo respeitado (ainda que temido) constituem fatores apelativos que incentivam a adesão. Em alguns casos, este processo é facilitado por figuras carismáticas no seio da organização, que funcionam como mentores ou “padrinhos” dos novos elementos, transmitindo-lhes não só as normas de conduta como também o “*know-how*” operativo.

Desta forma, a análise das estratégias de recrutamento utilizadas pelo Clã Los Charlines evidencia a sofisticação e adaptabilidade das organizações criminosas no contexto contemporâneo.

No presente estudo conseguimos perceber como, através de mecanismos formais e informais, o clã conseguiu não só garantir a sua continuidade geracional, mas também expandir a sua rede de influência dentro e fora da Galiza. Elementos como a confiança familiar, o controlo territorial e a instrumentalização de laços sociais demonstraram ser fulcrais na seleção e integração de novos membros, contribuindo para a resiliência e longevidade da estrutura criminosa.

Para além do exposto, a capacidade do clã em adaptar as suas estratégias às mudanças no ambiente legal e socioeconómico revela uma criminalidade organizada altamente dinâmica e pragmática. A substituição progressiva de métodos coercivos por mecanismos de cooptação voluntária – muitas vezes alicerçados em promessas de mobilidade económica e proteção – ilustra a complexidade do fenómeno, desafiando abordagens simplistas na sua análise.

Assim, o caso do Clã Los Charlines fornece um exemplo paradigmático de como as estratégias de recrutamento se entrelaçam com a cultura local, os vínculos familiares e as dinâmicas do mercado ilícito.

Conclui-se que o objetivo central deste estudo — compreender como o fenómeno do recrutamento é representado na série Clãs da Galiza — foi alcançado. A narrativa evidencia o recrutamento como um processo estruturado, seletivo e gradual, sustentado em vínculos familiares, territoriais e comunitários, mas também aberto a dinâmicas externas que ampliam a influência da organização.

Enquanto a trajetória de Marco ilustra a integração progressiva baseada na confiança e lealdade, o percurso da advogada Ana González demonstra a incorporação de atores externos através da competência técnica e do papel estratégico desempenhado. Esta dualidade revela não só a persistência dos mecanismos tradicionais de endogamia, mas igualmente a capacidade adaptativa das redes criminosas na atração de perfis especializados.

Assim, Clãs da Galiza problematiza as múltiplas formas de recrutamento e evidencia o seu papel central na reprodução e resiliência do crime organizado, contribuindo para uma compreensão crítica do fenómeno e para a consciencialização coletiva sobre o seu impacto.

Importa ainda salientar uma dificuldade encontrada no decurso desta investigação. A ausência de acesso ao guião oficial da série Clãs da Galiza, não disponibilizado pela produtora Netflix, representou uma limitação no processo analítico. Para ultrapassar esta dificuldade, procedemos à transcrição direta dos episódios visionados, focando especificamente as partes relevantes para a análise. Embora tal opção tenha tornado o processo mais moroso e exigente, permitiu assegurar uma leitura consistente e fundamentada da narrativa audiovisual, garantindo a fiabilidade dos excertos examinados e a sua adequada articulação com os dados históricos e académicos

Isto posto, cumpre referir que, no contexto contemporâneo, as séries televisivas assumem um papel cada vez mais relevante na construção do imaginário

coletivo em torno de fenómenos sociais complexos, como a criminalidade organizada.

Ao cruzarem narrativas ficcionais com elementos de verosimilhança histórica, estas produções criativas tornam acessíveis ao grande público realidades que, de outro modo, permaneceriam restritas ao campo académico ou jornalístico. A dramatização audiovisual permite não apenas ilustrar os mecanismos operacionais das redes criminosas, mas também explorar dimensões humanas, éticas e sociais que ajudam a compreender a sua persistência e impacto. Em muitos casos, as séries funcionam como verdadeiros veículos de pedagogia informal, oferecendo perspetivas críticas sobre temas como o poder, a violência, a corrupção e a exclusão social. Quando bem fundamentadas, estas representações podem estimular o debate público, promover a literacia social e até influenciar a agenda política e mediática em torno da criminalidade organizada, funcionando como complemento relevante – ainda que não substituto – da investigação científica.

Neste sentido, a série Clãs da Galiza assume uma relevância significativa na contextualização e popularização do fenómeno da criminalidade organizada galega, ao oferecer uma representação dramatizada, mas fundamentada, das dinâmicas internas dos clãs, das relações de poder e das ligações entre criminalidade, território e estrutura familiar.

A série tem grande mérito ao expor ao grande público os mecanismos sociais e económicos que alimentam estas redes, promovendo uma maior consciência sobre a sua complexidade e persistência. Através da ficcionalização de casos inspirados em figuras reais, como o Clã Los Charlines, a produção contribui para desmistificar a ideia de que estas organizações operam exclusivamente pela força ou intimidação, revelando, pelo contrário, estratégias subtis de controlo social, sedução simbólica e integração comunitária. Além disso, ao abordar temas como o recrutamento, o papel das mulheres nos clãs, e a relação ambígua com o poder institucional, a série proporciona um espaço de reflexão crítica que pode e deve ser explorado também em contextos académicos e pedagógicos, especialmente na área da criminologia, sociologia e estudos culturais.

REFERÊNCIAS

- ALBANESE, J. S. (2015). *Organized crime: From the mob to transnational organized crime*. Routledge.
- BARANAUSKAS, A., & DRAKULICH, K. (2018). Media Construction of Crime Revisited: Media Types, Consumer Contexts, and Frames of Crime and Justice*. *Criminology*.
- BARDIN, L. (2009). *Análise de conteúdo* (Edição revista e atualizada). Edições 70.
- BECKER, H. S. (1963). *Outsiders: Studies in the Sociology of Deviance*. Free Press.
- BELLAMY, D. (2024). Euronews. EU's most threatening criminal networks enter legal economy. <https://www.euronews.com/2024/04/05/eus-most-threatening-criminal-networks-enter-legal-economy>
- BERGER, R. (2019). Deviant Group Membership – Joining, Leaving, and Behavior in Criminal Groups. *International Journal of Social Science Studies*.
- BICHLER, G., MALM, A., & COOPER, T. (2017). Drug supply networks: a systematic review of the organizational structure of illicit drug trade. *Crime Science*, 6, 1-23.
- BORDWELL, D. (2008). *Poetics of cinema*. Routledge.
- BOUCHARD, M. (2020). Collaboration and Boundaries in Organized Crime: A Network Perspective. *Crime and Justice*, 49, 425 - 469.
- BOZO, V. C. (2019). Understanding gang-recruitment through selective incentives : the case of honduras.. *revista jurídica mario alario d'filippo*, 11(21), 29-40.
- BREUER, N., & VARESE, F. (2022). The Structure of Trade-type and Governance-type Organized Crime Groups: A Network Study. *The British Journal of Criminology*.

BRIGHT, D., KOSKINEN, J., & Malm, A. (2019). Illicit Network Dynamics: The Formation and Evolution of a Drug Trafficking Network. *Journal of Quantitative Criminology*, 35, 237-258.

CALDERONI, F. (2012). The structure of drug trafficking mafias: the 'Ndrangheta and cocaine. *Crime, Law and Social Change*, 58, 321-349.

CALDERONI, F., CAMPEDELLI, G., SZÉKELY, Á., PAOLUCCI, M., & ANDRIGHETTO, G. (2021). Recruitment into Organized Crime: An Agent-Based Approach Testing the Impact of Different Policies. *Journal of Quantitative Criminology*, 38, 197 - 237.

CALDERONI, F.; TOMMASO, c., MARCHESI, M., SAVONA, M. (2020). Recruitment into organised criminal groups: A systematic review

CAMIC, P., RHODES, J., & YARDLEY, L. (2003). Qualitative research in psychology: Expanding perspectives in methodology and design..

CAMPEDELLI, G., CALDERONI, F., PAOLUCCI, M., COMUNALE, T., VILONE, D., CECCONI, F., & ANDRIGHETTO, G. (2020). A Policy-oriented Agent-based Model of Recruitment into Organized Crime, 397-408.

CHICHARRO-MERAYO, M., GIL-GASCÓN, F., & BAPTISTA, C. (2023). Spanish-Portuguese Serial Fiction as a Politainment Tool: Representations of Politics on Iberian Television. *Media and Communication*.

COHEN, S. (1972). Folk devils and moral panics: The creation of the Mods and Rockers. MacGibbon & Kee.

COMUNALE, T., CALDERONI, F., MARCHESI, M., SUPERCHI, E., & CAMPEDELLI, G. (2020). Systematic Review of the Social, Psychological and Economic Factors Relating to Involvement and Recruitment into Organized Crime. *Understanding Recruitment to Organized Crime and Terrorism*.

DARUHADI, G., & SOPIATI, P. (2024). Research Data Collection. *International Journal of Social Service and Research*.

DÉCARY-HÉTU, D., & MORSELLI, C. (2011). Gang Presence in Social Network Sites. *International Journal of Cyber Criminology*, 5, 876.

DENZIN, N. K. & LINCOLN Y. S. (2018). The Sage Handbook of Qualitative Research. 5th Edition. Sage.

DI RONCO, A., & LAVORGNA, A. (2018). Changing representations of organized crime in the Italian press. *Trends in Organized Crime*, 21, 1-23.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS (2022). "El Viejo", histórico do narcotráfico galego, não resistiu a uma queda em casa. <https://www.dn.pt/arquivo/diario-de-noticias/el-viejo-historico-do-narcotrafico-galego-nao-resistiu-a-uma-queda-em-casa--14455164.html>

DONOVAN, K., & KLAHM, C. (2015). The Role of Entertainment Media in Perceptions of Police Use of Force. *Criminal Justice and Behavior*, 42, 1261 - 1281.

DOWLER, K., FLEMING, T., & MUZZATTI, S. (2006). Constructing Crime: Media, Crime, and Popular Culture. *Canadian Journal of Criminology and Criminal Justice*, 48, 837-850.

DUMONT, G., & GARCÍA, R. (2025). The Legal Embeddedness of Criminal Organizations: The Case of Barcelona's Narcopisos. *Academy of Management Discoveries*.

EL DIÁRIO (2023). Fiscalía pide condenar al clan de 'los charlines' asegurando que el patrimonio familiar “procede del tráfico de drogas”. https://www.eldiario.es/galicia/fiscalia-pide-condenar-clan-charlines-asegurando-patrimonio-familiar-procede-trafico-drogas_1_10642971.html

EL PAÍS (2023). Los Charlines vuelven al banquillo por blanqueo: tres décadas tras los padrinos del narco galego. <https://elpais.com/espana/galicia/2023-09-22/los-charlines-vuelven-al-banquillo-por-blanqueo-tres-decadas-tras-los-padrinos-del-narco-gallego.html>

EL PAÍS. (2024). Crítica à série “Clãs da Galiza”. www.elpais.com/cultura/critica-clas-netflix

ELSAESSER, T., & HGENER, M. (2010). *Film Theory: An Introduction through the Senses* (1st ed.). Routledge.

EMCDDA. (2019). *European Drug Report*. Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência.

EMCDDA. (2022). *European Drug Report*. Observatório Europeu da Droga.

FERRELL, J. (2013). Cultural Criminology and the Politics of Meaning. *Critical Criminology*, 21, 257-271

FERRELL, J., HAYWARD, K., MORRISON, W., & PRESDEE, M. (2008). *Cultural Criminology: An Invitation*. Sage.

FIANDACA, G. (2007). *Women and the Mafia: Female Roles in Organized Crime Structures*. Springer.

GAMBETTA, D. (1993). *The Sicilian Mafia: The Business of Private Protection*. Harvard University Press.

GARCÍA, M. M. (2006). ‘Narcoballads’: The Psychology and Recruitment Process of the ‘Narco.’ *Global Crime*, 7(2), 200–213.

GERRING, J. (2011). *Social Science Methodology: A Unified Framework*.

GIBBONS, J., ANDERSON, D., SMITH, R., FIELD, D., & FISCHER, C. (1986). Young children's recall and reconstruction of audio and audiovisual narratives.. *Child development*, 57 4, 1014-1023.

GIBSON, J. J. (2015). *The ecological approach to visual perception*. Psychology Press.

GOLDBERG, T. (1999). The Social Components of Drug-Influenced Behaviour, 22-40.

GOTTFREDSON, M. R., & HIRSCHI, T. (1990). *A general theory of crime*. Stanford University Press.

GUTMANN, P. (1977). The Subterranean Economy. *Financial Analysts Journal*, 33, 26-27.

HALL, S. (1997). Representation: Cultural Representations and Signifying Practices. Sage.

HALL, S., & JEFFERSON, T. (1976). Resistance Through Rituals: Youth Subcultures in Post-War Britain. Hutchinson.

HIRSCHFIELD, P., & SIMÓN, D. (2010). Legitimizing police violence. *Theoretical Criminology*, 14, 155 - 182.

ILFELD, B. (2022). Why science is less scientific than we think (and what to do about it): The 2022 Gaston Labat Award Lecture. *Regional Anesthesia and Pain Medicine*, 47, 395 - 400.

International Permanent Observatory on Security during Major Events. (2007). IPO Security planning model. Torino: UNICRI.

JEWKES, Y. (2015). *Media and Crime* (4.^a ed.). Sage.

KATZ, J. (1988). *The Seductions of Crime: Moral and Sensual Attractions in Doing Evil*. Basic Books.

KEMP, Luke & ZOLGHADRIHA, Sanaz & GILL, Paul. (2020). Pathways into organized crime: comparing founders and joiners. *Trends in Organized Crime*, 23.

KILBY, L., & LENNON, H. (2021). When words are not enough: Combined textual and visual multimodal analysis as a Critical Discursive Psychology undertaking. *Methods in Psychology*.

KUMAR, D. (2023). The cost of a thriving underground economy.

LEVI, M., & MAGUIRE, M. (2004). *The Oxford Handbook of Criminology*. Oxford University Press.

LEWIS, S. (2015). Qualitative Inquiry and Research Design: Choosing Among Five Approaches. *Health Promotion Practice*, 16, 473 - 475.

MACKENZIE, S. (2020). Transnational Criminology: Trafficking and Global Criminal Markets.

MADSEN, F. (2018). Transnational criminal networks, 437-449.

MERLINO, R. (2014). Sicilian Mafia, Patron Saints, and Religious Processions: The Consistent Face of an Ever-Changing Criminal Organization. *California Italian studies*, 5.

MULVEY, L. (1975). Visual pleasure and narrative cinema. *Screen*, 16(3), 6–18.

NETFLIX. (2024). Clãs da Galiza [série televisiva].

OLIVER, Willard M. (420–439) - Crime, history, and Hollywood: learning criminal justice history through major motion pictures. *Journal of Criminal Justice Education* 22:3 (2011).

ORSINI, M. (2017). Frame Analysis of Drug Narratives in Network News Coverage. *Contemporary Drug Problems*, 44, 189 - 211.

PAOLI, L. (2003). *Mafia Brotherhoods: Organized Crime, Italian Style*. Oxford University Press.

PAOLI, Letizia, e BEKEN, Tom Vander, 'Organized Crime: A Contested Concept', in Letizia Paoli (ed.), *The Oxford Handbook of Organized Crime*, Oxford Handbooks (2014; online edn, Oxford Academic, 5 Dec. 2014),

PHILLIPS, B., & RÍOS, V. (2020). Narco-Messages: Competition and Public Communication by Criminal Groups. *Latin American Politics and Society*, 62, 1 - 24.

PUBLICO.ES (2010). 'Los Charlines' ocultaban su patrimonio en el extranjero. <https://www.publico.es/actualidad/charlines-ocultaban-patrimonio-extranjero.html>

RAFTER, N. H. (2006). *Shots in the Mirror: Crime Films and Society* (2.^a ed.). Oxford University Press.

ROBERTS. A. (2014). *Biographia Literaria* by Samuel Taylor Coleridge. Edinburgh University Press.

ROJAS, L., & LÉVY, B. (2025). Landowners Meet Drug Traffickers: Coercive Networks and Violence in Rural Colombia. *Antipode*.

ROMER, D., JAMIESON, K., & ADAY, S. (2003). Television News and the Cultivation of Fear of Crime. *Journal of Communication*, 53, 88-104.

ROSE, G. (2016). *Visual Methodologies: An Introduction to Researching with Visual Materials* (4th ed.). Sage.

SAMPSON, R. J., & LAUB, J. H. (1993). *Crime in the making: Pathways and turning points through life*. Harvard University Press.

SMITH, C., & PAPACHRISTOS, A. (2016). Trust Thy Crooked Neighbor. *American Sociological Review*, 81, 644 - 667.

UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME. (2000). United Nations Convention against Transnational Organized Crime and the Protocols Thereto. UNODC.

UNODC. (2010). The globalization of crime. A transnational organized crime threat assessment. Vienna: UNODC. <https://www.unodc.org/unodc/en/data-and-analysis/tocta-2010.html>

VALA, J. (2007). A Análise de Conteúdo. In A. S. Silva, & J. M. Pinto, *Metodologia das Ciências Sociais* (14.a ed., pp. 101-128). Porto: Edições Afrontamento.

VAN LEEUWEN, T. (2001). *Introducing Social Semiotics*. Routledge.

VARESE, F. (2013). The Structure and the Content of Criminal Connections: The Russian Mafia in Italy. *European Sociological Review*, 29, 899-909

VINCENT, S., & O'MAHONEY, J. (2016). *Critical Realism and Qualitative Research: An Introductory Overview*.

VO, Samantha (2018). Drug Trafficking and Community Welfare in Costa Rica. *Global Social Welfare*, 5, 59-69.

VON LAMPE, K. (2015). Recent publications on organized crime. *Trends in Organized Crime*, 19, 203 - 210.

WEBER, M. (1947). The Theory of Social and Economic Organization (A. M. Henderson & T. Parsons, Trans.). New York: Oxford University Press

YIN, R. K. (2005). Estudo de caso: Planejamento e métodos (2.^a ed.). Bookman.

ZAYATS, K., & SHAI, R. (2024). Hierarchical Structure as a Characteristic of a Criminal Organization. *Visnik Nacional'nogo universitetu «Lvivska politehnika»*. *Seria: Uridicni nauki*.

APÊNDICES

Transcrição das cenas com base categorial – Serie “Clãs da Galiza” (Netflix, 2024)

Contextualização (1)

O presente apêndice reúne um conjunto de transcrições selecionadas da série Clãs da Galiza (título original Clanes), uma produção original espanhola da plataforma Netflix, lançada em junho de 2024. Criada por Jorge Guerricaechevarría e realizada por Roger Gual, a série decorre na região da Galiza e aborda, em tom dramatizado, o funcionamento de clãs familiares envolvidos em atividades ligadas ao narcotráfico.

Embora a série adote uma abordagem ficcional, a sua narrativa está fortemente inspirada em factos reais e em organizações criminosas efetivamente existentes. Em particular, reconhece-se uma clara alusão ao grupo criminoso Los Charlines, um dos clãs galegos mais influentes nas décadas de 1980 e 1990, conhecido pela sua participação ativa no contrabando de tabaco, tráfico de estupefacientes e outras formas de criminalidade organizada. A figura de José Padín, personagem central na série, apresenta paralelismos evidentes com Manuel Charlín Gama, patriarca dos Charlines, incluindo a estrutura familiar, a liderança patriarcal e os métodos de intimidação e controlo territorial utilizados.

As transcrições incluídas neste apêndice foram retiradas de diferentes episódios da série e organizadas segundo seis categorias analíticas que estruturam a abordagem conceptual da presente dissertação:

1. Representações de recrutamento criminoso e ligações criminosas corruptas;
2. Hierarquia e autoridade mafiosa simbólica;
3. Estetização da violência na representação cinematográfica;
4. Territorialidade e identidade cultural mafiosa;
5. Articulação entre legalidade e criminalidade;
6. Romantização do uso de lucros do crime na representação cinematográfica;

7. Fatores psicológicos;
8. Lucro, poder e influência;
9. Modus Operandi.

Cada excerto é antecedido por uma breve contextualização da cena, com indicação do episódio e momento temporal aproximado, bem como da sua relevância no âmbito da categoria em que se insere. As transcrições foram efetuadas com base no conteúdo verbal original da série, mantendo integralmente a fidelidade ao guião em espanhol. A única intervenção consistiu na tradução cuidada para português de Portugal, com o objetivo de facilitar a análise textual e temática. Foram igualmente respeitadas as indicações cénicas e o registo linguístico das personagens.

Este material empírico destina-se a aprofundar a leitura crítica das representações ficcionais do crime organizado na série, em articulação com as categorias analíticas desenvolvidas ao longo da dissertação, permitindo observar de que forma são construídas narrativas audiovisuais que projetam, legitimam ou questionam determinadas imagens da criminalidade mafiosa, em articulação com fenómenos históricos e estruturas reais como as que envolveram o clã Los Charlines

Atores e personagens da Série “Clãs da Galiza”

Clara Lago – Ana González, protagonista e advogada que se envolve com o universo do clã Padín.

Tamar Novas – Daniel Padín, filho do chefe do clã e figura central da hierarquia criminoso.

Xosé Antonio Touriñán – Nilo, braço direito do Daniel Padín (figura próxima ao clã).

Melania Cruz – Laura Silva Figaredo, meia-irmã de Ana González/filha de Silva que foi o informante que colocou José Padín na prisão.

Francesc Garrido – Naranjo, principal inspetor da Polícia Nacional de Espanha envolvido no caso dos Padín.

Miguel de Lira – José Padín, patriarca e líder do clã.

Nuno Gallego – Marco, afilhado de Daniel Padín.

Tomás del Estal – Nazario, Advogado da família e do Clã Padín.

Diego Anido – Samuel, membro recrutado pelo grupo criminoso.

Chechu Salgado – Toño "el canoso", irmão de Nino.

María Pujalte – Berta Figaredo, mãe de Laura e antiga mulher de Silva, informante que colocou José Padín na prisão.

Cris Iglesias – Torres, Inspetora da Polícia Nacional e braço direito de Naranjo.

Tito Refoxo – Cañizo, Inspetor da Polícia Nacional, parêlha de Torres.

Monti Castiñeiras – Silva, Pai de Ana e Laura, Ex-membro do Clã Padín, informante que colocou José Padín na prisão. Tem nome de Jorge Gonzalez após a prisão de Padín, conhecido por esse nome no contexto familiar atual, fora de Cambados.

Xerardo Salgado – Moncho, membro recrutado pelo grupo criminoso.

Pepo Suevos – (nome não detetável), membro recrutado pelo grupo criminoso

Xose Esperante – Moniz, Polícia da Guarda Civil espanhola, corrupto e membro recrutado pelo grupo criminoso.

Marta Costa – Maria, filha de Laura e namorada de Marco. Neta de Silva, informante do caso José Padín.

NOTA: A série Clãs da Galiza apresenta um elenco alargado, com várias personagens que surgem ao longo dos episódios. Contudo, nem todas estas personagens têm influência direta nas cenas selecionadas para este apêndice. Assim, apenas são aqui mencionados os atores e personagens relevantes para a análise desenvolvida, sendo excluídas aquelas que não têm impacto nas transcrições escolhidas.

Grelha de Observação (2)

Registo: 1

Temporada: 1

Episódio: 1

Início: minuto 4:35

Fim: minuto 5:05

Categorias: 1, 7

Identificação da Cena:

Local: Marina de Cambados

Momento do dia: dia

Daniel: “Conheces o provérbio “a preguiça é a mãe de todos os vícios?” É o vício da Guarda Civil.”

Muñiz: “Vai-te foder, Padín.”

Daniel: “Vai-te foder, Muñiz.”

Daniel: “Estou a ajudar-te, e ainda me chateias.”

Muñiz: “Estás a abusar. A Polícia Nacional anda atrás de ti.”

Daniel: “Não me digas? Eu sei, pá.”

Outro personagem não referenciado: “Daniel, vamos chegar atrasados.”

Daniel: “Estás a atrasar-me. Alinhas ou procuro outra pessoa?”

Daniel: “Os teus colegas fazem fila para entrar nisto. Só para que saibas.”

Muñiz: “Conta comigo.”

Daniel: “Ótimo. Adoro o teu entusiasmo. Também te adoro.”

Daniel sai de cena a mexer no telemóvel

Registo: 2

Temporada: 1

Episódio: 1

Início: minuto 5:10

Fim: minuto: 5:35

Categoria: 8

Identificação da Cena:

Local: Pista de todo-o-terreno

Momento do dia: dia

Toño: "Vamos Marcial!"

Daniel: "Sim!"

Moncho: "Ouve Daniel. Há dois..."

Daniel: "Sim, eu vi. É impossível não ver."

Toño: "Não nos livramos dos bófiás."

Daniel: "Não te preocupes. É bom que nos vejam."

Registo: 3

Temporada: 1

Episódio: 1

Início: minuto 7:00

Fim: minuto: 8:10

Categoria: 9

Identificação da Cena:

Local: Pista de todo-o-terreno

Momento do dia: dia

Daniel atende uma chamada telefónica

Daniel: "O que foi?"

Membro do grupo: "Estamos lixados, chefe."

Daniel: "O que foi?"

Membro do grupo: "Tivemos de dar muitas voltas. Estamos sem gasolina."

Membro do grupo: “Temos de reabastecer.”

Daniel: “Fiquem quietos. Esperem aí.”

Daniel desliga a chamada

Membro do grupo: “Manolo, desliga os motores. Foda-se, ele pediu-nos para esperar.”

Samuel: “Esperar aqui com a coca?”

Membro do grupo: “O que queres que eu faça?”

Nilo: “Aí vem ele. O que foi? Eu vou.”

Daniel: “Não te preocupes. Calma. Diz que estás tonto, vou livrar-me dos polícias.”

Nilo: “Está bem. Ótimo.”

Daniel: “Ele desmaiou!”

Nilo finge desmaio ao entrar na ambulância, e Daniel vai saindo de cena

Torres: “Onde caralho se meteram?”

Cañizo: “Não faço ideia.”

Registro: 4

Temporada: 1

Episódio: 1

Início: minuto 20:55

Fim: minuto: 24:20

Categoria: 1

Identificação da Cena:

Local: Tribunal de Pontevedra

Momento do dia: dia

Daniel: “Não me lixes, Nazario. Não digas isso.”

Nazario: “Deixa-me explicar. Não está famoso. Tivemos muito azar. O nosso juiz é muito duro.”

Daniel: “Quem é aquela?”

Nazario: “É nova. Diz na internet que é advogada financeira.”

Nazario: “A primeira coisa que fez foi inscrever-se como defensora pública.”

Daniel: “Talvez estejamos com sorte. Como se chama?”

Daniel: “Desculpe, Ana?”

Ana: “Sim.”

Daniel: “Ana? Sou o Daniel Padín, muito prazer. Desculpem, só um segundo.”

Daniel: “Podemos falar?”

Ana: “Com licença, claro.”

Daniel: “Preciso que me represente. Há algum problema?”

Ana: “Não, claro que não. Eu dou-lhe o meu cartão. Pode passar no escritório e..”

Daniel: “Não. A audiência é agora.”

Ana: “Agora?”

Daniel: “Agora. Vamos? Por aqui.”

Cena dentro do tribunal com o juiz que relata o caso de infração de trânsito em que o Daniel está metido

Ana: “Nada mal.”

Daniel: “Nada mal? Foi um milagre. Pensei que me iam tirar a carta.”

Ana: “Só tem dois pontos. Não é muito.”

Daniel: “Para mim é. Sabes como é importante... Desculpe, doutora. Posso falar informalmente?”

Ana: “Sim, claro.”

Daniel: “Sabes como é importante poder conduzir e não depender de alguém? No meu ramo, quero dizer.”

Ana: “Qual a tua profissão?”

Daniel: “Não sabes?”

Ana: “Não, se soubesse, não perguntava.”

Daniel: “Não acredito.”

Daniel: “É um meio pequeno. Não há segredos.”

Ana: “Acabei de chegar. Estou aqui há um mês.”

Daniel: “Digamos que estou no negócio das importações.”

Ana: “Hm.”

Daniel: “O que foi?”

Ana: “Não, disseram-me que o teu antigo advogado...”

Daniel: “O Nazário?”

Ana: “Sim. Disseram-me que é muito experiente.”

Daniel: “É.”

Ana: “Mas quiseste que eu te representasse.”

Daniel: “Sim. Tu viste o Nazario, não foi?”

Daniel: “Eu gosto dele e trata das minhas coisas, mas, de relance, percebemos, que ele é um vigarista, está sempre a defender criminosos. E tu...”

Ana: “Eu...?”

Daniel: “És uma mulher honesta, idealista e sem preconceitos. Não és?”

Ana: “Bom, funcionou, por isso...”

Daniel: “Não, não funcionou. Foi um milagre. E isso deve ser celebrado.”

Daniel: “Pago-te o jantar em Cambados. Um sítio com uma estrela Michelin. É de um amigo.”

Daniel: “O que foi?”

Ana: “Desculpa, tenho um compromisso.”

Daniel: “Amanhã, então. Tens de comer.”

Ana: “Também não posso amanhã.”

Daniel: “Não?”

Ana: “Não, desculpa.”

Daniel: “Muitos compromissos para uma recém-chegada.”

Ana: “Não te preocupes, vamos manter o contacto.”

Daniel: “Vamos?”

Ana: “Claro. Ainda tenho de te enviar a conta.”

Registo: 5

Temporada: 1

Episódio: 1

Início: minuto 29:00

Fim: minuto 29:30

Categoria: 8

Local: Hospital

Momento do dia: dia

Médico José Luís: “Deves-me uma refeição.”

Padín: “Quando quiseres. Uma mariscada, sabes como é. Obrigado, José Luís”

Padín: “Temos pouco tempo. Em seis horas, tenho de estar na prisão de Algeciras.”

Registo: 6

Temporada: 1

Episódio: 1

Início: minuto 30:00

Fim: minuto 31:35

Categoria: 1

Local: Porto de Cambados

Momento do dia: dia

Daniel: “É verdade?”

Ana: “O que?”

Daniel: “Disseram-me que vinhas aqui correr todos os dias.”

Ana: “Disseram-te?”

Daniel: “Eu avisei-te. Aqui sabe-se tudo.”

Ana: “Pois. Parece que sou a notícia do mês.”

Daniel: “Da semana, pelo menos.”

Ana: “Podemos andar?”

Daniel: “Claro, faz-nos bem.”

Daniel: “O que uma miúda como tu faz numa terra como esta?”

Ana: “Bem... ganho a vida.”

Daniel: “É por isso que estou aqui. Preciso dos teus serviços.”

Ana: “O que se passa? Outra multa de trânsito?”

Daniel: “Talvez. Mas não é para mim. Preciso que representes umas pessoas que foram presas.”

Ana: “Pois. “Umas pessoas”.”

Daniel: “Sim.”

Ana: “Só que, se estás a tentar usar aquele truque da advogada honesta e idealista para influenciar o juiz, não contes comigo.”

Daniel: “Não, era “honesto, idealista e sem preconceitos”.”

Ana: “Ah, desculpa.”

Daniel: “Mas já não és assim. Informaste-te e decidiste que sou o culpado de tudo o que acontece aqui.”

Ana: “Não és?”

Daniel: “Bem, não sou grande cantor, mas não sou eu que faço chover.”

Daniel: “Mas não faz mal. Não te devia ter proposto isto. Da próxima vez terei isso em conta.”

Daniel: “Mas ainda temos um jantar pendente. Não te arrefeças.”

Registo: 7

Temporada: 1

Episódio: 1

Início: minuto 40:40

Fim: minuto 41:25

Categoria: 4, 6

Local: Igreja

Momento do dia: dia

Marco: “Daniel.”

Daniel: “O meu afilhado preferido. Os meus pêsames.”

Marco: “É complicado. É difícil”

Marco: “Queria pedir-te que contasses comigo.”

Daniel: “Conto. Para quê?”

Marco: “O que achas, Daniel?”

Marco: “Se puder fazer alguma coisa, o dinheiro dava-me jeito.”

Daniel: “Precisas de dinheiro? Quanto?”

Marco: “Não. Não é isso. Sabes o que quero dizer.”

Daniel: “Deixa-te de disparates e concentra-te nos estudos, sim?”

Marco: “Não se excluem mutuamente. Ajuda-me.”

Daniel: “Estou a ajudar-te. Não te metas nisto.”

Marco: “Não te saíste mal. Há algo esta noite, certo?”

Daniel: “É? Onde ouviste isso?”

Marco: “Não sou parvo.”

Daniel: “Não, és demasiado inteligente.”

Daniel: “Se os teus pais descobrem...Eles são boas pessoas.”

Marco: “Se não lhes disseres, não descobrem.”

Daniel: “Toma. 400 euros.”

Marco: “Não, não.”

Daniel: “Vou dá-los ao padre então.”

Daniel: “Vai lá.”

Registo: 8

Temporada: 1

Episódio: 1

Início: minuto 41:50

Fim: minuto 42:25

Categoria: 2

Local: Armazém junto ao rio

Momento do dia: dia

Membro do clã: “Calma aí, os telemóveis.”

Samuel: “Para quê?”

Membro do clã 1: “Para a chata da tua namorada não te ligar.”

Membro do clã 1: “Poupem-me. Parecem novatos, vamos lá!”

Samuel: “Porque temos de ir?”

Membro do clã 1: “O quê?”

Samuel: “Porque temos de ser nós a ir?”

Membro do clã 1: “Sei lá. Achas que eu sei?”

Membro do clã 2: “É sempre assim, parece que ninguém sabe de nada por aqui.”

Registo: 9

Temporada: 1

Episódio: 1

Início: minuto 46:00

Fim: minuto 47:00

Categoria: 9

Local: Cemitério de Cambados

Momento do dia: dia

Marco: “Moncho, espera. Ouve.”

Moncho: “Então, Marco?”

Marco: “Vou convosco esta noite.”

Moncho: “Vens connosco?”

Marco: “O Daniel mandou falar contigo.”

Moncho: “O Daniel? Certo.”

Marco: “Podemos perguntar-lhe.”

Moncho: “Não, na boa.”

Moncho: “Toma, anota este número e espera que eu te ligue.”

Marco: “Brutal, meu.”

Moncho: “Pode demorar.”

Marco: “Não faz mal, basta dizeres e eu vou lá ter.”

Moncho: “Certo.”

Registo: 10

Temporada: 1

Episódio: 1

Início: minuto 47:10

Fim: minuto 48:00

Categoria: 2

Local: Casa

Momento do dia: noite

Toño: “O que faz um bófia aqui? Mas que raio fazes aqui?”

Muñiz: “Onde está o Daniel?”

Toño: “O que fazes aqui?”

Muñiz: “Onde está o Daniel?”

Daniel: “Shshsh, então?”

Daniel: “Está tudo bem. Anda cá.”

Daniel: “Ouve, o que fazes aqui?”

Muñiz: “Tens de cancelar esta noite.”

Daniel: “Esta noite?”

Muñiz: “Não te faças de parvo. O que andam a tramar.”

Daniel: “O que aconteceu?”

Muñiz: “A polícia anda atrás de ti.”

Muñiz: “Estão à tua espera e tu não me atendes.”

Daniel: “Não te chateies, vamos ver quem está a espera de quem.”

Registo: 11

Temporada: 1

Episódio: 1

Início: minuto 51:40

Fim: minuto 52:00

Categoria: 9

Local: Garagem onde trabalha José Padín
dia

Momento do dia:

Chamada telefónica entre José Padín e Daniel

Padín: “Sim?”

Daniel: “Pronto, já temos o polvo para a festa.”

Padín: “Viste se tinha os tentáculos todos?”

Daniel: “Tem tudo. Tentáculos, cabeça e tudo.”

Padín: “Perfeito.”

Daniel: “Adeus.”

Resumo e análise do episódio 1 – Clãs da Galiza

O primeiro episódio da série introduz o universo criminal do clã Padín, liderado por José Padín, e apresenta as dinâmicas relacionais que sustentam o grupo,

bem como o processo de integração e recrutamento de novos elementos na estrutura criminosa.

Desde os primeiros minutos, a narrativa evidencia a relação de Daniel Padín (filho do patriarca) com diferentes indivíduos que orbitam o clã, revelando práticas de cooptação e persuasão características do crime organizado. Exemplos disso encontram-se nas interações com Muñiz, um agente da Guarda Civil corrupto que, apesar de resistência inicial, acaba por alinhar com o clã, ilustrando a captura de elementos institucionais para apoio logístico e proteção.

Simultaneamente, observam-se diálogos entre Daniel e jovens como Marco (o seu afilhado) e Moncho, onde a adesão ao grupo criminoso surge através de laços de confiança e proximidade emocional. A cena no cemitério, em que Marco procura integrar-se em operações do clã, demonstra como o recrutamento se baseia na normalização do crime como via de mobilidade social e no aproveitamento de vulnerabilidades individuais, como dificuldades económicas ou procura de afirmação identitária.

Paralelamente, a introdução de Ana González, advogada recém-chegada, estabelece o contraponto entre o mundo legal e a estrutura criminosa. A aproximação de Daniel a Ana, embora inicialmente ligada a infrações menores, funciona como estratégia de manipulação para infiltrar figuras jurídicas em atividades do clã, revelando a sofisticação do grupo na infiltração de profissionais com potencial para proteger interesses ilícitos.

Ao longo do episódio, o clã revela uma estrutura hierárquica coesa, com Daniel a assumir funções operacionais e de liderança no terreno, enquanto Padín mantém influência mesmo encarcerado, coordenando ações a partir do exterior e reforçando o carácter transgeracional do crime organizado.

No plano macro, o episódio evidencia dois vetores essenciais do recrutamento criminal:

1. Fidelização por lealdade e vínculos pessoais – observada no aliciamento de Marco e Moncho, onde o crime é apresentado como uma extensão natural das relações familiares e comunitárias.

2. Corrupção institucional e cooptação de profissionais – exemplificada pela integração de Muñiz e pela tentativa de captar Ana González, garantindo ao clã proteção e legitimidade aparente perante a justiça.

Grelha de Observação (3)

Registo: 12 **Temporada: 1** **Episódio: 2**

Início: minuto 1:40 Fim: minuto 3:10

Categoria: 2 e 5

Local: Escritório da Ana Momento do dia: dia

Laura: “Bem, tu conheces o bar. A questão é que não é nosso, pertence ao município.”

Berta: “É uma concessão municipal.”

Ana: “Suponho que o prazo está prestes a expirar.”

Laura: “Sim, daqui a uns dias. Aliás, umas semanas.”

Laura: “Mas há rumores de que...”

Berta: “Os Padín querem comprar o bar.”

Laura: “É o que se diz... Mãe, diz-se que eles vão fazer uma oferta muito alta, e o bar não lhes daria lucro.”

Ana: “Então, mas para que? Quer dizer...”

Laura: “Porque...”

Berta: “Ela sabe quem somos?”

Laura: “Mãe, deixas-me acabar?”

Ana: “Ouvi falar, mas não sei...”

Berta: “Se ouviste, já sabes. Esta bem? Vamos.”

Ana: “Não, espera. Peço desculpa.”

Ana: “Posso ter-me expressado mal ou não ter percebido bem.”

Berta: “Esta bem. Então, explica-te.”

Ana: “A minha dúvida é que, tanto quanto sei, que é pouco, esta história ocorreu há muito, há mais de dez anos, por isso, não percebo porquê agora.”

Berta: “Porque o pai deles vai ser libertado.”

Laura: “Ele está preso há algum tempo e sairá daqui a uns dias. Ao fazer isso, de certa forma...”

Berta: “Ele quer que todos saibam que ele não perdoa. Nunca.”

Registo: 13 Temporada: 1 Episódio: 2

Início: minuto 1:40 Fim: minuto 1:45

Categoria: 2

Local: Discoteca Momento do dia: noite

Entrega de uma garrafa de champanhe aos polícias a fazer vigilância aos membros do Clã

Registo: 14 Temporada: 1 Episódio: 2

Início: minuto 9:20 Fim: minuto 10:00

Categoria: 2

Local: Rua Momento do dia: noite

Daniel: “Estou?”

Padín: “Já sabemos quem foi?”

Daniel: “A sério?”

Padín: “Sabes quem nos chibou?”

Daniel: “Sim, sabemos.”

Padín: “Sabes o que fazer, certo?”

Daniel: “Convinha não armar barraca agora. E acabou por dar jeito.”

Padín: “Acabou?”

Daniel: “Foi lindo. Como um truque de magia. Olharam para um lado e fizemos a nossa cena no outro. Qual o problema?”

Padín: “O problema é que, se acharem que não há consequências, vão continuar a foder-nos.”

Daniel: “Está bem.”

Padín: “Confio em ti.”

Daniel: “Adeus.”

Registo: 15

Temporada: 1

Episódio: 2

Início: minuto 10:10

Fim: minuto 11:30

Categoria: 1, 4

Local: Junto ao rio Cambados

Momento do dia: dia

Daniel: “Sabes o que eu fiz?”

Ana: “O quê?”

Daniel: “Inscrevi-me na meia-maratona de Zamora.”

Daniel: “Daqui a um mês.”

Ana: “Apanhaste o gosto?”

Daniel: “E deixei de fumar.”

Ana: “Ótimo.”

Daniel: “Estou a adorar. Acordar cedo, calçar as sapatilhas...E a companhia, claro.”

Daniel: “Porque não vens comigo? Podias ser a minha lebre.”

Ana: “Vais abafar.”

Daniel: “Então, para um pouco.”

Ana: “É o que dá correr de ressaca.”

Daniel: “Ressaca? O que é isso?”

Ana: “Não sei.”

Daniel: “Tu tens razão, eu estou morto.”

Daniel: “Isto nunca me acontecia. Talvez porque não corria.”

Ana: “Ouve, tenho uma questão. Queres ficar com o bar do porto?”

Daniel: “Quem te disse isso?”

Ana: “A Berta e a Laura. Vieram pedir-me que as representasse.”

Daniel: “Estás a sair-te bem. Vais ganhar uma fortuna com esse caso.”

Ana: “Estou a falar a sério. Vais perder dinheiro só para as expulsar?”

Daniel: “Estás a perguntar como advogada? Ou como mexerica?”

Registo: 16

Temporada: 1

Episódio: 2

Início: minuto 16:20

Fim: minuto 16:40

Categoria: 9

Local: Tribunal de Cambados

Momento do dia: dia

Juiz: “Foram consideradas as três ofertas para a concessão do serviço de recolha do lixo. A Comissão escolheu a empresa *Limpiezas Bayón* que assim renova a sua concessão.”

Laura: “Esta empresa também lhes pertence.”

Registo: 17 Temporada: 1 Episódio: 2

Início: minuto 20:50 Fim: minuto 20:55

Categoria: 2

Local: Porta de casa de Samuel Momento do dia: dia

Membro do clã passa por Samuel à porta da sua casa

Membro do clã: “Esta noite, no bar das raposas.”

Samuel: “Está bem.”

Registo: 18 Temporada: 1 Episódio: 2

Início: minuto 24:20 Fim: minuto 20:55

Categoria: 7, 9

Local: Bar das raposas Momento do dia: noite

Membro do clã: “Laura serve um bagaço aqui ao Samu.”

Samuel: “Não, espera. Talvez um chá de camomila.”

Laura: “Está bem.”

Samuel: “Vou à casa-de-banho.”

Membro do clã: “Vai. Eu aviso-te se surgir algo.”

*Muñiz que se encontra no bar recebe uma mensagem que diz: “Sai daí” *

Muñiz: “Querida! A conta, por favor.”

Maria em chamada telefónica com Marco

Marco: “O que? Não vais dizer nada?”

Maria: “Tu é que me ligaste.”

Marco: “Credo, Maria. Quando estás assim...”

Maria: “Agora sou rabugenta.”

Marco: “Foi só um comentário. Não é nada de mais.”

Maria: “Achas tu.”

Marco: “Não disse nada de mal.”

Maria: “Chegaram umas pessoas.”

Marco: “Que pessoas, Maria?”

Maria: “Têm passa-montanhas.”

Marco: “Maria, o que se passa?”

Maria: “Eles... Merda, não sei o que se passa. Já te ligo.”

Marco: “Maria?... Maria?”

Homens encapuzados entram dentro do bar

Laura: “Que raio fazem aqui?”

Membro do clã: “Calma, não é nada.”

Laura: “Vou chamar a polícia!”

Membro do clã: “Não tem nada que ver contigo!”

Laura: “Pára! Não me toques!”

Homem encapuzado do clã 1: “Calma.”

Membro do clã: “Então deixam-na em paz.”

Homem encapuzado do clã 1: “Onde está ele?”

Membro do clã: “Na casa de banho.”

Berta: “O que se passa aqui?”

Homem encapuzado do clã 2: “Para a cozinha, Raposa.”

Berta: “Não me apetece!”

Laura: “Mãe, faz o que eles dizem.”

Berta: “Laura, Laura! Deixem me em paz!”

Membro do clã: “Quieta.”

Maria ao ver a situação na rua liga para a polícia

Maria: “Estou? Polícia? Preciso de ajuda! Estou no bar de Cambados.”

Homem encapuzado do clã 1: “Anda.”

Samuel: “O que fazem?”

Berta: “Laura!”

Samuel: “Pára. Não me sinto bem.”

Homem encapuzado do clã 2: “Não aconteceu nada, ouviste?”

Samuel começa a vomitar na rua

Homem encapuzado do clã 1: “Não me fodas, Samuel!”

Samuel: “Desculpa.”

Homem encapuzado do clã 1: “Não vomites no carro!”

Registo: 19

Temporada: 1

Episódio: 2

Início: minuto 27:15

Fim: minuto 29:00

Categoria: 1, 5

Local: Lar de repouso de Felisa / Casa do Daniel

Momento do

dia: dia

Funcionária do lar: “Olá, Felisa. Que sorte, uma senhora bonita veio falar consigo.”

Ana: “Obrigado.”

Felisa: “Eu conheço-te?”

Ana: “Não, Felisa. Não me conheces.”

Ana: “Mas quero fazer-lhe umas perguntas, se não se importar.”

Felisa: “Perguntas? A mim?”

Felisa: “Não me lembro de nada.”

Ana: “Mas acho que se vai lembrar disso. Tenho aqui apontado que se chama Felisa Porto.”

Felisa: “Sim, é verdade.”

Ana: “Também diz que é dona de uma fábrica de conservas, três carros de luxo e uma casa em *El Grove*.”

Felisa: “Então, foi ele que te enviou?”

Ana: “Quem?”

Felisa: “Quem mais? O meu Danielzinho. É preciso que assine algo?”

Ana: “Não, Felisa. Isso já é o suficiente.”

Em casa do Daniel

Daniel: “Não há nada de estranho com isso. A Felisa esteve connosco desde que eu era miúdo.”

Daniel: “É como família. Então, eu pago-lhe o lar.”

Ana: “E, em troca, figura como proprietária de bens no valor de mais de 4 milhões de euros, incluindo esta casa.”

Daniel: “E? Tinha de fazer algo, não? Primos ou parentes já não dá. É cada vez mais difícil. A Felisa é perfeita.”

Ana: “Pois, não é parente.”

Daniel: “Não é, mas é como se fosse. Confio nela e ela gosta de mim.”

Ana: “Eu sei.”

Daniel: “Porque estás preocupada?”

Ana: “Basta uma pessoa ir ao lar e verificar, como eu fiz, que ela não é capaz de gerir o património. Nem como justificar esse rendimento. Se houver inspeção é fácil juntar dois mais dois.”

Daniel: “É esse o teu trabalho, certo? Fazer um bom trabalho e livrar-me de apuros, não é?”

Ana: “Hmhm.”

Registo: 20

Temporada: 1

Episódio: 2

Início: minuto 30:30

Fim: minuto 31:10

Categoria: 4

Local: Quarto de Maria

Momento do dia: dia

Laura: “Andas com aquele rapaz?”

Maria: “Sabia que ias aparecer.”

Laura: “Estas a sair com ele ou não?”

Maria: “O nome dele é Marco.”

Laura: “Eu sei como ele se chama. É sobrinho do Toño e do Nilo.”

Maria: “E?”

Laura: “Vá lá, Maria! Quem achas que foi ao bar e levou aquele desgraçado?”

Maria: “Sei que foi o Toño. Ouvi-o quando saíram.”

Laura: “Porque achas que o raptaram no bar? Para mostrar que podem fazer o que querem. O bar é deles, como tu nesta cidade. Mesmo assim tu...”

Maria: “O Marco não é como os tios.”

Laura: “É do mesmo sangue.”

Maria: “E depois? O Marco e os pais não estão envolvidos.”

Laura: “Ele disse-te isso?”

Maria: “Sim.”

Laura: “E acreditas nele?”

Maria coloca os fones e não responde

Registo: 21

Temporada: 1

Episódio: 2

Início: minuto 33:30

Fim: minuto 35:05

Categoria: 1 e 2

Local: Oficina de Nilo

Momento do dia: dia

Marco: “Tio! Como estás?”

Nilo: “Olha quem está aqui. O meu sobrinho preferido. O que fazes aqui?”

Marco: “Não mandaste mensagem para vir até aqui?”

Nilo: “Claro. E fazes sempre o que o teu tio diz, não é?”

Marco: “Se me vais dar na cabeça...”

Nilo: “Não. Que não se repita o outro dia. Sem descarregamentos.”

Marco: “Mas todos...”

Nilo: “Nem, mas, nem meio, mas.”

Marco: “Mas...”

Nilo: “Não quero saber de nada. Forma-te para não seres um saloio como nós. Entendido?”

Marco: “Só queria ajudar.”

Nilo: “Querias ganhar uns trocos por um descarregamento? Com a tua idade, era um teso. Não sejas parvo.”

Marco: “E o marinheiro desaparecido?”

Nilo: “O que tem?”

Marco: “O que vão fazer com ele?”

Nilo: “Como é que eu hei de saber?”

Marco: “Não sei.”

Nilo: “Foi o teu pai que te disse?”

Marco: “Não não foi.”

Nilo: “Não?”

Marco: “Não.”

Toca telemóvel de Nilo

Nilo: “Vai te embora.”

Marco: “Está bem.”

Nilo: “Nada de descarregar.”

Marco: “Está bem. Adeus.”

Nilo: “Adeus.”

Nilo atende

Nilo: “Ele está com fome? Dá-lhe de comer, não queremos que ele morra.”

Nilo: “O que queres que faça? Que vá ao McDonald's? Deve haver enlatados. Fechou há um mês, mas devem ter deixado tudo aí.”

Resumo e análise do episódio 2 – Clãs da Galiza

O segundo episódio da série desenvolve as tensões em torno do controlo territorial do clã Padín e aprofunda a forma como o grupo articula práticas ilícitas com espaços e negócios legalmente reconhecidos. A disputa pelo bar do porto, gerido pela câmara municipal, evidencia como a família procura instrumentalizar estruturas institucionais para expandir a sua influência e reforçar a presença no território de Cambados.

A figura de José Padín mantém-se central na narrativa, exercendo autoridade mesmo a partir do interior do estabelecimento prisional. A interação com Daniel sublinha a hierarquia interna do clã e a importância da retaliação para preservar o capital de medo e respeito que sustenta a liderança do patriarca. Este controlo é também visível na provocação dirigida à Polícia Nacional – o envio de uma garrafa de champanhe – que funciona como sinal de desafio e demonstração de impunidade.

O episódio introduz ainda elementos de violência normalizada, como o rapto no bar das raposas, que combina tensão com humor negro através da reação desajeitada de Samuel. Esta estetização da violência contribui para a representação do crime como fenómeno quotidiano e reforça a integração da criminalidade no tecido social local.

Destaca-se igualmente o papel de Felisa Porto, utilizada para encobrir bens adquiridos ilicitamente. A personagem, retratada como vulnerável, surge associada a propriedades de elevado valor, ilustrando estratégias de branqueamento de capitais baseadas na utilização de terceiros para mascarar a origem do património.

Ao longo do episódio, a narrativa explora também as relações pessoais, como a ligação entre Maria e Marco, marcada pelo conflito entre sentimentos afetivos e lealdades familiares. Este enredo demonstra a dificuldade em separar as dimensões privadas e criminais na comunidade retratada, reforçando a centralidade da família enquanto pilar da estrutura mafiosa. Porém, começa a demonstrar também o início de uma confusão mental em Marco, que começa a fazer questões relativas a práticas criminais do qual não agrada o tio Nilo.

Grelha de Observação (4)

Registo: 22

Temporada: 1

Episódio: 3

Início: minuto 0:20

Fim: minuto 3:10

Categoria: 6

Local: Avioneta de Daniel

Momento do dia: dia

Ana e Daniel encontram-se a sobrevoar Cambados, olhando e sorrindo um para o outro

Registo: 23

Temporada: 1

Episódio: 3

Início: minuto 2:10

Fim: minuto 3:20

Categoria: 6 e 8

Local: Avioneta de Daniel / Resort

Momento do dia: dia

Daniel e Ana a andar de carro de luxo marca Porsche

Daniel e Ana a andar por um resort

Daniel: “O que achas?”

Ana: “O negócio era este?”

Daniel: “Compramos?”

Ana: “Devíamos ver os documentos, não?”

Daniel: “Vais ler agora? O Nazário recomenda. Eu mostro-te os números.”

Ana: “Se não te importares, prefiro verificar as contas.”

Daniel: “Claro, mas primeiro temos de ver como trabalham, não? Vamos.”

Ana a receber uma massagem

Massagista: “Olá.”

Daniel: “Olá.”

Daniel: ““É fixe?”

Ana: “Então, vais te embora?”

Daniel: “Isto aborrece-me. E tenho um recado para fazer.”

Ana: “Queres que vá contigo?”

Daniel: “Não, relaxa e desfruta. Não pode ser só trabalho.”

Ana: “Mas ainda não fizemos nada.”

Daniel: “Pensas tu. Depois falamos.”

Registo: 24

Temporada: 1

Episódio: 3

Início: minuto 5:00

Fim: minuto 6:30

Categoria: 1 e 2

Local: Restaurante/Bar do resort

Momento do dia: dia

Padín: “Posso sentar?”

Ana: “Sim, claro.”

Padín: “Ansiava por conhecer-te”

Ana: “Igualmente.”

Padín: “Pelo que ouvi, desde que chegaste, andam todos um pouco agitados.”

Ana: “Sobretudo o Nazário, o seu advogado.”

Padín: “Esse tipo é um cabrão. Mas é muito leal.”

Ana: “Sim. Desde que haja dinheiro para ganhar.”

Padín: “Como toda a gente, não é?”

Padín: “Não conheci ninguém que não gostasse de dinheiro. Não gostas de dinheiro, Ana?”

Ana: “Sim, mas também dou valor a outras coisas”

Padín: “Como o quê?”

Ana: “Liberdade.”

Padín: “Podes ser livre sem dinheiro? Afinal, são a mesma coisa, não?”

Padín: “O Nazário acha que és uma ameaça.”

Ana: “Para ele?”

Padín: “Não, para os negócios. Acha que o meu filho faria tudo para dormir contigo.”

Ana: “A nossa relação é estritamente profissional.”

Padín: “Uma prostituta podia dizer o mesmo, não acha?”

Padín: “E... porque salvaste as raposas?”

Ana: “Porque me contrataram. É o que faço pelos meus clientes em vez de ir para a cama com eles.”

Padín: “Não há outra razão.”

Ana: “Sim, eu não gosto que maltratem os outros só para provar que o podem fazer.”

Ana: “Acho que se tem contas a ajustar com o sócio que o traiu, devia resolver as coisas com eles e não com elas.”

Padín: “E quem te disse que não o fiz?”

Ana: “Teria garantido que todas as pessoas soubessem, não é?”

Padín: “Bem, Ana. Foi um prazer.”

Ana: “Igualmente.”

Registo: 25 Temporada: 1 Episódio: 3

Início: minuto 11:30 Fim: minuto 12:30

Categoria: 3, 7

Local: Armazém onde mantém o Samuel
dia

Momento do dia:

Toño: “Ouve, viste alguém entrar aqui ontem?”

Samuel: “Não.”

Toño: “Pára e pensa antes de responder.”

Samuel: “Porque me bates, Toño?”

Toño: “Samuel, talvez tenhamos de te matar.”

Samuel: “De que estás a falar?”

Toño: “E não precisas de estar aqui. Sabes disso, certo?”

Samuel: “Sei.”

Toño: “Podes estar em casa ou no bar, mas se descobrirmos que andas por aí a dizer que viste isto ou ouviste aquilo, não duras um dia. Entendido?”

Samuel: “Sim.”

Toño: “Mesmo?”

Samuel: “Entendi!”

Toño: “Ótimo, vejo que nos entendemos.”

Samuel: “Diz-lhes para me soltarem.”

Toño: “Sim.”

Samuel: “Eles dão-te ouvidos.”

Toño: “Acalma-te e come qualquer coisa.”

Samuel chora enquanto come uma sopa

Toño: “Come devagar e relaxa.”

Registo: 26

Temporada: 1

Episódio: 3

Início: minuto 17:20

Fim: minuto 22:30

Categoria: 2

Local: Gibraltar

Momento do dia: dia

Padín: “Eles sabem de algo.”

Nazario: “O que podem saber?”

Padín: “Há meses que não me seguem e agora não me largam.”

Padín: “As coincidências não existem, Nazario.”

Nazario: “Seja como for, podíamos ter adiado isto.”

Padín: “Prometi-lhes que viria hoje.”

Nazario: “Não precisávamos de assinar hoje.”

Padín: “E eu devo pedir autorização à merda da polícia para fechar negócios?”

Nazario: “Bom, ainda estás preso.”

Padín: “Ouve Nazario, dentro ou fora da prisão, da minha vida trato eu.”

Padín: “Vamos.”

Registo: 27

Temporada: 1

Episódio: 3

Início: minuto 22:30

Fim: minuto 24:30

Categoria: 3, 4 e 9

Local: Bar de Cambados

Momento do dia: dia

Membro do clã: “Senhores, saíam todos!”

Membro do clã 2: “São surdos? Tudo a sair.”

Berta: “Que raio é isto? O que estão a fazer? Outra vez, não. Saíam!”

Membro do clã 1: “Não vai acontecer nada.”

Berta: “Fora!”

Membro do clã 1: Obedece e corre tudo bem.

Nilo: “Olá, Berta. Há quanto tempo.”

Berta: “O que queres?”

Nilo: “Isto está tão limpo.”

Berta: “O que queres?”

Nilo: “Pintaste-o recentemente?”

Nilo: “Olha, neste exato momento a tua neta está num autocarro para Pontevedra para falar com a Polícia que costuma vir cá.”

Nilo: “Se me disserem que ela entrou na esquadra, queimo-te o bar. Contigo dentro.”

Nilo: “Se fosse a ti, ligava-lhe.”

Berta: “Tenho o telemóvel lá dentro.”

Nilo: “Muito bem, eu vou contigo.”

Berta liga à neta

Maria: “Avó?”

Berta: “Maria, sai daí.”

Maria: “O quê?”

Berta: “Sai daí! Sai daí imediatamente!”

Maria: “Mas...”

Chamada desligada

Moncho liga ao Nilo

Moncho: “Ela acabou de sair. Não falou com ninguém, esteve lá dois minutos.”

Nilo: “Certo.”

Nilo: “Se for preciso, ela que mude de escola e esqueça o Marco. Não quero vê-lo juntos, entendeu?”

Nilo: “Muito bem, é sempre bom ver-te.”

Registo: 28

Temporada: 1

Episódio: 3

Início: minuto 29:25

Fim: minuto 30:20

Categoria: 5, 9

Local: Cartório nacional do Porto, Portugal

Momento do dia:

dia

Ana: “Essa é a documentação?”

Funcionário do cartório: “Sim. E o notário já vem aí.”

Daniel: “Obrigado.”

Daniel: “Tenho de assinar isso tudo?”

Ana: “Parece muita papelada, mas é simples.”

Ana: “Estamos a transferir várias propriedades para uma empresa nas Ilhas Caimão.”

Daniel: “E o resto?”

Ana: “Empresas de fachada. Para as propriedades reaparecerem em nome da empresa principal e perderem o rasto.”

Daniel: “A das Ilhas Caimão?”

Ana: “Exatamente.”

Daniel: “E tens a certeza de que não chegam a mim?”

Ana: “Fazê-lo em Portugal dificulta qualquer investigação, pois precisam de um mandato internacional. E mesmo que consigam, só vão descobrir que vendeste várias propriedades a sociedades anónimas que te pertencem, mas onde o teu nome não aparece.”

Daniel: “Espetáculo.”

Registo: 29

Temporada: 1

Episódio: 3

Início: minuto 30:30

Fim: minuto 31:05

Categoria: 3

Local: Terminal rodoviário Cambados

Momento do dia: dia

Laura: “Andas com o Marco?”

Maria: “O quê?”

Laura: “Ouviste. Responde.”

Maria: “Não é da tua conta.”

Laura: “O que ele te disse?”

Maria: “Sobre o que?”

Laura: “Sobre os tios, o que ele te contou?”

Maria: “Nada, mãe.”

Laura: “O que ias dizer à polícia?”

Maria: “O que eu vi. O que ambas vimos quando levaram o Samuel.”

Maria: “E que ouvi a voz do Toño.”

Laura: “Estás louca?”

Maria: “Porquê? Por dizer a verdade? Por não ficar calada como tu?”

Maria: “Quando te vi com o polícia nem acreditei. Ele tem razão, mãe. Porque haveríamos de os proteger?”

Laura: “Porque eles quase queimaram a tua avó. Percebes ou não?”

Maria sai exaltada

Registo: 30

Temporada: 1

Episódio: 3

Início: minuto 31:10

Fim: minuto 32:30

Categoria: 1, 6

Local: Restaurante no Porto à beira-rio-douro

Momento do dia: noite

Daniel: “E o notário? Mas que personagem. Com aquele casaco e o cabelo grisalho penteado para trás.”

Ana: “Sim, parecia uma estrela de cinema.”

Daniel: “E recomendou-nos este sítio?”

Ana: “E que mal tem este lugar? Eu gosto.”

Daniel: “Eu também, mas ele achava que éramos namorados.”

Ana: “De que estás a falar? Porquê?”

Daniel: “Não vês? Não vês que são só casais?”

Ana: “Não devem ser todos, não é?”

Daniel: “Queres apostar?”

Ana: “Este jantar?”

Daniel: “Vai ser caro.”

Ana: “Comparado aos meus honorários não.”

Daniel: “A sério? Está apostado.”

Daniel: “Aqueles dois, a de roxo e o de barbas.”

Ana: “O que tem? Podem estar casados.”

Daniel: “Não vês que ela se ri das piadas dele? Isso é porque não são casados.”

Homem pede a mulher de roxo em casamento

Ana: “Ah... Não.”

Daniel: “Vou pedir as coisas mais caras.”

Ana: “Cuidado.”

Daniel: “Olha para aqueles dois, que monotonia.”

Daniel: “Ei, parabéns!”

Todo o restaurante bate palmas ao casal

Registo: 31

Temporada: 1

Episódio: 3

Início: minuto 36:40

Fim: minuto 38:30

Categoria: 3, 9

Local: Obra debaixo de uma ponte

Momento do dia: noite

Nilo: “Sai, vamos!”

Retiram Samuel de uma carrinha com um lenço preto a tapar-lhe a cara

Membro do clã 1: “Cuidado aí. Não partas a cabeça agora.”

Membro do clã 2: “Vamos!”

Nilo: “Traz o para cá.”

Samuel: “O que se passa?”

Nilo: “Tira-lhe o carapuço. Mais perto.”

Nilo: “Para ele ver bem.”

Samuel: “Não vou dizer nada.”

Nilo: “Podes ter a certeza.”

Samuel: “Deixa-me ir, Nilo, por favor.”

Nilo: “Pensasses nisso antes de ficares amigos dos polícias.”

Samuel: “Deixa-me ir embora.”

Nilo: “Cala-te. Atirem-no para a vala.”

Samuel: “São loucos? Não, não, não.”

Atiram o Samuel para uma vala atado

Nilo: “Então? Estás bem? Aleijaste-te?”

Samuel: “Cabrões!”

Nilo: “Liga isso, traz isso para aqui.”

Membro do clã liga uma máquina de distribuição de cimento

Samuel: “Não! Eu não lhes disse nada. Foda-se, Nilo.”

Nilo: “Não temos a noite toda, vamos.”

Samuel: “Levem essa merda.”

Nilo: “Calma. Calma.”

Samuel: “Parem com isso, porra!”

Nilo: “O que foi? Agora já mandas?”

Samuel: “Nilo, por favor. Em memória do teu pai, Nilo.”

Nilo: “Não sabes pedir as coisas? Vais obrigar-me a recordar esse cabrão hoje?”

Samuel: “Vai foder-te. Podes matar-me.””

Nilo: “Não fales sobre isto.”

Samuel: “Juro pela vida da minha mãe. Tira-me daqui, por favor.”

Nilo e capangas retiram-se. Samuel fica na vala a encher de cimento e é encontrado de manhã pelos trabalhadores da obra enterrado em cimento pela cintura

Resumo e análise do episódio 3 – Clãs da Galiza

O terceiro episódio aprofunda as tensões internas e externas ao clã Padín, evidenciando a complexidade das relações de poder, os mecanismos de branqueamento de capitais e a normalização da violência como ferramenta disciplinadora.

A narrativa inicia-se com momentos de aparente descontração entre Daniel e Ana, apresentados em atividades de lazer como voos privados e estadias em resorts de luxo. Estes cenários, embora superficiais, funcionam como fachada para negócios ilícitos e introduzem as dinâmicas de sedução e manipulação que Daniel exerce sobre a advogada. A interação entre ambos revela a tentativa do clã em instrumentalizar a sua competência técnica para legitimar e operacionalizar transações suspeitas, como se verifica na aquisição de propriedades e no recurso a empresas de fachada sediadas em paraísos fiscais, nomeadamente nas Ilhas Caimão.

Simultaneamente, o episódio reforça a autoridade de José Padín, que, mesmo encarcerado, continua a negociar e a gerir operações internacionais, como demonstrado nas conversas com Nazario e nas deslocações estratégicas a Gibraltar. A sua visão pragmática sobre o dinheiro e o poder, patente no diálogo com Ana, evidencia uma filosofia criminoso centrada na mercantilização das relações humanas e na confusão deliberada entre liberdade e riqueza.

A vertente violenta do clã emerge de forma explícita nas cenas relacionadas com Samuel. O jovem é mantido em cativeiro e submetido a intimidação física e psicológica, culminando no episódio em que é parcialmente enterrado em cimento como forma de castigo e aviso. Este ato de extrema crueldade simboliza a lógica de silenciamento e de controlo social exercida pelo grupo sobre quem ameaça a sua estabilidade ou colabora com autoridades.

No plano familiar e comunitário, a narrativa aborda o conflito geracional e moral através da relação entre Maria e a mãe, Laura, centrada na hesitação entre denunciar ou proteger os membros do clã. Esta tensão ilustra o dilema ético de quem vive em contextos onde o crime organizado se confunde com a vida quotidiana e onde a lealdade familiar colide com a integridade individual.

O episódio conclui reforçando a rede de influência do clã, visível não apenas no controlo económico e territorial, mas também na capacidade de corromper ou intimidar figuras externas, como se observa na pressão exercida sobre Berta e na vigilância sobre Maria. A articulação entre luxo, violência e manipulação confirma o carácter estruturado e adaptável do grupo, que opera tanto no mercado local como em circuitos internacionais.

Grelha de Observação (5)

Registo: 32 **Temporada: 1** **Episódio: 4**

Início: minuto 8:10 Fim: minuto 9:50

Categoria: 2 e 9

Local: Porto de Leixões, Portugal

Momento do dia: dia

Daniel: “É este?”

Ana: “É. Este é um e o outro é aquele.”

Daniel: “Está tudo em ordem?”

Ana: “Sim, o costume. Quatro empresas que compraram e venderam, e o rasto desaparece.”

Daniel: “Certo.”

Ana: “Sem qualquer ligação aos Padín.”

Daniel: “Vamos ver o outro.”

Ana: “Vais dizer-me porque querias os barcos?”

Daniel: “Sim, pelas licenças. Têm quota para pescar em Marrocos, certo?”

Ana: “Hmhm. Sim, está tudo bem.”

Daniel: “Perfeito.”

Ana: “Perfeito...”

Daniel: “O que foi? Porque te ris?”

Ana: “Nada. Pensava que estávamos noutra ponto, mas vejo que não.”

Daniel: “Espera. Que outro ponto?”

Ana: “Bem, no ponto em que tenho toda a documentação, Daniel.”

Ana: “Das licenças, das quotas, da informação das capturas dos últimos anos.”

Daniel: “Ótimo, parabéns. E?”

Ana: “Não justificam o que gastaste nestes barcos.”

Daniel: “Não?”

Ana: “Não é um bom negócio, como bem sabes.”

Daniel: “Podemos melhorá-los, não? Renová-los.”

Ana: “São para o teu pai.”

Ana: “Certo? Porque apesar de estar preso ainda gere as operações, não é?”

Daniel: “Se responder, tenho de te matar... É o que dizem nos filmes, não é?”

Daniel: “Vamos?”

Ana: “Hmhm. Sim.”

Registo: 33

Temporada: 1

Episódio: 4

Início: minuto 11:10

Fim: minuto 12:40

Categoria: 1, 2, 8

Local: Hospital de Cambados (Anos 90)

Momento do dia: dia

Silva: “Foda-se, Daniel. Mas que bela merda.”

Daniel: “Não é tão mau como parece.”

Silva: “Porque andaste a brincar com a mota?”

Daniel: “Eu sei, foda-se.”

Silva: “Tens de usar a cabeça. O julgamento do teu pai e agora isto.”

Daniel: “Não o vi.”

Silva: “Não, acho que foi ele que não te viu.”

Daniel: “O que vai acontecer agora?”

Silva: “O carro vai para a sucata, mas o tipo está bem.”

Daniel: “Mas estou preso?”

Silva: “Por causa do polícia à porta? Não. Além disso, és menor.”

Silva: “Ele está lá fora para não saíres antes de falares com o juiz.”

Silva: “Mas vais ficar bem. Eu trato de tudo, sim?”

Daniel: “E se me enviarem para aquelas escolas?”

Silva: “Não vais para lado nenhum. É só uma questão de pagar ao tipo pelo carro dele, para não nos causar mais problemas.”

Daniel: “Não peças dinheiro à minha mãe.”

Silva: “Não. E é melhor que ela não saiba disto. Muito melhor.”

Silva: “Eu pago tudo, está bem?”

Daniel: “Não é preciso.”

Silva: “Como assim?”

Daniel: “Há um saco na mansão. Tem documentos e algumas joias, também há relógios. Dos bons. Se vendermos dois ou três...”

Silva: “Este miúdo... O teu pai tem orgulho em ti e não é de admirar.”

Registo: 34 Temporada: 1 Episódio: 4

Início: minuto 12:45 Fim: minuto 14:00

Categoria: 4 e 8

Local: Casa do Silva (anos 90) Momento do dia: dia

Daniel a jogar um videojogo

Silva: “Com mais força, vão ganhar.”

Daniel: “Larga!”

Silva: “Vês? É a minha vez.”

Daniel: “Espera. É a última.”

Silva: “Vou ter de ver mais uma hora?”

Daniel: “A lua nova é só amanhã. Ainda a podes ver esta noite.”

Silva: “E...?”

Daniel: “Não é melhor esperar? Para o que vão fazer.”

Silva: “Para o que vamos fazer? E o que sabes sobre isso?”

Daniel: “Que idade tinham quando começaram?”

Silva: “Mais velhos que tu, se é isso que perguntas.”

Daniel: “Mas eu quero...”

Silva: “O que tens é uma família, que garantirá que nunca te falte nada. Entendido?”

Silva: “Para não te preocupares sobre o Sol ou a Lua. Sabes como é, ver, ouvir...”

Daniel: “E calar.”

Registo: 35

Temporada: 1

Episódio: 4

Início: minuto 15:30

Fim: minuto 16:00

Categoria: 7

Local: Tribunal

Momento do dia: dia

Daniel descobre que o informante da polícia no caso do seu pai José Padín é Silva

Resumo e análise do episódio 4 – Clãs da Galiza

O quarto episódio alterna entre o presente e flashbacks dos anos 90, aprofundando a compreensão sobre a história de Daniel e as raízes do clã Padín.

No presente, Daniel e Ana deslocam-se ao Porto de Leixões para inspecionar barcos adquiridos através de empresas ligadas ao clã. A conversa entre ambos revela que as embarcações possuem licenças para pesca em Marrocos, mas o negócio não apresenta viabilidade económica. Este detalhe sugere que a compra pode servir fins ocultos, como branqueamento de capitais ou movimentação encoberta de mercadorias. A interação também expõe a desconfiança de Ana face às intenções de Daniel e do pai, evidenciando ambiguidade moral e manipulação nas relações.

Nos flashbacks, situados no Hospital de Cambados e na casa de Silva, é mostrado o impacto do acidente de mota protagonizado por Daniel em adolescente. Silva procura protegê-lo, assumindo o pagamento de indemnizações e aconselhando-o a manter segredo, reforçando a lógica de

silêncio e lealdade familiar. Os diálogos refletem a normalização de práticas ilícitas no seio do clã e a preparação de Daniel para esse modo de vida.

O ponto mais marcante do episódio ocorre no Tribunal de Cambados, onde Daniel descobre que Silva foi o informante da polícia responsável pela prisão do seu pai, José Padín. Esta revelação introduz um conflito de lealdade e um elemento de traição que marcará a relação futura entre as personagens e a coesão do grupo.

Grelha de Observação (6)

Registo: 36 Temporada: 1 Episódio: 5

Início: minuto 9:50 Fim: minuto 11:00

Categoria: 7

Local: Cambados junto à praia Momento do dia: dia

Samuel anda pela rua a carregar uma caçadeira

Membro do clã: “Mas que merda é esta? Aonde vai ele?”

Samuel mata a tiro dois membros do clã sentados numa esplanada

Ana: “Meu deus, não!”

Pessoas em pânico: “Socorro! Chamem a polícia!!”

Samuel carrega novamente a caçadeira

Ana em chamada com a polícia

Ana: “Preciso que enviem alguém imediatamente.”

Ana: “Estamos em Cambados, no bar do passeio da praia. Há um atirador. Disparou outra vez.”

Samuel dispara duas vezes contra a casa de banho onde se encontra Toño, atingindo-o

Registo: 37

Temporada: 1

Episódio: 5

Início: minuto 24:50

Fim: minuto 26:00

Categoria: 1, 2, 9

Local: Casa abandonada de Padín

Momento do dia: dia

Ana: “O que fazemos aqui?”

Padín: “Tira a roupa.”

Ana: “Como?”

Padín: “Quero ver se escondes algo.”

Ana: “Mas foi o Daniel que me enviou.”

Padín: “O Daniel parece confiar em ti, mas...Eu não sou o Daniel.”

Padín: “E agora que estou quase livre, não confio em ninguém.”

Ana começa a tirar a roupa

Ana: “Morreu uma rapariga. O seu filho quase morreu. Tudo porque queria enviar a merda de uma mensagem.”

Padín: “A culpa foi dele. Não me deu ouvidos e olha agora. Ele está no hospital, as coisas estão uma confusão.”

Padín: “Vira-te.”

Padín: “Podes vestir-te.”

Ana: “Já está?”

Padín: “Se dependesse de mim, eu pararia tudo agora...”

Ana: “Sim, mas não pode. Porque o barco com a carga está a caminho e passa pelo ponto de encontro numa data que não se pode alterar. Foi por isso que o seu filho me enviou.”

Padín: “Memoriza estas coordenadas. E não as anotes em lado nenhum.”

Padín: “Vá memoriza.”

Padín: “O teu bilhete.”

Ana: “Londres, Roterdão e Dacar.”

Ana: “É mais rápido via Paris.”

Padín: “Sim, mas assim é melhor. Alguém estará à tua espera.”

Padín: “Dá-lhes as coordenadas e voltas. É fácil, não é?”

Ana: “Fácil?...”

Registo: 38

Temporada: 1

Episódio: 5

Início: minuto 29:20

Fim: minuto 31:00

Categoria: 7

Local: Bar de Cambados (Berta)

Momento do dia: dia

Berta: “Daniel, podias ter ido embora quando a tua mãe morreu. Foste bom para ela.”

Berta: “Cuidaste dela durante toda a doença e estiveste ao lado dela até ao fim.”

Berta: “Mas depois... Diziam que tinhas boas notas. Tinhas dinheiro, podias fazer o que quisesses com a tua vida. E escolheste isto.”

Daniel: “Não. Não, eu não escolhi.”

Berta: “É verdade. Não escolheste, foi o teu pai.”

Berta: “Ele precisava de alguém para tomar conta de casa, certo? Alguém que lhe obedecesse.”

Berta: “Alguém de confiança, que não roubaria.”

Berta: “Então ele disse-te “Fica aí quieto!””

Berta: “E tu, ficaste. Foi nisso que te transformaste. Num cão.”

Daniel: “Lamento.”

Registo: 39

Temporada: 1

Episódio: 5

Início: minuto 34:35

Fim: minuto 35:20

Categoria: 9

Local: Dacar

Momento do dia: dia

Padín liga para Ana, que se encontra assustada por estar a ser seguida em Dacar

Ana: “Sim?”

Padín: “Volta para trás.”

Ana: “Estou a ser seguida.”

Padín: “Não, estão à tua espera. Vai à reunião.”

Ana: “Está bem, mas eu não quero prejudicar ninguém.”

Padín: “Relaxa, está tudo bem.”

Ana: “Como pode estar tudo bem? Mandou-o?”

Padín: “Sim, ele está a proteger-te.”

Ana: “A proteger ou a vigiar?”

Padín: “É a mesma coisa.”

Ana: “Para mim, não é.”

Padín: “Eu já te disse que não confio em ninguém.”

Padín: “Está tudo a correr como planeado, é tudo.”

Ana: “Está bem.”

Resumo e análise do episódio 5 – Clãs da Galiza

O quinto episódio intensifica a violência e o clima de tensão que envolve o clã Padín, colocando em evidência o desespero de Samuel e a crescente fragilidade das alianças internas.

O episódio inicia-se com o ataque inesperado de Samuel em Cambados, onde, munido de uma caçadeira, dispara contra membros do clã numa esplanada junto à praia, causando pânico generalizado e vítimas mortais. Este ato desesperado marca uma rutura com o silêncio imposto pela organização e simboliza a escalada do conflito interno, ameaçando expor e fragilizar toda a rede criminoso.

Paralelamente, em interações com José Padín, Ana é sujeita a uma humilhação deliberada quando este a obriga a despir-se para verificar se transporta algo escondido, num claro gesto de intimidação e demonstração de poder. A cena expõe a desconfiança permanente de Padín para com todos, incluindo aqueles que colaboram com o clã. Apesar da tensão, Ana é incumbida de memorizar coordenadas e deslocar-se a Dacar, assumindo um papel logístico crucial nas operações de tráfico marítimo, o que revela a sofisticação e dimensão internacional do esquema.

Simultaneamente, um diálogo entre Berta e Daniel em Cambados resgata memórias do passado e questiona as escolhas de vida do jovem. Berta relembra o período em que Daniel cuidou da mãe doente, contrastando essa faceta com o caminho que seguiu ao assumir os negócios do pai. Este confronto verbal evidencia o peso da herança criminoso e a ausência de autodeterminação de Daniel, moldado pela obediência a José Padín.

O episódio culmina com Ana em Dacar, onde é seguida e instruída por Padín a prosseguir a missão. A tensão entre “proteção” e “vigilância” expressa pela advogada sintetiza o controlo psicológico exercido pelo clã sobre todos os que orbitam em seu redor, reforçando a ambiguidade moral que perpassa a narrativa.

Grelha de Observação (7)

Registo: 40

Temporada: 1

Episódio: 6

Início: minuto 10:20

Fim: minuto 11:15

Categoria: 1, 6

Local: Quarto de Hotel

Momento do dia: dia

Após uma cena sexual entre Daniel e Ana num quarto de hotel

Ana: “Daniel, queria dizer-te...”

Daniel: “Ana, antes de falares...”

Daniel: “Sobre o que propus ontem, podes pensar, não tens de responder agora.”

Ana: “Está bem.”

Ana: “Entretanto, é melhor não nos vermos.”

Daniel: “Durou pouco.”

Ana: “Quero dizer, em público.”

Ana: “Para não pensarem que ainda trabalho para ti.”

Daniel: “E trabalhas, mas é tudo legal. Desde que ninguém saiba de África, está tudo bem, não é?”

Ana: “É que... puserem escutas, no meu escritório.”

Daniel: “Há quanto tempo sabes disso?”

Ana: “Há pouco tempo. Ainda não fui lá.”

Daniel: “Como sabes disso?”

Ana: “A Rosa disse-me. Mas não te preocupes, que eu nem sequer lá fui.”

Ana: “É por isso que te estou a dizer.”

Registo: 41

Temporada: 1

Episódio: 6

Início: minuto 14:30

Fim: minuto 15:50

Categoria: 2, 7

Local: Pista todo-o-terreno da família

Momento do dia: dia

Marco está a fazer motocross

Daniel: “Credo! Sais mesmos aos teus tios. És imprudente, vi que quase caíste.”

Daniel: “E então, eu sei...”

Marco: “Não sabes merda nenhuma.”

Daniel: “Cuidado, não és o único que perdeu alguém. Sabes disso, não é?”

Marco: “Mas não assim.”

Marco: “Agora que ela se foi, não me importo onde estou.”

Daniel: “Estás a sofrer, mas vai passar.”

Marco: “Eu quero entrar. Quero entrar no que estiverem a planear.”

Marco: “Quero trabalhar a sério e não acartar fardos para a praia.”

Daniel: “Passámos a vida toda a proteger-te disto, e os teus pais também.”

Marco: “Serviu de muito...”

Daniel dá uma chapada na cara de Marco

Daniel: “Ouve lá! Aproveita a vida que tens. Queres ser preso? Sabes como é? Porque eu sei.”

Marco: “Se não fizer algo, vou enlouquecer.”

Marco: “Aqueles cabrões roubaram o meu dinheiro e o da Maria. E é por isso que ela está morta.”

Marco: “Eu preciso disso para recomeçar.”

Daniel: “Precisas de dinheiro? És meu afilhado. Nunca te faltará dinheiro, está bem?”

Marco: “Mas eu quero ganhá-lo.”

Daniel: “Vais com o Nilo na lancha. Está bem?”

Registo: 42 Temporada: 1 Episódio: 6

Início: minuto 18:10 Fim: minuto 20:35

Categoria: 1, 4

Local: Restaurante / Estacionamento Esquadra Polícia

Momento do dia: noite/dia

Nilo: “Filho da puta.”

Muñiz: “Sim, tanto faz, mas diz-me uma coisa.”

Muñiz: “Tens algo planeado para breve?”

Nilo: “É por isso que estás aqui?”

Muñiz: “Têm ou não?”

Nilo: “Achas que sou idiota só porque estou bêbado? Só saberás quando for altura de saberes.”

Muñiz: “Como queiras.”

Nilo: “Como queiras? Mas que caralho queres?”

Muñiz: “Presta atenção. O Naranjo e a equipa dele costumam ser muito discretos, mas andam muito ocupados.”

Muñiz: “Significa que têm informações de que algo importante vai acontecer. E estão a preparar-se como se fosse o Dia D.”

Muda cenário para Estacionamento perto da esquadra de polícia

Daniel: “Sim, há mais atividade do que habitual. Também têm de mostrar serviço, não?”

Nilo: “Sim.”

Daniel: “Terá a ver connosco?”

Nilo: “Sabemos que o Muñiz é um cabrão, mas não é tolo. Ele sabe que não será uma operação normal.”

Daniel: “Tem informações corretas ou quer ser pago por dizer algo?”

Nilo: “Isso eu não sei. O problema é termos outros Samuel.”

Daniel: “Outro bufo? Na tua equipa, talvez?”

Nilo: “Na minha equipa não é, de certeza.”

Daniel: “Pões a mão no fogo por todos?”

Nilo: “Ponho.”

Daniel: “Então, de que estás a falar? O que foi? Não, fala caralho!”

Nilo: “Eu só sei que mal conhecemos essa tal advogada.”

Daniel: “A advogada? Ela chama-se Ana. E não é ela.”

Nilo: “Tens a certeza?”

Daniel: “Até o meu pai aprovou.”

Nilo: “Certo, então só o teu pai, tu eu e ela. Somos os únicos que sabemos o que vai acontecer, não é?”

Daniel: “E todos os que estão a trabalhar nos barcos.”

Nilo: “Sim, há muita gente envolvida. É normal haver burburinho.”

Nilo: “Mas daí a saberem o que vai acontecer...”

Daniel: “Um milhão. Um milhão para o Muñiz se me trouxer um nome e provas. Vamos.”

Registo: 43 Temporada: 1 Episódio: 6

Início: minuto 20:40 Fim: minuto 23:15

Categoria: 1, 9

Local: Bar de prostituição Momento do dia: dia

Muñiz: “Espero que não me faças perder tempo.”

Colega de Muñiz: “Não te aproximes, ele vai abrandar.”

Muñiz: “Foda-se. Não sei porque te dou ouvidos. Tens a certeza?”

Colega de Muñiz: “Ele vai lá todas as semanas. Disse-me uma amiga que trabalha lá.”

Muñiz: “Tens umas amizades interessantes. Vejamos, vejamos.”

Colega de Muñiz: “Vais ver.”

Muñiz tira foto a Cañizo a entrar no Bar de prostituição

Muñiz: “Apanhei-te, sacana.”

Colega de Muñiz: “De nada.”

Muñiz: “Muito bem, miúdo.”

Muñiz entra no quarto em que Cañizo pratica ato sexual com uma prostituta e começa a fotografá-lo

Cañizo: “Mas que merda é esta?”

Muñiz: “Isso digo eu. Em que merda te meteste? Ela é menor de idade.”

Muñiz: “E tu, sai daqui. Vai.”

Cañizo: “O que é isto?”

Muñiz: “Fizeste asneira da grossa. Vergonhoso, meu. Vergonhoso.”

Muñiz: “Um polícia da unidade especial a fazer sexo com uma miúda que nem deve ter documentos.”

Cañizo: “O que queres, Muñiz?”

Muñiz: “Que me contes umas coisinhas.”

Cañizo: “Sobre o quê?”

Muñiz: “Sobre o que andam a tramar.”

Cañizo: “Tens noção de que estás a admitir que trabalhas para os Padín?”

Muñiz: “O que estou a admitir, bonitão, é que se não me disseres o que eu quero saber, acabas como segurança num supermercado.”

Muñiz: “Estamos entendidos? Preciso de um nome, e tu sabes qual.”

Cañizo: “Não faço ideia.”

Muñiz: “Não me fudas.”

Cañizo: “Não faço ideia, nem o Naranjo sabe.”

Muñiz: “Não acredito.”

Cañizo: “Temos uma fonte. Mas tem medo de gente como tu, e não comunica diretamente connosco.”

Muñiz: “Certo, e fala com quem?”

Cañizo: “Com a Laura.”

Muñiz: “A raposa?”

Cañizo: “És um filho da puta, Muñiz.”

Muñiz: “Veste-te e toma um banho.”

Cañizo: “És um merdoso.”

Muñiz: “Adeus!”

Registo: 44

Temporada: 1

Episódio: 6

Início: minuto 24:10

Fim: minuto 25:00

Categoria: 9

Local: Escritório antigo de Ana em Madrid
dia

Momento do dia:

Nazário: “As referências que tenho de vocês não poderiam ser melhores. Mas há algo que gostaria de saber.”

Nazário: “Ouvi falar de uma advogada jovem, que trabalha com vocês. E que, aparentemente, é excecional. Ana González Soriano.”

CEO do escritório: “Sim, a Ana. Uma excelente advogada. Infelizmente, a Ana já não trabalha connosco. Mas fique descansado, a equipa que fornecermos será a melhor.”

Nazário: “Não tenho a mínima dúvida. Mas não entendo, se ela era tão boa, ela saiu porque houve algum problema?”

CEO do escritório: “De todo, na verdade foi uma grande perda. Foi uma questão pessoal, o pai faleceu e ela sofreu muito.”

CEO do escritório: “Depois do funeral, nas Ilhas Canárias, saiu sem explicação. Mas posso garantir que não a encontrará em nenhum escritório em Madrid, na verdade ninguém sabe onde ela está.”

Registo: 45

Temporada: 1

Episódio: 6

Início: minuto 31:50

Fim: minuto 32:40

Categoria: 1, 2, 9

Local: Oficina do Nilo

Momento do dia: dia

Marco: “Falaste com o Daniel?”

Nilo: “Ele disse que querias participar, mas é demasiado cedo, não estás preparado.”

Marco: “Ele acha que estou.”

Nilo: “Sim, mas eu trato do que acontece no mar.”

Marco: “Vais deixar-me embarcar ou não?”

Nilo: “Vai na segunda lancha, preparas os motores com o teu tio Toño.”

Nilo: “Toma, conheces esta morada?”

Marco: “Sim.”

Nilo: “Sabes onde é?”

Marco: “Sim. Esta noite?”

Nilo: “Esta noite, amanhã, quando for. Alguém te avisará.”

Nilo: “E mais uma coisa. Nem uma palavra à tua mãe, está bem? Nem à tua mãe, nem a ninguém.”

Nilo: “Entendido?”

Marco: “Entendi.”

Registo: 46

Temporada: 1

Episódio: 6

Início: minuto 38:10

Fim: minuto 38:20

Categoria: 9

Local: Bar de Cambados (Berta)

Momento do dia: dia

Laura entrega uma sandes com informação para Marco, que é o seu informante para a polícia

Resumo e análise do episódio 6 – Clãs da Galiza

O sexto episódio prossegue a teia de tensões e lealdades divididas que envolvem Daniel, Ana e o clã Padín, aprofundando o impacto emocional dos acontecimentos recentes e a preparação para uma operação de grande escala.

O episódio abre com Daniel e Ana num quarto de hotel, onde o relacionamento íntimo entre ambos se confirma. Contudo, a advogada mantém reservas, consciente da vigilância policial e da fragilidade da sua posição. A revelação da existência de escutas no escritório de Ana evidencia o risco constante de exposição das atividades ilícitas do clã.

Paralelamente, Marco demonstra desejo de se envolver diretamente no negócio do clã após a morte de Maria. A dor e a sede de vingança motivam-no a procurar Daniel e Nilo, insistindo em integrar as operações. Daniel tenta demovê-lo, sublinhando as consequências criminais e os esforços anteriores para o manter afastado deste mundo. Contudo, Nilo acaba por conceder-lhe um papel secundário numa operação marítima iminente, sinalizando a erosão das barreiras protetoras erguidas pela família.

Enquanto isso, Muñiz intensifica a sua investigação sobre os Padín, recorrendo a métodos questionáveis para obter informações. O confronto com Cañizo num bar de prostituição — onde o apanha em flagrante com uma menor — revela o grau de corrupção e chantagem que permeia tanto os criminosos como a própria polícia. A descoberta de uma “fonte” protegida que comunica apenas através de Laura sugere a existência de um infiltrado próximo do clã.

O episódio também expõe a procura por Ana por parte de Nazário, que investiga o seu passado profissional e o súbito desaparecimento de Madrid. Este detalhe reforça o mistério em torno da sua ligação aos Padín e antecipa o seu papel central no desfecho do tráfico internacional que se desenha.

O clímax aproxima-se quando Marco, já integrado nas operações, recebe instruções secretas e é avisado para manter silêncio absoluto, inclusive perante a mãe. A cena final, no bar de Berta, revela subtilmente que Marco poderá ser informante da polícia, insinuando mais uma camada de traição e perigo iminente para o clã.

Grelha de Observação (8)

Registo: 47 Temporada: 1 Episódio: 7

Início: minuto 03:10 Fim: minuto 03:30

Categoria: 7

Local: Casa do Silva em Cambados (anos 90) Momento do dia:
dia

Depois de receber um aviso escrito no carro, Silva vai a casa e descobre que a mulher, Berta, o trai com José Padín, seu companheiro do crime

Registo: 48

Temporada: 1

Episódio: 7

Início: minuto 09:35

Fim: minuto 10:10

Categoria: 9

Local: Carro do Daniel

Momento do dia: noite

Daniel: “Ora bem. O Moncho e Fifo levam o combustível.”

Nilo: “Certo, eu piloto.”

Daniel: “Não, nada disso. Eu tenho de estar lá para dar certo.”

Nilo: “E nós não sabemos nada? Somos incompetentes?”

Daniel: “Não quis dizer isso.”

Nilo: “Exato. Para isto funcionar tu tens de estar em terra. A controlar a operação, com telemóveis e os radares.”

Nilo: “Vais estar no meio do mar a engolir gasóleo e água? Estamos aqui para isso.”

Registo: 49

Temporada: 1

Episódio: 7

Início: minuto 13:00

Fim: minuto 14:00

Categoria: 2, 4

Local: Armazém escondido

Momento do dia: noite

Daniel: “Ouve. Já pensaste no que te disse?”

Nilo: “Sobre sair?”

Daniel: “Sim.”

Nilo: “Sim, pensei. Mas não vou embora.”

Daniel: “Podemos partir juntos.”

Daniel: “Tu é que sabes. Se ficares, o meu pai crucifica-te. Sabes como ele é.”

Nilo: “Por isso mesmo. Eu conheço-o, e sei lidar com ele.”

Nilo: “Ninguém é melhor do que eu a fazer-se de parvo.”

Daniel: “Construíste um negócio rentável.”

Nilo: “Mais uma razão. Está tudo a correr bem, não vou sair daqui.”

Nilo: “Vamos dar tudo hoje.”

Daniel: “Juntos!”

Daniel e Nilo abraçam-se

Registo: 50

Temporada: 1

Episódio: 7

Início: minuto 28:00

Fim: minuto 29:30

Categoria: 7, 9

Local: Casa de controlo da operação principal
noite

Momento do dia:

Ana: “Claro, mas...Nem tudo é dinheiro, não é?”

Membro de outro grupo organizado que coopera com os Padín: “Não é? Então, diga-me. O que realmente quer?”

Ana: “Vingança.”

Membro de outro grupo organizado que coopera com os Padín: “Tão jovem e já tem contas a ajustar.”

Ana: “Bom, já me magoaram.”

Membro de outro grupo organizado que coopera com os Padín: “E quer que retribuamos o favor pelo trabalho que nos está a fazer?”

Ana: “Não seria a primeira vez, pois não? Já o fizeram.”

Membro de outro grupo organizado que coopera com os Padín: “Como assim?”

Ana: “Com o Silva.”

Membro de outro grupo organizado que coopera com os Padín: “O cabrão que pôs o Padín na prisão. Certo, quem te disse? O Daniel?”

Ana: “Não, foi. Não me lembro, mas foi o Padín que vos pediu para o encontrarem, certo?”

Membro de outro grupo organizado que coopera com os Padín: “Não, estás mal informada. Foi o Daniel que o encontrou.”

Ana: “O Daniel?”

Membro de outro grupo organizado que coopera com os Padín: “Sim, e não foi fácil.”

Membro de outro grupo organizado que coopera com os Padín: “Ele estava obcecado por aquele filho da puta.”

Ana: “Então, foi o Daniel que vos pediu para tratar disso?”

Membro de outro grupo organizado que coopera com os Padín: “Não, estás enganada de novo. Foi o Padín que nos pediu, quando soube que o Daniel ia à Ilha procura-lo.” “

Membro de outro grupo organizado que coopera com os Padín: “O que foi? Não parece muito feliz com o que ouviu.”

Ana: “Sim, estou bem.”

Membro de outro grupo organizado que coopera com os Padín: “Não tem de decidir agora. Leve o seu tempo, sem pressa.”

Ana: “A casa de banho?”

Membro de outro grupo organizado que coopera com os Padín: “Ao fundo do corredor, à direita.”

Ana sai da sala e vai à casa de banho vomitar

Registo: 51

Temporada: 1

Episódio: 7

Início: minuto 41:35

Fim: minuto 44:00

Categoria: 7

Local: Prisão onde está Daniel preso

Momento do dia: dia

Ana vai visitar Daniel à prisão, meses após o mesmo ser preso no falhanço da megaoperação que preparou

Ana: “Quando te enviei a carta, não sabia se aceitarias ver-me”

Daniel: “Não pensei que te atrevesse a vir. Não saís ao Silva”

Ana: “Saio à minha mãe.”

Daniel: “Uma vez perguntaste-me o que faria se o encontrasse antes do meu pai.”

Daniel: “Não sei.”

Ana: “Não sabes? E passaste anos a procurá-lo.”

Daniel: “Sim, porque aquele cabrão magoou-me. Destruiu a minha vida.”

Daniel: “Mas se o visse à minha frente, não sei, acho que não o mataria.”

Daniel: “Eu teria o gosto de olhar nos olhos dele e perguntar-lhe o porquê de ter feito o que fez.”

Ana: “Para se salvar, não?”

Daniel: “Não, teve de haver outra coisa. Algo mais, que o fez passar-se. Mas bem, acho que nunca vou saber.”

Ana: “Pois. Eu também vim à procura de respostas. E olha...”

Daniel: “O que vais fazer agora?”

Ana: “Não sei, os colombianos andam atrás de mim e o teu pai também.”

Daniel: “Eu sei.”

Ana: “Porque acham que fui que te denunciei.”

Daniel: “Não, não sabias onde eu estava. Não foste tu que os mandaste, eu sei.”

Ana: “Certo.”

Daniel: “O que foi?”

Ana: “Juro que queria que o teu pai apodrecesse na prisão.”

Daniel: “Posso perguntar-te algo?”

Ana: “Sim, claro.”

Daniel: “Tu e eu, foi tudo uma mentira? Quer dizer, houve algum momento, antes de saberes que eu encontrei o teu pai, em algum momento...”

Ana: “Se eu falar, vais acreditar?”

Daniel: “Podes tentar.”

Ana: “Sim, houve.”

Daniel: “Que pena. Que pena, não é?”

Ana: “É.”

Daniel: “Que é?”

Ana: “Eu estou grávida, e é teu.”

Daniel: “O que é?”

Guarda prisional: “Acabou o tempo.”

Daniel: “Espere um pouco, só um pouco.”

Ana: “Desculpa.”

Daniel: “Espere, só um pouco por favor. Ana!”

Ana sai da sala da prisão e vai-se embora

Fim da primeira temporada

Resumo e análise do episódio 7 – Clãs da Galiza

O sétimo episódio encerra a temporada reunindo os fios narrativos de vingança, lealdade e revelações familiares que permeiam toda a trama. O tom é simultaneamente de clímax e de despedida, marcado por decisões irreversíveis e confrontos emocionais.

O episódio inicia com um flashback dos anos 90, onde Silva descobre a traição de Berta com José Padín. Este momento funciona como gatilho psicológico para a sua futura decisão de se tornar informante, explicando a sua colaboração com a polícia e o envolvimento indireto na prisão do clã Padín. A traição, aqui, é sobretudo pessoal e desencadeia uma rutura que moldará as escolhas de Silva ao longo da narrativa.

No presente, Daniel e Nilo preparam a última operação marítima com os colombianos. O diálogo entre ambos, dentro do carro e no armazém, expõe a tensão entre o desejo de Daniel em liderar diretamente e a insistência de Nilo na necessidade de controlo estratégico em terra. A conversa evolui para um momento de cumplicidade — o abraço entre os dois — evidenciando a profundidade da amizade construída no crime e a consciência de que a operação poderá ditar o fim para ambos.

Paralelamente, Ana mantém-se imersiva no submundo Padín, negociando com outros grupos criminosos e revelando motivações pessoais que vão para além do lucro: a vingança. A cena de diálogo com membros aliados dos Padín revela segredos desconfortáveis — a participação de Daniel na perseguição a Silva — e desencadeia uma crise emocional que a leva a vomitar no sanitário, símbolo do peso psicológico que carrega e da tensão crescente entre sentimentos e dever.

O desfecho acontece já após o colapso da megaoperação e a prisão de Daniel. Meses depois, Ana visita-o na prisão. O diálogo entre ambos alterna entre confronto e intimidade, culminando na revelação inesperada de que Ana está grávida e o filho é de Daniel. O momento, abruptamente interrompido pelo guarda prisional, encerra a temporada num tom trágico e ambíguo, deixando em aberto o futuro do clã, a lealdade de Ana e o destino do filho que simboliza a união e o conflito das duas famílias.

Codificação das grelhas de observação – EP. 1 (10)

Categoria	Episódio	Diálogo da cena	Unidade de registo
1. Representações do recrutamento criminoso e ligações criminosas corruptas	1	Daniel: “Conheces o provérbio “a preguiça é a mãe de todos os vícios?” É o vício da Guarda Civil.”	1
	1	Daniel: “Os teus colegas fazem fila para entrar nisto. Só para que saibas.”	2
	1	Daniel: “Preciso que me represente. Há algum problema?”	6
	1	Daniel: “É por isso que estou aqui. Preciso dos teus serviços.”	8
2. Hierarquia e autoridade mafiosa simbólica	1	Membro do clã 1: “Poupem-me. Parecem novatos, vamos lá!”	11
	1	Daniel: “Não te chateies, vamos ver quem está a espera de quem.”	13
3. Estetização da violência na representação cinematográfica			
4. Territorialidade e identidade	1	Marco: “Queria pedir-te que contasses comigo.”	9

e cultural mafiosa			
5. Articulação entre legalidade e criminalidade			
6. Romantização do uso de lucros do crime na representação cinematográfica	1	Daniel: "Toma. 400 euros."	10
7. Fatores psicológicos	1	Daniel: "Estás a atrasar-me. Alinhas ou procuro outra pessoa?"	3
8. Lucro, poder e influência	1	Daniel: "Não te preocupes. É bom que nos vejam."	4
9. Modus operandi	1	Padín: "Quando quiseres. Uma mariscada, sabes como é. Obrigado, José Luís"	7
	1	Daniel: "Não te preocupes. Calma. Diz que estás tonto, vou livrar-me dos polícias."	5
	1	Moncho: "Toma, anota este número e espera que eu te ligue."	12
	1	Daniel: "Pronto, já temos o polvo para a festa."	14

Codificação das grelhas de observação – EP. 2 (11)

Categoria	Episódio	Diálogo da cena	Unidade de registo
-----------	----------	-----------------	--------------------

1. Representações do recrutamento criminoso e ligações criminosas corruptas	2	Daniel: “Porque não vens comigo? Podias ser a minha lebre.”	4
	2	Daniel: “E? Tinha de fazer algo, não? Primos ou parentes já não dá. É cada vez mais difícil. A Felisa é perfeita.”	11
	2	Marco: “Só queria ajudar.”	13
2. Hierarquia e autoridade mafiosa simbólica	2	Berta: “Ele quer que todos saibam que ele não perdoa. Nunca.”	1
	2	Padín: “O problema é que, se acharem que não há consequências, vão continuar a foder-nos.”	3
	2	Membro do clã: “Esta noite, no bar das raposas.”	7
	2	Nilo: “Ele está com fome? Dá-lhe de comer, não queremos que ele morra.”	14
3. Estetização da violência na representação cinematográfica			
4. Territorialidade e identidade cultural mafiosa	2	Ana: “Ouve, tenho uma questão. Queres ficar com o bar do porto?”	5
	2	Laura: “Porque achas que o raptaram no bar? Para mostrar que podem fazer o que querem. O bar é deles, como tu nesta cidade. Mesmo assim tu...”	12
5. Articulação entre legalidade	2	Berta: “Os Padín querem comprar o bar.”	2
	2	Ana: “E, em troca, figura como proprietária de bens no valor de mais de 4 milhões de euros, incluindo esta casa.”	10

ade e crimin alidade			
6. Roman tização do uso de lucros do crime na repres entaçã o cinema tográfi ca			
7. Fatore s psicoló gicos	2	Samuel: “Desculpa.”	8
8. Lucro, poder e influên cia			
9. Modus operan di	2	Laura: “Esta empresa também lhes pertence.”	6
	2	Maria: “Têm passa-montanhas.”	9

Codificação das grelhas de observação – EP. 3 (13)

Cate gori a	E pi só di o	Diálogo da cena	U ni d a d e d e r e g i s t o
1. Rep rese ntaç ões do recr uta men to crim inos o e liga çõe s crim inos as corr upta s	3	Padín: “Ansiava por conhecer-te”	4
	3	Daniel: “Eu também, mas ele achava que éramos namorados.”	15
2. Hier arqu ia e auto rida de mafi osa sim bóli ca	3	Padín: “E quem te disse que não o fiz?”	5
	3	Padín: “Ouve Nazario, dentro ou fora da prisão, da minha vida trato eu.”	8
	3	Toño: “Samuel, talvez tenhamos de te matar.”	6

3. Este tização da violência na representação cinematográfica	3	Membro do clã 1: Obedece e corre tudo bem.	10
	3	Laura: “Porque eles quase queimaram a tua avó. Percebes ou não?”	14
	3	Nilo: “Tira-lhe o carapuço. Mais perto.”	17
4. Territorialidade e identidade de cultura mafiosa	3	Membro do clã: “Senhores, saíam todos!”	9
5. Articulação entre a legalidade e criminalidade	3	Ana: “Estamos a transferir várias propriedades para uma empresa nas Ilhas Caimão.”	12
6. Romantização do uso de lucros	3	*Ana e Daniel encontram-se a sobrevoar Cambados, olhando e sorrindo um para o outro*	1
	3	*Daniel e Ana a andar de carro de luxo marca Porsche*	2
	3	Daniel: “Vai ser caro.”	16

do crime na representação cinematográfica			
7. Fatores psicológicos	3	Toño: “Podes estar em casa ou no bar, mas se descobrirmos que andas por aí a dizer que viste isto ou ouviste aquilo, não duras um dia. Entendido?”	7
8. Lucro, poder e influência	3	Daniel: “Não, relaxa e desfruta. Não pode ser só trabalho.”	3
9. Modus operandi	3	Nilo: “Se me disserem que ela entrou na esquadra, queimo-te o bar. Contigo dentro.”	11
	3	Ana: “Fazê-lo em Portugal dificulta qualquer investigação, pois precisam de um mandato internacional. E mesmo que consigam, só vão descobrir que vendeste várias propriedades a sociedades anónimas que te pertencem, mas onde o teu nome não aparece.”	13
	3	*Membro do clã liga uma máquina de distribuição de cimento*	18

Codificação das grelhas de observação – EP. 4 (14)

Categoria	Episódio	Diálogo da cena	Unidade de registo
1. Representações do recrutamento criminoso e ligações	4	Silva: “Este miúdo... O teu pai tem orgulho em ti e não é de admirar.”	4

crimino sas corrupta s			
2. Hierarqu ia e autorida de mafiosa simbólic a	4	Ana: “São para o teu pai.”	2
3. Estetiza ção da violênci a na represe ntação cinemat ográfica			
4. Territori alidade e identida de cultural mafiosa	4	Silva: “O que tens é uma família, que garantirá que nunca te falte nada. Entendido?”	5
5. Articula ção entre legalida de e criminali dade			
6. Romanti zação do uso de lucros do crime na represe ntação cinemat ográfica			

7. Fatores psicológicos	4	*Daniel descobre que o informante da polícia no caso do seu pai José Padín é Silva*	7
8. Lucro, poder e influência	4	Silva: “Não vais para lado nenhum. É só uma questão de pagar ao tipo pelo carro dele, para não nos causar mais problemas.”	3
	4	Silva: “Para não te preocupares sobre o Sol ou a Lua. Sabes como é, ver, ouvir...”	6
9. Modus operandi	4	Ana: “Sim, o costume. Quatro empresas que compraram e venderam, e o rasto desaparece.”	1

Codificação das grelhas de observação – EP. 5 (15)

Categoria	Episódio	Diálogo da cena	Unidade de registo
1. Representações do recrutamento criminoso e ligações criminosas corruptas	5	Padín: “O Daniel parece confiar em ti, mas...Eu não sou o Daniel.”	3
2. Hierarquia e autoridade mafiosa simbólica	5	Padín: “Tira a roupa.”	2
3. Estetização da violência na representação cinematográfica			
4. Territorialidade e identidade			

cultural mafiosa			
5. Articulação entre legalidade e criminalidade			
6. Romantização do uso de lucros do crime na representação cinematográfica			
7. Fatores psicológicos	5	*Samuel mata a tiro dois membros do clã sentados numa esplanada*	1
	5	Berta: “Daniel, podias ter ido embora quando a tua mãe morreu. Foste bom para ela.”	5
8. Lucro, poder e influência			
9. Modus operandi	5	Padín: “Memoriza estas coordenadas. E não as anotes em lado nenhum.”	4
	5	Padín: “Sim, ele está a proteger-te.”	6

Codificação das grelhas de observação – EP. 6 (16)

Categoria	Episódio	Diálogo da cena	Unidade de registo
1. Representações do recrutamento criminoso e	6	Daniel: “E trabalhas, mas é tudo legal. Desde que ninguém saiba de África, está tudo bem, não é?”	2
	6	Muñiz: “Presta atenção. O Naranjo e a equipa dele costumam ser muito discretos, mas andam muito ocupados.”	5
	6	Cañizo: “Tens noção de que estás a admitir que trabalhas para os Padín?”	7
	6	Marco: “Ele acha que estou.”	9

ligações criminosas corruptas			
2. Hierarquia e autoridade de mafiosa simbólica	6	Daniel: “Credo! Sais mesmos aos teus tios. És imprudente, vi que quase caíste.”	3
	6	Nilo: “Sim, mas eu trato do que acontece no mar.”	10
3. Estetização da violência na representação cinematográfica			
4. Territorialidade e identidade e cultural mafiosa	6	Nilo: “Sim, há muita gente envolvida. É normal haver burburinho.”	5
5. Articulação entre legalidade e criminalidade			
6. Romantização do uso de lucros do crime na representação cinematográfica	6	*Após uma cena sexual entre Daniel e Ana num quarto de hotel*	1
7. Fatores psicológicos	6	Marco: “Aqueles cabrões roubaram o meu dinheiro e o da Maria. E é por isso que ela está morta.”	4

8. Lucro, poder e influência			
9. Modus operandi	6	*Muñiz entra no quarto em que Cañizo pratica ato sexual com uma prostituta e começa a fotografá-lo*	6
	6	Nazário: “As referências que tenho de vocês não poderiam ser melhores. Mas há algo que gostaria de saber.”	8
	6	Nilo: “E mais uma coisa. Nem uma palavra à tua mãe, está bem? Nem à tua mãe, nem a ninguém.”	11
	6	*Laura entrega uma sandes com informação para Marco, que é o seu informante para a polícia*	12

Codificação das grelhas de observação – EP. 7 (17)

Categoria	Episódio	Diálogo da cena	Unidade de registo
1. Representações do recrutamento criminoso e ligações criminosas corruptas			
2. Hierarquia e autoridade mafiosa simbólica	7	Daniel: “Juntos!”	5
3. Estetização da			

violência na representação cinematográfica			
4. Territorialidade e identidade cultural mafiosa	7	Nilo: “Sim, pensei. Mas não vou embora.”	3
	7	Nilo: “Mais uma razão. Está tudo a correr bem, não vou sair daqui.”	4
5. Articulação entre legalidade e criminalidade			
6. Romanização do uso de lucros do crime na representação cinematográfica			
7. Fatores psicológicos	7	*Depois de receber um aviso escrito no carro, Silva vai a casa e descobre que a mulher, Berta, o trai com José Padín, seu companheiro do crime*	1
	7	Ana: “Vingança.”	6
	7	Ana: “Eu estou grávida, e é teu.”	8
8. Lucro, poder e influência			

9. Modus operan di	7	Nilo: “Exato. Para isto funcionar tu tens de estar em terra. A controlar a operação, com telemóveis e os radares.”	2
	7	Membro de outro grupo organizado que coopera com os Padín: “E quer que retribuamos o favor pelo trabalho que nos está a fazer?”	7